U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

A **VARANDA** EM EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR
na cidade do Porto

PATRÍCIA RODRIGUES CASANOVA DA SILVA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA
À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
ARQUITETURA

A **VARANDA** EM EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR
na cidade do Porto

O CONJUNTO HABITACIONAL DAS FONTAINHAS

Patrícia Rodrigues Casanova da Silva
Docente Acompanhante: Arq. Paula Petiz



ÍNDICE

0_RESUMO/ABSTRACT 1-3

1_INTRODUÇÃO

1.1) Objeto 4

1.2) Objetivo 4

1.3) Metodologia 5

2_CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1) Enquadramento 7

2.2) Cidade do Porto: da 'ilha proletária' ao Programa Especial de Realojamento (PER) 8-13

2.3) O Conjunto Habitacional das Fontainhas (PER) – A zona de São Vítor 14-17

3_SOBRE A VARANDA

3.1) Varanda, sacada e *loggia* 18-23

3.2) Outros espaços de contacto com o exterior: alpendre, galeria e terraço 24-27

3.3) A janela: expressão mais elementar da varanda e da galeria 28-29

4_A VARANDA A PARTIR DO SÉC. XIX

4.1) A casa burguesa do séc. XIX 30-33

4.1.1)A varanda como espaço de representação 34-37

4.2) A habitação rural 38-39

4.2.1) A varanda como espaço de receção 39-43

4.3) As mudanças do século XX 44-47

4.3.1) A higiene e o conforto 47-50

4.3.2) 'As ilhas proletárias' 50-51

4.3.3) Primeiras iniciativas de habitação plurifamiliar condigna 51-55

4.4) O Modernismo e a renovação de um modelo 56-61

4.4.1) O aparecimento dos grandes conjuntos 62-65

4.4.2) 'A máquina de habitar' e a reformulação do programa da casa 66-68

4.4.3) A varanda como espaço de contacto com o exterior/natureza 68-71

4.5) A crítica ao Modernismo e o retomar da pequena escala 72-73

4.5.1) A varanda começa a ser posta em causa 73-75

5_ DIFERENTES NÍVEIS DE RELAÇÃO

5.1) A varanda e a casa 76

5.1.1) Os espaços do sujo/limpo 77-83

5.1.2) Ventilação, iluminação: o contacto com o exterior 84-87

5.1.3) Sala/varanda: um espaço de exceção 88-91

5.2) A varanda e o edifício 92

5.2.1) A varanda enquanto espaço de transição entre o público/privado 93-95

5.2.2) Outros espaços de transição 96-97

5.2.2.1) O átrio de acesso 98-101

5.2.2.2) A caixa de escadas. 101-103

5.2.2.3) O átrio de entrada 104-105

5.2.2.4) A galeria 106-106

5.2.2.5) A varanda 111

5.3) A varanda e o contexto urbano 112

5.3.1) Fachada - relação frente/traseira 113-115

5.3.2) O papel da 'imagem' 116-118

5.3.3) A fachada como construção de uma imagem social 119-121

6_A VARANDA: ESPAÇO PENSADO E ESPAÇO VIVIDO

6.1) A relação forma/função 123-125

6.2) Usos e formas de apropriação 126

6.2.1) O uso, ultrapassa a função 127-129

6.2.2) A apropriação, ultrapassa o uso 130-132

6.3) Função/usos/apropriação e os modos de habitar 133

6.3.1) Conceitos em análise: 135

6.3.1.1) Conceito de 'mínimo' 135-138

6.3.1.2) Conceito de 'habitat' /'habitus' 138-139

6.3.2) Modos de habitar: 140

6.3.2.1) O habitante na definição do espaço 140-141

6.3.2.2) A perceção do espaço 142-145

7_CASO PARTICULAR DE SÃO VITOR

7.1) Conjunto Habitacional das Fontainhas, PER, Arq. Hélder Casal Ribeiro, 1996/2007.....146-157

7.1.1) O contexto urbano: 159

7.1.1.1) A escala do Conjunto 159-161

7.1.1.2) A relação particular dos três volumes com a envolvente 161-163

7.1.2) O Largo: ligação entre o Bairro de São Vítor e o Conjunto das Fontainhas 163-165

7.1.3) As varandas: 167

7.2.3.1) A tridimensionalidade do alçado 167

7.2.3.2) As suas diferentes associações 168-169

7.2.3.3) Os usos mais frequentes 169-173

7.1.4) O interior das habitações 174-189

8_NOTAS FINAIS

8.1) Propostas de reabilitação 190-209

9_CONCLUSÃO.....210-211

10_ BIBLIOGRAFIA 212-217

11_ CRÉDITO DE IMAGENS 218-225

0_RESUMO

A varanda em edifícios de habitação de interesse social com custos controlados é o tema desenvolvido na seguinte dissertação.

Depois de uma fase inicial, em que se apresenta o tema, procura-se enquadrar o problema no contexto da cidade do Porto, selecionando um caso de estudo. De seguida, o trabalho desenvolver-se-á em três partes.

Na primeira parte, esclarecesse-se os termos em análise, desenvolvendo de seguida um estudo sobre a origem e desenvolvimento do tema da varanda, desde o século XIX até a atualidade.

Na segunda parte procura-se relacionar a varanda e os modos de habitar. Analisa-se, numa primeira fase, a varanda e os diferentes níveis de relação, a casa, o edifício e o contexto urbano. Numa segunda fase, estuda-se a varanda como um espaço pensado por um arquiteto e vivido por uma família, procurando compreender a relação entre este elemento e os modos de habitar.

Na terceira parte desenvolve-se o caso de estudo selecionado, tendo pontualmente como referência outros casos que ajudem à sua compreensão.

Palavras-chave: Varanda, Habitação Plurifamiliar, Habitação de Interesse Social, Usos, Apropriação, Modos de Habitar.

ABSTRACT

The veranda in buildings of social housing with controlled costs is the theme developed in the following dissertation.

After an initial phase, in which is presented the subject, we seek to frame the problem in the context of Porto, selecting a study case. Then, the work will be developed in three parts.

In the first part, it is clarified the terms under review, then developing a study of the origin and development of the theme the veranda, since the nineteenth century to the present.

In the second part we seek to relate the veranda and the ways of living. It is analyzed, at first, the veranda and the different levels of relationship, the house, the building and the urban context. Secondly, is studied the veranda as a space designed by an architect and lived by a family, seeking to understand the relationship between this element and ways of living.

In the third part is developed the selected study case, having punctually as reference other cases that help to their understanding.

Keywords: Veranda, Multifamily Housing, Social Housing, Uses, Appropriation, Ways of living.

1_INTRODUÇÃO

1.1) Objeto

A dissertação que se pretende desenvolver tem como objeto de estudo a varanda em edifícios da habitação plurifamiliar de interesse social, a custos controlados, tomando pontualmente como referência outro tipo de situações, de habitação plurifamiliar corrente.

1.2) Objetivos

No âmbito desta temática tem-se como objetivo estudar a varanda enquanto espaço de transição entre o interior e o exterior da habitação, procurando entender algumas das relações que se estabelecem entre o espaço coletivo e o espaço privado, tendo como referência formas de materialização e modos de apropriação, numa relação espaço/tempo e identificando formas de expressão.

A varanda, enquanto espaço de mediação entre o interior da habitação e o espaço coletivo, associa-se a formas de representação e a usos e vivências domésticas do quotidiano, que acabam por influenciar a "imagem" do edifício. Neste contexto identificam-se relações entre os usos e modos de apropriação da varanda e a forma como acabam por influenciar a expressão do edificado, tornando-se determinante na 'imagem da habitação'. Procura-se tomar como referência diferentes situações face a diferentes contextos, tanto urbanos como socioculturais e perceber se a presença da varanda se define numa relação entre arquitetura e vivências.

Tendo presente que na conceção da habitação de interesse social, as limitações impostas pelos custos controlados acabam por se tornar uma das condicionantes do projeto, podendo determinar a exclusão da varanda, tem-se como principal objetivo refletir sobre os possíveis desempenhos desse dispositivo, questionando o quadro legislativo atualmente em vigor.

1.3) Metodologia

Numa primeira fase desenvolveu-se um trabalho de consulta bibliográfica sobre o tema da habitação coletiva, envolvendo edifícios de habitação social do Porto do século XX e primeira década do século XXI.

De seguida iniciou-se um trabalho de revisão bibliográfica, no sentido de fazer um enquadramento do objeto de estudo na cidade do Porto, procurando identificar, de forma geral, relações entre a arquitetura e o respetivo contexto sociocultural. Para uma identificação de usos e formas de apropriação exploraram-se conceitos que se inserem no campo da sociologia.

Paralelamente revisitou-se alguns dos exemplos de edifícios de habitação plurifamiliar corrente, nomeadamente a de custos controlados, que motivaram o interesse por esta temática e identificamos os casos de estudo posteriores.

Para o estudo dos exemplos selecionados, explorou-se as relações entre as obras e os respetivos projetos de arquitetura e a legislação que vigorava aquando a sua elaboração, nomeadamente as "Recomendações Técnicas para Habitação Social", que datam de 1986.

Procurou-se também contactar alguns dos arquitetos responsáveis pelos projetos dos casos selecionados, consultando os documentos respetivos, no sentido de conhecer melhor as suas experiências.

Com base numa análise, reflexão e revisão bibliográfica, feita em paralelo com o trabalho de campo, pretende-se perceber o papel da varanda, conforme os objetivos anteriormente referidos.

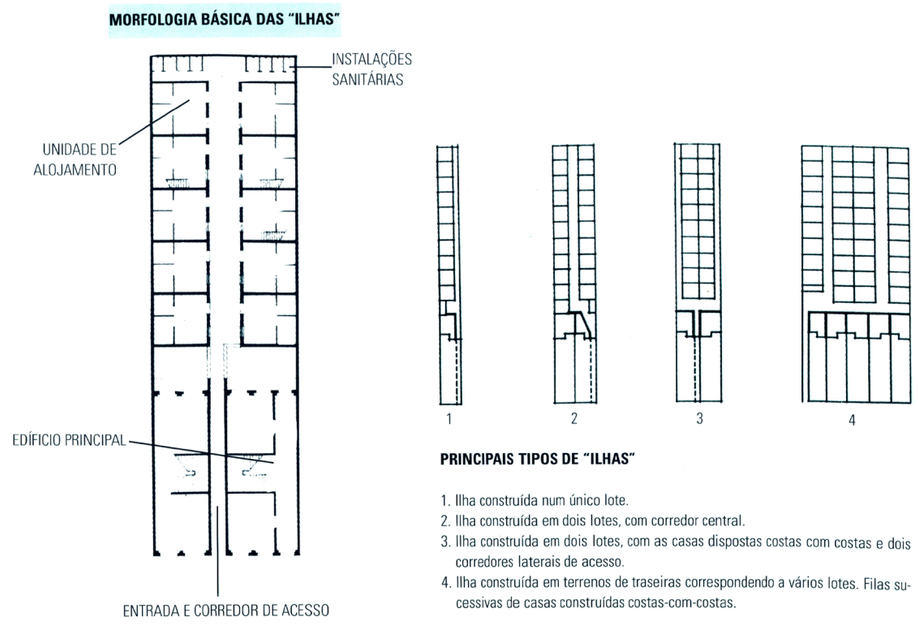
2_ CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1) Enquadramento

Tendo em conta a varanda em edifícios de habitação plurifamiliar a custos controlados, este trabalho focar-se-á no contexto da cidade do Porto, com principal incidência nas intervenções do final do século XX e início do século XXI.

Contudo, para uma melhor compreensão da temática em estudo, será feita uma abordagem inicial, no sentido de relacionar a varanda com um contexto temporal mais abrangente no que diz respeito ao processo de construção da habitação social na cidade do Porto e Área Metropolitana do Porto.

Ainda para o respetivo enquadramento, abordar-se-á a varanda, a sua origem, as suas diferentes materializações, os seus diferentes contextos e formas de apropriação. Tendo sempre presente a ausência generalizada da varanda em edifícios de habitação de custos controlados ao longo das últimas décadas do século XX e início do século XXI.



(1)

2.2) Cidade do Porto: da 'ilha proletária' ao Programa Especial de Realojamento (PER)

"A arquitetura é o aspeto visual da história, isto é, o modo em que surge a história."[1].

No contexto do espaço urbano do Porto, recuando no tempo até meados do século XIX, retoma-se a referência da chamada 'casa burguesa', associada à classe social da burguesia. Esta tipologia habitacional marcou todo esse século e encontra-se ainda muito presente no centro histórico da cidade.

Tratou-se de uma época muito marcada pelo desenvolvimento industrial e consequente aumento populacional[2], em que se verifica o aparecimento da classe operária. A necessidade de alojar um número cada vez maior de população associada à ausência de uma resposta eficaz em termos de habitação, acaba por determinar o aparecimento das chamadas 'ilhas'. "Para aqueles que (...) desconheçam esse tipo de agrupamentos de construção, podem os mesmos definir-se como sendo constituídos por casas térreas, sem as dimensões mínimas legais, em regra apenas com três divisões, das quais apenas uma com iluminação e ventilação directas, com sanitários exteriores e comuns a vários moradores, situadas no interior dos quarteirões e, em geral, agrupados em série e com exíguo e comum acesso."[3]. Este tipo de habitação, destinado a alojar as classes operárias, localiza-se nas traseiras dos lotes das casas burguesas, tendo como único contacto com a rua o ponto de entrada/acesso.

A ilha trata-se de um tipo de *habitat* cujas principais características são: a exiguidade e insalubridade do espaço; o facto de se localizarem nas traseiras do lote, o que faz com que ao mesmo tempo que se isola no interior do quarteirão também se lige ao espaço público através de um único acesso. Logo o contacto com a rua e a relação das pessoas com o espaço exterior será assim muito diferente do que observamos atualmente. Esta população que veio originalmente viver nas ilhas, criou hábitos próprios e uma relação com o exterior muito marcada pelas características que referimos.

---

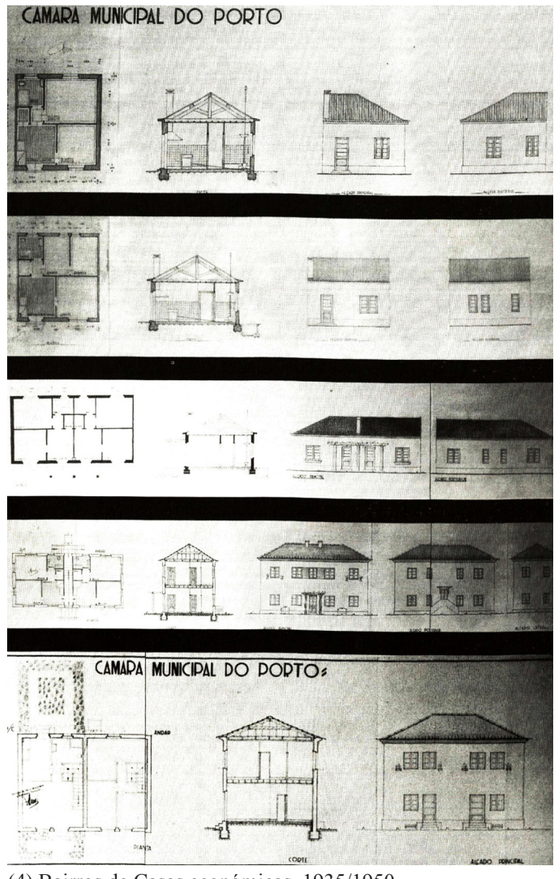
[1] [69] Pág. 102
[2] "Em 1883, um terço da população trabalhava na indústria e a cidade começava a ser conhecida como 'cidade industrial' No quadro dum país em mudança, a industrializar-se e a urbanizar-se, o número de trabalhadores da indústria e da população residente no Porto aumenta significativamente.". Em 36anos (1864-1900) a população praticamente duplicou, passando de 86.761 para 167.955. [51] Pág. 20
[3] [12] Pág. 7



(2)



(3) Imagens de 'ilhas' do Porto



(4) Bairros de Casas económicas, 1935/1950









(5) Colónias Operárias

É assim necessário perceber como se faz essa relação com o exterior e com a rua e de que forma a vivência do corredor de acesso, como espaço exterior de prolongamento da casa, inclui o uso e a apropriação. Qual o valor deste espaço de transição, entre o interior privado da casa e o exterior público da rua?

Na passagem para o século XX, com o despontar de uma preocupação em resolver o problema da carência e insalubridade habitacional, começam a surgir as primeiras intervenções do Estado[4]. É lançada nesta altura a ideia de 'casa económica', uma primeira referência a uma tipologia habitacional com as condições mínimas de salubridade e de custos controlados.

Só após a Segunda Guerra Mundial é que começam a surgir as primeiras tentativas de resolver eficazmente o problema da habitação[5]. Em 1955 a Câmara Municipal acaba por lançar o 'Plano de Salubrização das 'ilhas' do Porto', a que se segue o 'Plano de Melhoramentos' da cidade, em 1956. Estes Planos surgem com o objetivo de transferir os habitantes das 'ilhas' para bairros sociais localizados na periferia da cidade e atribuindo-lhes condições mínimas de habitabilidade. Estes dois planos vão ser os principais motores para o forte desenvolvimento de habitação plurifamiliar no Porto.

O modelo habitacional selecionado para a realização destes planos foi o de edifício tipo bloco, de baixa altura (entre a 3 a 4 pisos), em que os sistemas de acesso mais frequentes são vertical-múltiplo e galeria. Com este tipo de edifício, que agrega várias famílias, relança-se o tema da relação da habitação com o exterior. A varanda começa a ser difundida, estando presente na grande maioria dos edifícios feitos ao abrigo do Plano de Melhoramentos. Questionamos assim o papel que desempenha este elemento. Que 'imagem' do conjunto se constrói a partir do uso deste dispositivo?

A década de 70 foi um período de rutura, quer social, quer política, em que a 'habitação ganha direitos de cidadania'[6]. No seguimento da revolução de 25 de Abril

[4] Com o Regime Republicano, implantado em 1910 são apenas construídas quatro colónias operárias. Contudo este será um período em muitos aspetos culturalmente contraditório. "(...)as obras emblemáticas do regime durante a primeira década são, na sua grande maioria, entendidas como modernistas, os vários bairros sociais, de pequena dimensão e, para a época, periféricos, vão cruzar forma dos Siedlungen e da garden city. Talvez para evitar a habitação coletiva e permitir o alinhamento de casinhas unifamiliares". [6] Pág. 118

[5] Em 1946 é criada a primeira entidade portuguesa responsável pela promoção habitacional, as Habitações Económicas, ligadas à Federação das Caixas de Previdência (HE-FCP). É nesta altura também que se dá o I Congresso Nacional de Arquitectura, marcado pelos ecos da Carta de Atenas.

[6] O início dos anos 70 é um período em que, "tal como se refere no Livro Branco sobre a Política da Habitação em Portugal, a 'habitação ganha direitos de cidadania', e no qual se processa um forte intervencionismo do Estado no Sector da Habitação". [18] Pág. 61

de 1974, surge o SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local), programa que se torna no primeiro movimento em Portugal que procura conciliar a gestão da oferta do Estado com a participação dos moradores. São assim lançados novos pressupostos, não só em termos de construção de habitação, mas também em termos de realojamento. Através das intervenções do SAAL procurou-se realojar uma população proveniente das ilhas que lutaram por um realojamento no mesmo local onde viviam[7]. Este será um fator a ter em conta no desenvolvimento deste estudo.

Com o processo SAAL recuperou-se a intervenção de pequena escala, incluindo os pátios no piso térreo, com soluções que permitem a apropriação do espaço exterior de forma espontânea.

Foi um processo curto, iniciado em 31 de Julho de 1974 termina a 25 de Outubro de 1977, deixando grande parte das suas intervenções incompletas[8].

É na década de 80 que se desenvolve a legislação atualmente em vigor. A Portaria de 1983 esclarece o conceito de 'habitação social', limita as 'áreas brutas'[9] e define o limite máximo do custo médio da construção por metro quadrado de área bruta (sendo em 1983, 16 500$). Este primeiro passo é complementado em 1985, data em que pelo Despacho nº 41/MES/85 de 5 de Fevereiro, são aprovadas e publicadas as Recomendações Técnicas para Habitação Social (RTHS)[10]. Esta legislação, que deve ser aplicada em conjugação com o Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU), lança algumas indicações que vão além daquelas definidas pela Portaria anterior. Estas não se limitam ao edificado mas abrangem a intervenção no seu conjunto, deixando anotações quanto ao arranjo urbanístico (rede de infraestruturas, espaços exteriores / zonas verdes adjacentes, exposição solar, etc.).

Esta legislação, com que se trabalha ainda hoje, assenta no pressuposto de que um controle de área bruta da construção acaba por se refletir num custo controlado dos empreendimentos. Questionamos este componente da legislação, com que os arquitetos trabalham ainda hoje ao construir habitação de custos controlados e a forma como poderá

[7] Este princípio acabou por ser defendido na maioria das intervenções. "É de sublinhar, não só a preocupação com o realojamento das populações em torno das áreas de origem, mas também a efectiva implicação dos moradores das ilhas no processo de realojamento". [52] Pág. 18

[8] Foram propostos cerca de 3 500 fogos, sendo construídas no total 374 habitações. [6] Pág. 266

[9] A área bruta corresponde à soma de todas as áreas, incluindo paredes e o espaço correspondente da área do edifício. [43] Pág. 61/62

[10] Estas recomendações "destinam-se a servir de guia para a elaboração de projectos- sem introdução de constrangimentos significativos de concepção mas apelando para a imaginativa no sentido da optimização do binário custo qualidade da habitação- e, também, para a apreciação de projectos nos diversos aspectos segundo os quais deve ser avaliada a qualidade das soluções". [43]Pág. 4

condicionar a introdução da varanda nos projetos de interesse social.

Na década de 90 os princípios defendidos durante a implementação do SAAL são retomados e valorizados. "O 'direito à cidade e o combate à exclusão social […] põe-se, nos anos 90, de forma radicalmente diferente."[11]. Na mesma década, em 1993, o Governo Português lança o Programa Especial de Realojamento - PER[12], que "tem como objectivo a erradicação definitiva das barracas existentes nos municípios das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, mediante o realojamento em habitações condignas das famílias que nelas residem."[13]. Contudo, na área do Porto, o principal problema a resolver eram as 'ilhas', não estando tão presentes as barracas.

Desta forma, no concelho do Porto, apostou-se na construção de novos conjuntos habitacionais, implantados em zonas mais centrais, próximas das zonas de proveniência das famílias realojadas. Nestas intervenções, ao contrário das realizadas nos anos 60 ao abrigo do Plano de Melhoramentos, os espaços exteriores de uso comum são valorizados, sendo considerado o contributo deste tipo de espaços para uma imagem global de conjunto. Contudo, desde o Plano de Melhoramentos até ao PER, houve um desaparecimento progressivo da varanda, estando ela ausente na grande maiorira dos projetos de habitação de custos controlados.

Questionamos esta ausência da varanda e os reflexos que acaba por ter nos usos e formas de apropriação do espaço da habitação e relativamente às formas de habitar.

No início do século XXI os dados do Recenseamento de 2001 mostram que as carências em termos de habitação mudaram, considerando que não há uma necessidade urgente de construir novos conjuntos mas sim de recuperar os que existem e que se encontram degradados. O Governo decide revogar o DL 163/93 de 1993, que lançou o PER, substituindo-o pelo DL nº 271/2003 de 28 de Outubro de 2003, que permite o financiamento de reabilitações[14].

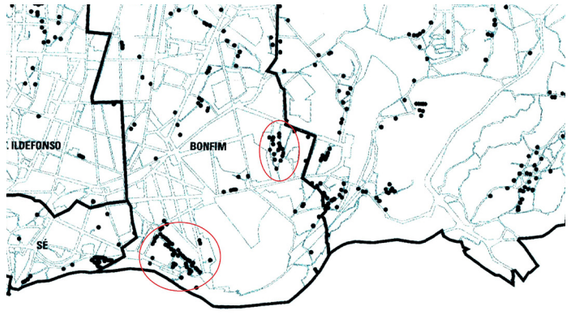
Com esta alteração ao PER inicia-se um processo de reabilitação dos bairros dos anos 60 na cidade do Porto, feitos ao abrigo do Plano de Melhoramentos, que se caracterizou por um investimento nas fachadas exteriores dos edifícios, com o encerramento, na maioria dos casos, de varandas, assim como galerias e caixas de escadas.

[11] GUERRA, Isabel [82] Pág. 12

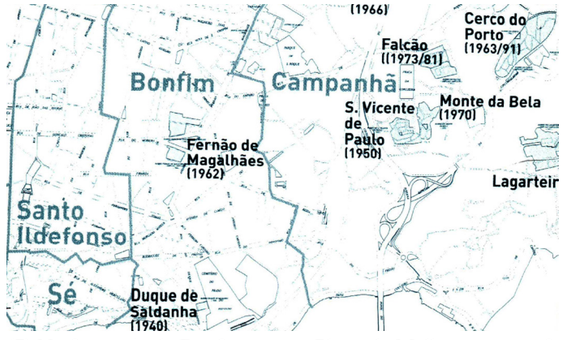
[12] Pelo DL nº 163/93 de 7 de Maio de 1993, nasce o Programa Especial de Realojamento (PER).

[13] [98] Pág. 2381

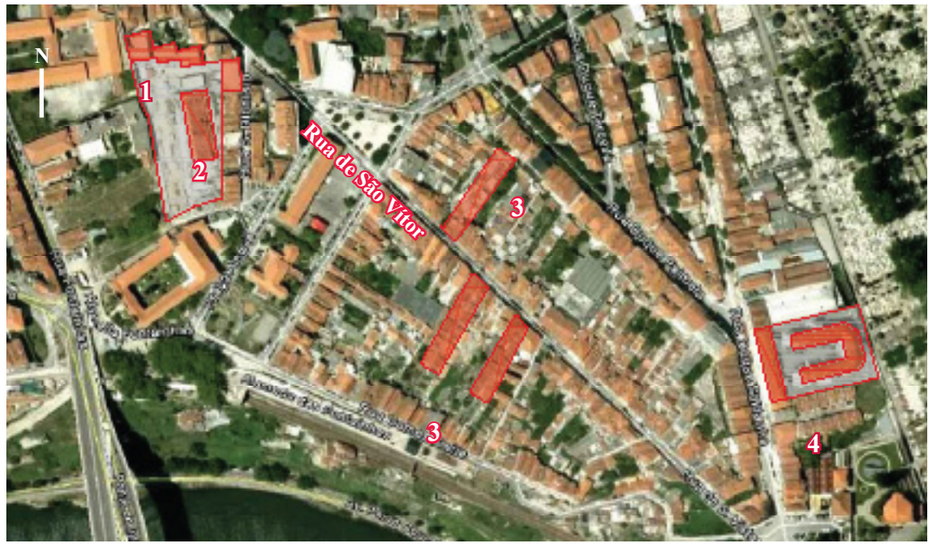
[14] "(...) passados 10 anos sobre a criação do PER, resulta evidente a dissociação entre o recurso à aquisição e construção de fogos novos para efeito do realojamento e a realidade do sector da habitação (…) É assim, primordial, também no PER, favorecer e estimular a reconstrução e manutenção das habitações, potenciando um aproveitamento adequado do património existente (…) incentivando-se, desse modo, a reabilitação urbana em detrimento da aquisição ou construção de fogos novos.". [100] Pág. 7182



(6) Dois núcleos principais de ilhas na freguesia de Bonfim.



(7) Na freguesia de Bonfim, com o Plano de Melhoramentos, foram construídos apenas o Bloco Duque de Saldanha, junto à Rua de São Vítor e o Bairro Fernão Magalhães.



(8)
1_Conjunto Habitacional das Fontainhas
2_Bairro de São Vítor
3_Ilhas
4_Bloco Duque de Saldanha

2.3) O Conjunto Habitacional das Fontainhas (PER) - A zona de São Vítor

O Conjunto Habitacional das Fontainhas, construído ao abrigo do PER (1996/2007), com projeto do arquiteto Hélder Casal Ribeiro, foi selecionado como caso de estudo. De entre os cerca de 150 casos de promoção municipal construídos na cidade do Porto, este foi o único projeto de habitação plurifamiliar em que foi incluída a varanda[15]. Procurou-se saber junto do arquiteto o porquê desta opção, ao que ele respondeu que nunca tinha admitido a possibilidade de excluir a varanda, já que entendia tratar-se de uma opção inquestionável. Contudo, no conjunto dos projetos realizados ao abrigo do PER, no que diz respeito ao universo acima mencionado, regra geral, acabou por não ser incluída a varanda. Daí a pertinência deste caso de estudo, que, ao incluir este elemento, permite observar como esta população usa e se apropria deste espaço.

Este Conjunto localiza-se na zona de São Vítor, junto à operação SAAL com o mesmo nome, obra projetada pelo arquiteto Siza Vieira, e que faz parte das freguesias Sé/Bonfim. Esta zona que durante todo o século XIX foi considerada 'zona periférica'[16], já no século XX, torna-se parte integrante da malha da cidade[17]. Em 1818 dá-se a abertura da Rua de São Vítor e "foi sem dúvida a projectada construção desta rua que desencadeou o desenvolvimento da área."[18]. A sua localização privilegiada, relativamente próxima do centro mas sem estar tão associada ao caos das zonas mais antigas foi e continua a ser uma das mais-valias para quem opta por habitar nesta zona.

O fator da localização, associado às características morfológicas do espaço urbano – grandes quarteirões e arruamentos longos[19]- terá favorecido o aparecimento das primeiras ilhas da cidade, cuja permanência manteve-se até à contemporaneidade[20].

[15] Ref. Arq. Paula Petiz

[16] Ao longo do século XIX, depois de uma fase inicial de ocupação das zonas mais antigas do Porto, Cedofeita ou Santa Catarina, a população tendeu cada vez mais a acompanhar a deslocação da indústria para espaços mais alargados nos limites da cidade. A zona de São Vítor, embora estivesse relativamente próxima do centro histórico e beneficia-se de uma forte relação com o rio, no início do século XIX era ainda uma quinta privada cercada por pinhais, a Quinta da Fraga. [62] Pág. 235

[17] Isto porque, ao longo de todo o século XIX esta zona sofre um crescimento sem precedentes. "Se todas as freguesias que envolvem o núcleo histórico do Porto crescem assinalavelmente na segunda metade do século XIX, nenhuma o faz como o Bonfim, que se transforma, em 1900, na freguesia mais populosa da cidade, ultrapassando Santo Ildefonso, Sé e Cedofeita ...". [88] Pág. 5

[18] [62] Pág. 236

[19] A morfologia de grandes quarteirões permaneceu e apesar dos novos arruamentos desenvolvidos no século XX, esta continua a ser uma característica marcante da freguesia de Bonfim.

[20] "O processo de industrialização desenvolveu-se com particular intensidade nas freguesias de Bonfim e Campanhã que, por conseguinte, atraíram muita população operária, de origem rural, que aí procurou alojamento perto dos locais de trabalho a preços compatíveis com os modestos salários. Ainda hoje, mais de um terço das casas em 'ilhas' existentes na cidade localizam-se nestas freguesias, principalmente na primeira.". [51] Pág. 20

“A primeira referência a «ilhas» como forma de habitação do Porto data de 1844 e refere-se ao nº 186 da Rua de S. Vítor (…] Os termos do requerimento significam que a ilha se encontrava construída há já algum tempo, consequentemente, que a construção de ilhas na Rua de S. Vítor se iniciaria nos primeiros anos da década de 1840 ou mesmo nos últimos da década de 1830.”[21]. A zona de São Vítor terá talvez resistido mais afincadamente à quebra dos quarteirões. Uma vez que as ilhas foram desde muito cedo ocupando grande parte do interior dos quarteirões, foi difícil ao longo do século XX fracionar estes núcleos densos de habitação.

O plano de salubrização das ilhas tentou erradicar alguma dessa população mas as intervenções de grande escala do Plano de Melhoramentos foram desenvolvidas em zonas mais periféricas da cidade, daí a resistência por parte da população em abandonar as ilhas e a sua localização ‘privilegiada’. Encontra-se apenas desenvolvido nesta zona o Conjunto de Moradias Económicas na rua Duque de Saldanha (1937/1940). Este conjunto acabou por ter uma escala que destoa do típico lote da cidade oitocentista ou da morfologia das ilhas que caraterizavam toda esta zona.

Numa localização relativamente próxima destaca-se a presença de duas intervenções, uma do SAAL e o caso do PER, ambas localizadas no interior do mesmo quarteirão. Apesar das duas décadas que as separam estas intervenções representam uma tentativa de resolver o problema das ilhas e ao mesmo tempo, revitalizar o interior de um dos quarteirões caraterísticos desta zona.

No caso do Bairro de São Vítor (1974/1977), foi necessário demolir uma série de ilhas no interior do quarteirão e criar um acesso a esse núcleo sem qualquer frente de rua. Este tipo de intervenção de pequena escala, que procura realojar a população próximo da sua zona de origem é recuperada mais tarde na intervenção do PER.

A população que ocupava as ilhas, foi aquela que veio a ser realojada no Bairro de São Vítor, em 1974. Por outro lado, a população que veio habitar o Conjunto das Fontainhas, em 2006, é maioritariamente oriunda de zonas próximas do centro da cidade, nomeadamente Sé, Campanhã, São Nicolau[22].

É assim possível analisar como se relacionam e se influenciam estas duas realidades, em termos de habitação e população, numa situação de estreita proximidade.

É de referir que já em 1832 existiam cerca de 200 ilhas (Ref. [31]) e em 1939, 67 ilhas, com 830 casas e 2 954 habitantes (Ref. [62] Pág. 25).

[21] [62] Pág. 239

[22] Fonte: habitantes do Bairro de São Vítor e Conjunto das Fontainhas.



(9)



(10)



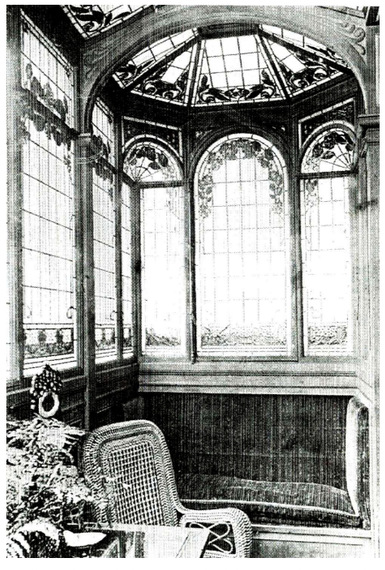
(11)





(12) Exemplos de varandas em edifícios de habitação.

(13)



(14) *Wérandah*, numa habitação da Rua Croix-des-Petitis- Champs. Arq. Breffendille, 1899.

3_SOBRE A VARANDA

3.1) Varanda, sacada e *loggia*

O termo ‘varanda’, que aparece nos dicionários de língua portuguesa como sendo de ‘origem obscura’[23], surge “*Nos fins do séc*. XV: «…e veo ter comnosco onde estauamos lançados em hua varanda onde estaua hu grande casticall darame…»”[24]. Esta referência não esclarece que tipo de estrutura está em causa mas enuncia já um conceito em que se regista a expressão ‘lançados’, da qual se subentende a noção de ‘estrutura projetada’, para lá dos limites da fachada.

Numa publicação mais recente é referido que “varanda (…) trata-se de um vocábulo indiano que, através do português, passou para outras línguas europeias”[25], o que poderá explicar o fato de serem exíguas as referências a este termo noutras línguas. Os ingleses e franceses usam mais os termos *balcony* ou *balcone*, que correspondem ao termo ‘balcão’ em português[26].

Ponderamos a hipótese de o termo ‘varanda’ ter surgido posteriormente aos termos ‘sacada’ e ‘balcão’. António Martins designa varanda como “uma espécie de terraço estreito, ou antes, numa só sacada extensa ou balcão corrido, ao longo de toda a fachada principal do prédio e da linha das janelas de um dos andares ou de todos e até em todas as quatro faces, com ou sem cobertura”[27]. Nesta definição estão presentes os termos sacada e balcão, sem que se perceba claramente o que cada um quer dizer mas englobados no conceito de ‘varanda’.

---

[23] Varanda: “s.f. (De origem obscura): Estrutura saliente ao nível do pavimento dos pisos, construída no enfiamento de portas e janelas, rodeada por uma grade ou balaustrada, com parapeito, geralmente até um metro de altura.”. [94] Pág. 3704

[24] [94] Pág. 376

[25] [40] Pág. 29

[26] Registamos ainda a referência ao termo *wérandah*, do final do século XIX, que terá sido adaptado para o francês *véranda*: *uma galeria inteiramente vidrada, de estrutura ligeira, construída frequentemente em metal, que é importada de Inglaterra (...) e que desempenhava o mesmo papel da bow-window na fachada*. [25] Pág. 264
Esta *wérandah* tem um carater diferente pois trata de *uma pequena sala de estar que complementa a sala de jantar*. [25] Pág. 266

[27] [40] Pág. 29



(15) Varandas num edifício de habitação popular em Lisboa. Arq. Joaquim Tojal, 1902/1908



(16) 'Avarandado' em madeira, numa habitação no Brasil, o quintal adaptado aos trópicos



(17) Varandas num edifício de habitação popular na zona da Alfândega do Porto.



(18) Varandas num edifício de habitação na mesma zona, mas recuperado recentemente.

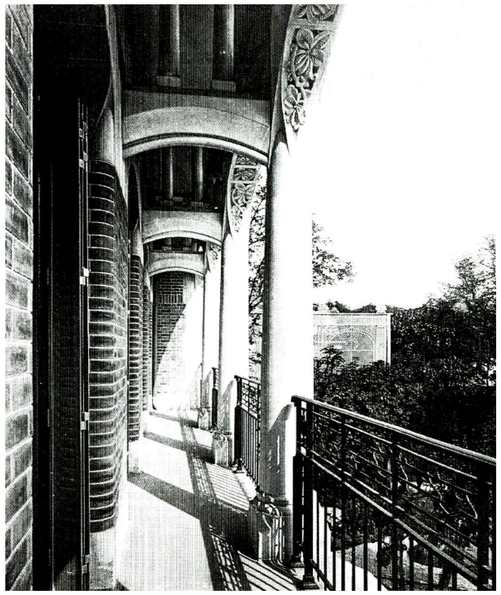
Estes dois conceitos começam a ser utilizados a partir do séc. XVI [28] e marcam a arquitetura do séc. XVIII e XIX. Uma das definições encontradas refere 'sacada' como "um varandim limitado a cada janela, fazendo saliência somente em frente desta, motivo por que aquela é rasgada até ao pavimento ou não tem peitoril. (…) A palavra balcão (…) é usada como sinónimo de sacada."[29]. Nuno Portas define varanda e balcão da mesma forma: "quando predominantemente projetada do plano da fachada."[30].

Subentendemos que os termos balcão e sacada implicam dispositivos projetados no plano da fachada, os quais, tendo dimensões reduzidas, não permitem'estar no exterior'. A existência destes dispositivos permite valorizar os espaços interiores contíguos, uma vez que possibilitam uma relação mais direta com o exterior. Mas estão também muito expostos, isto porque, ao se projetarem para lá da fachada, tornam visíveis a todos os transeuntes o uso que se faz desses espaços.

Loggia[31] é outro conceito que se pode associar à varanda e surge inicialmente em Itália para designar uma "Galeria exterior, pórtico abobadado, com arcadas, aberta de um lado."[32]. Com a evolução no tempo passou a ser utilizado pelos modernos para designar *um balcão coberto e fechado dos lados, logo (...) recuado na fachada, e circunscrito entre várias paredes em que uma delas permite o acesso a partir da casa por uma janela ou uma porta-janela*[33].

A *loggia,* ao contrário do balcão e sacada que se projetam 'além' do plano da fachada, resulta de um 'recuo' em relação ao mesmo plano, apresentando-se como um negativo na massa construída. Nuno Portas refere-se a loggia "quando encaixada no volume do edifício."[34], uma ideia associada ao termo desde a origem, *As profundas loggias da Europa meridional, recordam esta forma de introduzir um compartimento exterior no corpo do edifício (...) É um compartimento que parece ter prescindido de uma das suas paredes para deixar penetrar um fragmento de exterior dentro da casa*[35]. A *loggia*, sendo

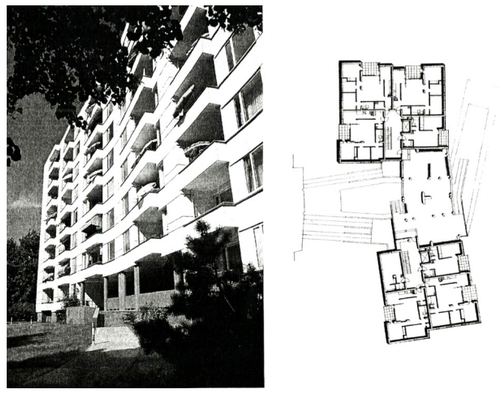
[28] s. De *sacar*. Séc. XVI; «Mandou tirar hos balcões & sacadas que hauia na çidade de Lisboa, obra proveitosa & mui neçessaria». [96] Pág. 132
[29] [40] Pág. 29/30
[30] [55] Pág. 71
[31] Este conceito terá as suas origens no italiano e não há uma tradução literal para português. Alguns dicionários traduzem como alpendre, galeria ou varanda, outros optam pela tradução literal de "lógia". Optaremos por manter o estrangeirismo e utilizaremos o conceito na sua versão italiana, *loggia*.
[32] [95] Pág. 222
[33] [71] Pág. 3
(...)la loggia est un balcon couvert et fermé sur les côtés, donc (...) en retrait de la façade, et circonscrite entre plusieurs murs dont l'un permet l'accès depuis le logis via aussi une fenêtre ou une porte-fenêtre.
[34] [55] Pág. 71
[35] [46] Pág. 138



(19) *Loggia*, no Boulevard de Montmorency, 1913.



(22) Exemplo de *bow-window.*



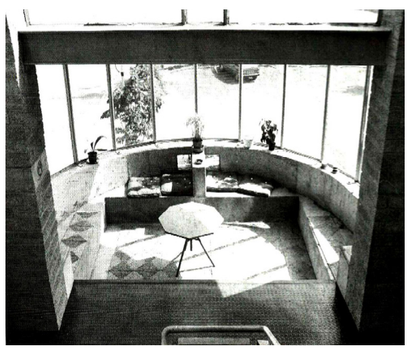
(20) *Loggias* no centro de todas as salas.
Edifício de habitação plurifamiliar.
Arq. Alvar Aalto, Berlim



(23) Exemplo de *bow-window*



(21) Vista interior da *loggia* da Unidade de Habitação de Marselha, 1945/1952.



(24) Vista interior de uma *bow-window*, associada a uma sala.

um espaço recuado, torna-se menos visíveis a partir da rua, o que lhe confere maior gesguardo e conforto. Pelo facto de se encontrarem recuadas, com um único vão aberto ao exterior, permitem um encerramento facilitado, ao contrário do que acontece com a varanda projetada..

No trabalho o termo 'varanda' será utilizado genericamente, mesmo quando nos referimos a balcão, sacada e *loggia*.

Ainda dois termos devem ser referidos, *bow-windows* [36] e 'marquises'. As *bow-w*indows referem-se a "gaiolas envidraçadas, agarradas às fachadas para iluminarem a sala de jantar"[37], dispositivo este que valoriza o espaço interior da sala, através de uma iluminação natural mais eficaz e de uma relação com o exterior mais abrangente devido à sua forma em curva, ou em planos formando um ângulo. O termo 'marquise' é relativamente recente na nossa língua: "significa alpendre, construção envidraçada, saliente da construção maior"[38]. Nuno Portas refere o termo "quando projetada ou encaixada mas protegida por gelosias e/ou envidraçados parcialmente retiráveis."[39]. Destacamos que as varandas dos conjuntos habitacionais feitos ao abrigo do Plano de Melhoramentos, recentemente reabilitados, acabaram maioritariamente por ser transformadas em marquises.

Las profundas loggias da la Europa meridional, recuerdan esta forma de introducir una habitación exterior en el cuerpo del edificio (...) Es una habitación que parece haber prescindido de una de sus paredes para hacer penetrar un fragmento de exterior dentro de casa.

[36] *Bow-window* ou *bay-window*, existem os dois termos, o primeiro é utilizado para designar um espaço projetado para lá do edifício, em forma curva, normalmente associado à sala de estar, sendo um espaço de repouso. O segundo designa uma janela com forma curva, podendo não ter um espaço de estar associado. Não existe uma tradução para nenhum dos termos, embora alguns dicionários portugueses façam referência a janela em arco ou janela saliente, opta-se por utilizar o estrangeirismo.

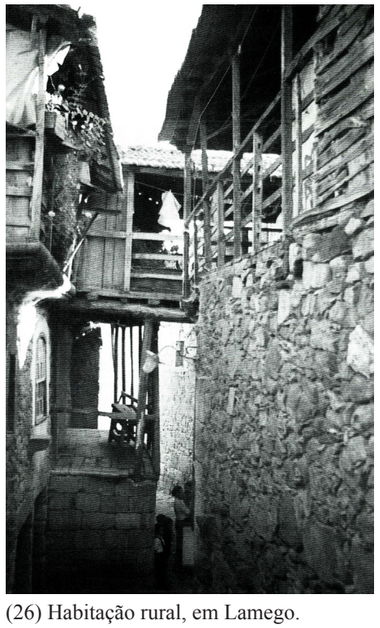
[37] [1] Pág. 326: referência ao aparecimento das *bow-windows*, no início do século XX, associadas à habitação burguesa francesa.

[38] [40] Pág. 49

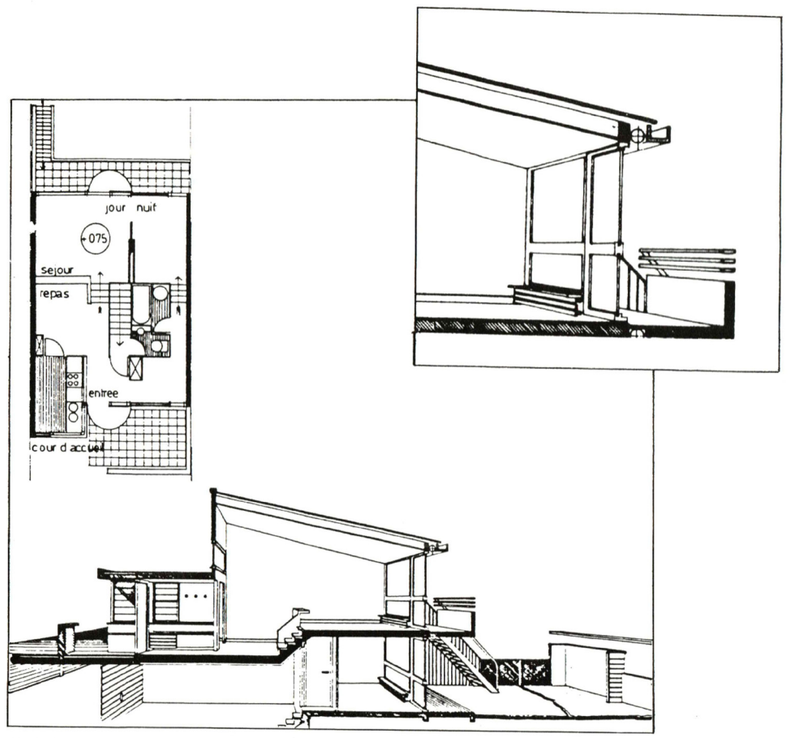
[39] [56] Pág. 71



(25) Alpendre numa casa em Santa cruz.



(26) Habitação rural, em Lamego. Construções à volta de um pátio, ligadas por pontes, 'galeiras'.



(27) Arq. L. Mayeur e D. Renaud
Esquemas da relação entre varanda e pátio.

3.2) Outros espaços de contacto com o exterior: alpendre, galeria e terraço

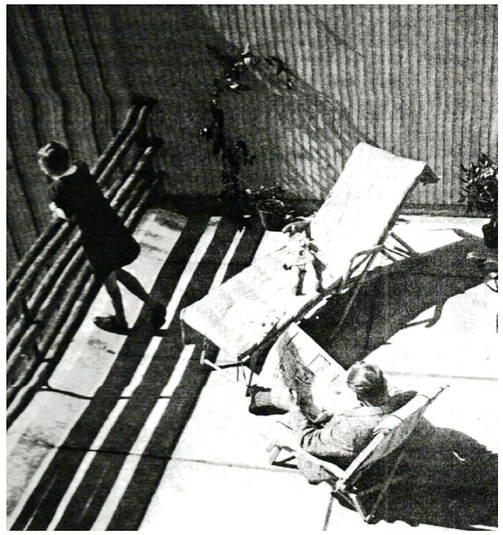
A varanda, projetada ou recuada nos limites da fachada, representa acima de tudo um espaço de contacto com o exterior e de prolongamento da casa. Existem, no entanto, outros dispositivos que permitem esse contacto: o alpendre ou pátio, normalmente situado no piso térreo em contacto direto com o terreno; a galeria, situada nos pisos superiores e o terraço, que aparece na maioria dos casos na zona da cobertura[40].

O conceito de 'alpendre' surge no séc. XIV "Segundo parece, a forma arc. mais corrente era alpênder. Deve relacionar-se com o lat. pendere, «pender» (…) Em 1339: «…no adro da Eigreia de ssam jujhiãão sso o alpender dos sseus pääços…».[41]. Uma definição mais atual define este conceito como: "Parte externa de um edifício constituída por uma cobertura saliente que, geralmente, fica por cima de uma porta (…) Pátio coberto. Compartimento existente nas habitações das herdades, normalmente à entrada, onde se cozinha e onde comem os trabalhadores."[42].

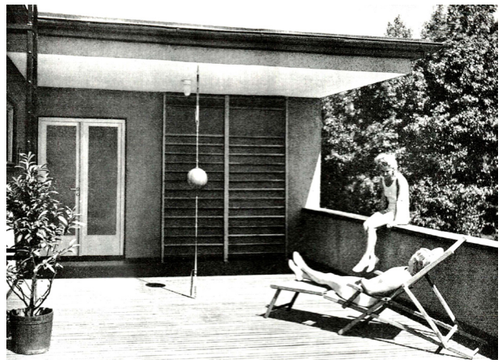
Este conceito está relacionado com o conceito de 'pátio', ambos associados à tipologia de habitação unifamiliar e às construções de pequena escala. Questiona-se a forma com a população vive, usa, ou até se apropria destes espaços exteriores. Isto porque, o contacto com o chão faz com que a casa se estenda de forma natural e mesmo nos edifícios de habitação em que não estão previstos estes elementos é possível verificar alguns casos em que os habitantes estendem a sua casa, apropriando-se dos espaços exteriores contíguos.

O conceito de 'galeria', na sua origem, estava associado aos espaços interiores. "Sala muito mais comprida do que larga que, nos palácios e hôtels, serve para reunir vários apartamentos e é usada para dar recepções e festas (…) Quando estas salas de festa eram ricamente decoradas de quadros, estátuas, vasos, o termo G. tomou o sentido de colecção de obra de arte."[43]. Este conceito de sala interior, comprida e estreita, com o intuito de 'expor' algo, foi mais tarde, adaptado aos espaços de circulação. Uma definição de um dicionário mais recente faz referência às duas designações: "(Do b. lat. galilaea' átrio de uma igreja', pelo it. galleria). Parte de um edifício, de configuração rectangular,

[40] Existem também terraços associados aos pisos intermédios da construção, mas uma vez que o trabalho incide sobretudo no tema da habitação coletiva, essa solução não é tão frequente.
[41] [96] Pág. 213
[42] [93] Pág.184
[43] [95] Pág. 176



(28) Alvar Aalto com a filha no terraço da sua casa em Helsínquia, 1934



(29) Terraço de uma habitação na Alemanha.
Arq. Theo Essenberger, 1929



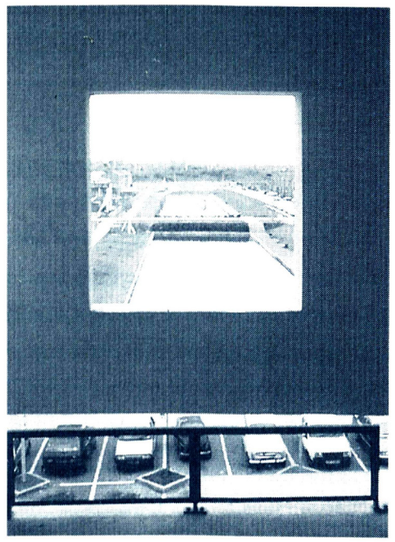
(30) Terraço de uma habitação no Conjunto Habitacional Cooperativo SACHE, em Aldoar.

coberta, destinada à exposição de quadros, esculturas e outros objectos de arte, ou a passeio abrigado. Qualquer passagem coberta, estreita e comprida."[44]. Apesar de a sua origem estar associada ao espaço interior, este conceito passou a aplicar-se também aos espaços exteriores e o Movimento Moderno difundiu o conceito de 'galeria' como espaço de circulação nos edifícios de habitação plurifamiliares.

O conceito 'terraço' aparece mais tarde na nossa língua, aproximadamente no séc. XVIII e tem como antecedente o conceito de 'eirado', um "termo antiquado, hoje substituído na linguagem vulgar pelo termo «terraço». É uma plataforma, em geral sem tecto, situada no topo do prédio, em vez do telhado, ou na frente, num dos lados ou na rectaguarda do edifício, sobre arcadas ou colunatas, ao nível do primeiro andar, destinado ao gozo da aragem, do sol e de vistas."[45]. Num dicionário mais recente, '*terraço*' é definido como: "(Do prov. terrassa, do lat. terra' terra'). Recinto descoberto sobre um edifício ou ao nível de um dos andares. Espaço descoberto contíguo a uma construção, a uma casa."[46].

Apesar de a sua origem estar relacionada com o termo 'terra', o que poderia levar a supor uma forte ligação ao chão, este conceito atualmente é aplicado a espaços associados à zona da cobertura e destinados ao contacto com o ar e o sol. Assim, a definição mais completa será "Cobertura horizontal que forma uma plataforma sobre uma construção. É normalmente acessível por escadas. É típico da arquitectura islâmica e surge na zona do Algarve, onde poderia ser usado para secagem de frutos. (…) Como cobertura constitui o terraço- jardim preconizado por Le Corbusier e muito usado na arquitectura contemporânea." [47].

[44] [94] Pág.1856
[45] [40] Pág. 28/29
[46] [94] Pág.3552
[47] [95] Pág. 353



(31) A janela como elemento que permite enquadrar a paisagem e direcionar as vistas.

"As vistas existem já, a única habilidade está na sua captura através de janelas (quadros), a partir do interior. As vistas de exteriores assemelham-se às perspetivas que podemos apreciar em quadros pendurados nas paredes, mas mudam com as estações do ano e constantemente (estão vivas) permitem a entrada do habitante na perspetiva exterior". [16] Pág. 502

3.3) A janela: expressão mais elementar da varanda e da galeria

O termo 'janela' é definido como: "s.f. (Do lat. januella, dim. De janua' porta de casa'). Abertura na parede de um edifício, com a função de nele deixar entra a luz e o ar."[48]. A sua origem está associada à porta: "A janela é outro elemento de transição, mais subtil que a porta, entre o interior e o exterior da casa."[49].

Para das funções de ventilação e iluminação, a janela permite também um contacto com o exterior, é *o agente principal, através do qual se exprimem os registos climatéricos no interior*[50] e além *da sua função de ventilação, de arejamento, é invocada como uma abertura sobre a envolvente, como uma transição entre o interior e o exterior (...) Através dessa relação que ela tece entre os dois, ela é quase imaterial, torna-se de alguma forma um lugar*[51].

Na ausência de elementos como a varanda ou a galeria, a janela torna-se na forma mais elementar de expressão e relação com a envolvente. *Para oferecer a cada habitante o prazer do espaço e da paisagem, numerosos candidatos propuseram dispositivos tais como varandas ou galerias, cuja expressão mais elementar, a mais reduzida espacialmente, é a janela*[52].

[48] [94] Pág.2181
[49] [68] Pág. 131
[50] [4] Pág. 131
(...) la fenêtre, qui est l'agent principal par lequel s'expriment les registres climatiques de l'intérieur.
[51] [26] Pág. 160
Celle-ci, au-delà de son rôle de ventilation, d'aération, est évoquée comme une ouverture sur l'environnement, comme une transition entre l'intérieur et l'extérieur (...) Par cette relation qu'elle tisse entre les deux, elle, qui est presque immatérielle, devient en quelque sorte un lieu.
[52] [26] Pág. 160
Pour offrir à chaque habitant la jouissance de l'espace et du paysage, de nombreux candidats ont proposé des dispositifs tels que les balcons ou les loggias, dont l'expression la plus élémentaire, la plus réduite spatialement, est la fenêtre.



(32) Edificio com fachada estreita e lote profundo, em Lisboa



(33) Edificio com fachada estreita, lote profundo e varandas de reduzidas dimensões, no Porto.

4_A VARANDA A PARTIR DO SÉC. XIX

"O tema da casa familiar, ou do espaço de habitar «doméstico», é um dos assuntos centrais para a caracterização de uma cultura construída porque no fundo é nesse tipo de espaço que se concentra e afirma muita da expressão «íntima» e do entendimento profundo do espaço pela comunidade, ou seja, de como esse coletivo «sente» que deve usar o espaço."[53]. Desta forma, para compreender melhor o problema em questão, será fundamental neste ponto perceber como surgiu a varanda, como é que determinada população em determinada época usou e viveu este elemento e de que forma a sua ausência pode alterar os costumes e vivências da população atual.

4.1) A casa burguesa do séc. XIX

A 'casa burguesa', uma tipologia habitacional que tem presente a varanda de forma sistemática, desenvolveu-se intensamente ao longo do século XIX e marcou a imagem da cidade do Porto.

O século XIX é considerado o século de ouro da vida privada e defendido por alguns autores como o século do nascimento da 'sociedade moderna'. "A vida privada é (…) característica do 'homem moderno' por oposição ao 'homem antigo' empenhado nas 'cousas públicas'."[54]. O 'homem moderno' sobrevaloriza o espaço interior[55], considerando o espaço exterior condensador de todos os males.

Esta preocupação com o espaço interior acentua a dicotomia público/privado, levando a uma maior diferenciação de espaços que procura separar claramente o espaço exterior/público do espaço interior/privado[56]. Desta forma, a relação entre os dois domínios é feita de uma forma mais controlada, as aberturas são menores, as varandas mais reduzidas e o contacto com o exterior mais esporádico. Há também uma dicotomia frente/traseira muito vincada, que se relaciona com a forma como a habitação se insere no espaço envolvente, com apenas uma fachada virada para a rua.

[53] [30] Pág. 125
[54] [42] Pág. 11
[55] A viragem da casa sobre si própria acrescenta um novo significado ao espaço interior. Esta ideia de refúgio faz com que a casa deixe de ser apenas um espaço que nos protege fisicamente, para passar a ser um espaço que nos acolhe, com o qual nos identificamos, e que nos representa.
[56] "Longe de ser neutral, a separação público/privado passava também pela diferença de género, sendo o espaço público considerado o lugar por excelência do sexo masculino e o privado, ou doméstico, do sexo feminino, partilhando-se a convicção que a 'domesticidade' era condição 'natural' da mulher". [42] Pág. 12

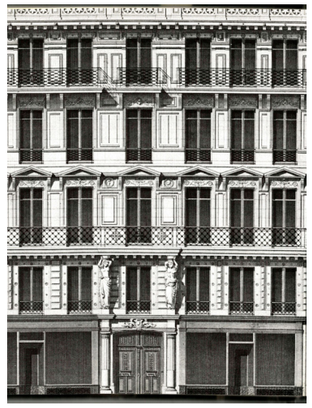
Destaca-se aqui a forma como um tipo de sociedade, com uma determinada mentalidade, influencia o desenho e o uso do espaço da varanda. Isto é, uma sociedade fechada, que vive mais intensamente o espaço interior, acaba por fazer um uso da varanda muito pontual e até figurativo.

Procurando agora compreender a origem da 'casa burguesa', segundo José Manuel Fernandes, a sua referência será o 'solar' português'[57]. No entanto, na cidade do Porto, devido às suas características urbanas específicas (lotes com frentes reduzidas e bastante profundos) foi necessário adaptar este modelo. A casa burguesa, típica da cidade do Porto, apresenta assim algumas alterações: há uma diminuição em largura compensada por um aumento em número de pisos.

Esta tipologia habitacional, que aparece inicialmente como habitação única para famílias com maiores recursos, vai, com o passar dos anos, alterar a sua composição. As necessidades da época terão levado a uma vivência partilhada da casa burguesa[58], que se transformará em 'casa de aluguer' ou 'imóvel de aluguer'. Desta forma, constata-se que, numa fase inicial em que a casa era habitada por uma só família, a varanda aparecia como elemento de exceção marcando o andar nobre. Com a partilha da mesma habitação por várias famílias, este elemento estende-se ao longo da fachada, estando presente em quase todos os pisos.

[57] "São casas de maiores dimensões, de frente mais larga sobre a rua, e com regras de composição proporcionadas, de influência erudita. A casa «burguesa» recebe essa influência, apresentando tendencialmente uma fachada mais larga que alta, correspondendo gradualmente a uma visão do espaço urbano, mais individualista, e à afirmação de uma poder familiar.". [30] Pág. 128

[58] Há assim uma "sofisticação dos tipos já existentes (ex. o prédio «burguês», cada vez com maior número de pisos, tem também uma maior complexidade funcional e mais compartimentos internos). Assim, há como que uma «especialização» de funções, «na vertical» (os sótãos e últimos andares para os mais pobres, os pisos inferiores para os mais abastados, o rés-do-chão para a porteira) e na «horizontal» (uma área «de criadagem», englobando marquise fechada, cozinha e sanitários (…) além dos numerosos quartos, e ainda uma área de uso mais «social», de receber, com os salões do lado da frente).". [30] Pág. 130/131



(34) Varanda 'de representação', a marcar os pisos nobres do edifício.



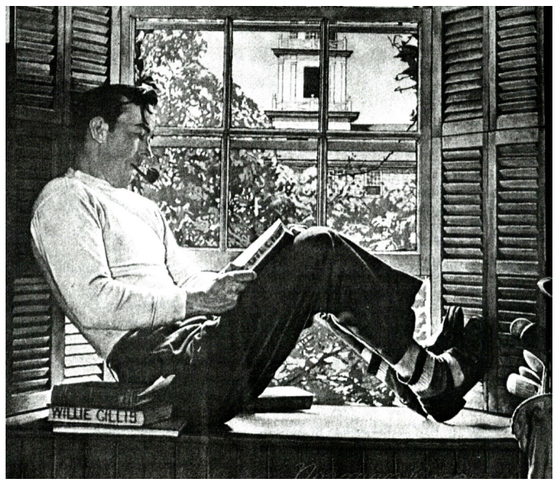
(35) Figura do 'namoro à janela'.



(36) As duas esferas: o homem 'público' e a mulher 'privada'.



(37) Contacto com o exterior feito de forma controlada e pontual.



(38) A janela com espaço de leitura, para beneficiar de uma melhor iluminação.

4.1.1) A varanda como espaço de representação

A referência ao 'solar português' clarifica o desenvolvimento da fachada característica da 'casa burguesa'. A presença do 'andar nobre'[59] no solar marcava na fachada as zonas de convívio da habitação[60]. Esta organização da planta da casa, com uma forte diferenciação dos espaços comuns (associados à fachada principal) dos espaços privados (mais virados para o interior e por vezes associados a pátios fechados), relacionada com um tipo de urbanismo que virava, na maioria dos casos, a fachada principal para a rua, criou este modelo de edifício que marcou fortemente a imagem da cidade no século XIX.

Assiste-se, na segunda metade deste século, a uma *multiplicação das varandas [que] vai ser característica deste período. Mais barata graças ao trabalho mecânico das peças, símbolo de prestígio, a varanda vai estar cada vez mais presente em todos os pisos. Ela é o símbolo da receção, qualquer que seja a sua forma: balcão, varanda agrupando várias janelas, ou varanda fechada que dará no fim do século origem às bow-windows*[61]. Mais do que um 'símbolo de receção', ela é o único espaço de contacto com a rua. Numa altura em que a família se vira para si mesma e se fecha no interior da casa, são estes espaços que permitem a ligação entre os dois domínios, o público e o privado[62].

A varanda, como elemento isolado ou varanda corrida, era o espaço de representação da família, logo um espaço onde se aplicava um forte investimento na decoração. As guardas eram bastante trabalhadas, frequentemente com motivos florais sendo também comum ver-se plantas, ou elementos vegetais a decorar estes espaços. A "decoração vegetal, é considerada o 'primeiro luxo da casa' (…)Quando não se podia ter um jardim, inventava-se uma espaço para cultivar flores, como acontecia nos 'pátios' de Lisboa, onde

[59] "O antigo «andar nobre» do solar ainda persiste, embora apenas formalmente, pois as janelas do segundo nível são as únicas dotadas com sacada de ferro; as «mansardas», com um novo sistemas de cobertura, ajudam a definição social e hierarquizada deste renovado modelo de casa, síntese adequada à nova classe média urbana que desponta. O modelo afinado nesta época visa persistir por mais de um século, mas gradualmente simplificado e alterado; corresponde à casa popular urbana dos inícios do século XIX". [30] Pág. 129/130

[60] "A Enciclopédia de Alembert e Diderot (1765) define dois tipos de apartamentos, ou seja aqueles de ostentação e aqueles de comodidade. Para além disso, os apartamentos de ostentação podem ainda ser de sociedade". [4] Pág. 97

[61] [24] Pág. 92

(…)la multiplication des balcons va être caractéristique de cette période. Moins onéreux grâce à la taille mécanique des pierres, signe de prestige, le balcon va être de plus en plus présent à tous les étages. Il est signe de la réception, quelle que soit sa forme: balconnet, balcon regroupant plusieurs fenêtres, ou balcon fermé qui donnera à la fin du siècle naissance au bow-window.

[62] A mulher, que estava confinada ao interior da casa, utilizava a varanda para se relacionar com a sociedade, namoros e casamentos surgiam nestes breves momentos de contacto com o exterior. Estas vestiam a melhor roupa, aplicavam perfume, tudo numa espécie de encenação de vida pública.



(39) Sacada portuense: pontual e de dimensões reduzidas.



(40) Varandas do Conjunto das Fontainhas, com as mesmas características.

se plantavam flores (…) em latas enferrujadas, colocadas nos peitoris das janelas"[63].

Desta forma, conclui-se que, mais do que um uso específico ou uma vivência diária constante, este elemento nasce associado a um conceito de 'imagem', com todo o seu caráter representativo. Imagem de um tempo, de uma sociedade, de um estrato social, sem o caráter utilitário que tem hoje.

Esta alusão à casa burguesa e à sua 'pequena varanda', sacada ou balcão, é tomada em consideração para abordar o Conjunto das Fontainhas já que o arquiteto usou como referência a sacada típica portuense para o desenho das fachadas e particularmente dos vãos[64].

A imagem do centro histórico do Porto, muito marcada pela habitação burguesa, foi a fonte de inspiração, pelo que o arquiteto refere "Vejo a sacada/varanda como um elemento arquitectónico importante na cidade do Porto - um elemento que acompanha muitas vezes a largura total dos edifícios ou solta-se em elementos individuais, ritmados pela composição do alçado. A sacada portuense normalmente só tem 50cm, por isso as minhas varandas só têm 50cm"[65]. Há assim, num projeto do final do século XX, um recuar ao passado e à história da cidade do Porto que permite recuperar este arquétipo. "Ao considerar a varanda como arquétipo, utilizo não só as suas larguras e profundidades, como ainda a dimensão dos vãos – portas e janelas - que têm a ver com esse arquétipo do Porto que é a sacada (estreita, cumprida e constituída por uma peça única de granito que fazia a consola) associada a vãos esguios e ritmados."[66].

Contudo, esta típica sacada portuense respondia a um tipo de uso hoje ultrapassado, a varanda atualmente é mais do que um espaço de representação. Salienta-se a forma como este arquétipo, recuperado quase dois séculos mais tarde, vai responder às novas necessidades, usos e vivências da sociedade atual.

[63] [42] Pág. 25
[64] "Não é por nada que os vãos são todos verticais. Porque eu acho que é isto, quando eu ando pela cidade e sobretudo na zona centro da cidade, que vejo, vãos verticais e não horizontais.". Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[65] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[66] Op. Cit.



(41) Exemplo de uma habitação rural.



(42) Habitação rural e a permanência no exterior.



(43) Gravura das atividades realizadas no exterior pela população rural, séc. XIX.



(44) O hábito de realizar as atividades no exterior mantêm-se quando esta população se muda para a cidade.



(45)



(46)

Gravuras de uma cozinha multifuncional rural, séc. XIX.

4.2) A habitação rural

Tendo agora como referência um outro estrato da sociedade, a população rural, destaca-se uma outra tipologia de habitação, a 'habitação rural'. Esta população apresenta uma relação diferente com a habitação, com o exterior, "com o espaço, de que há que tirar partido para compensar a mediocridade do habitat; e uma diferente relação com o corpo: muitos atos, noutros sítios classificados como íntimos, fazem-se fora de casa; relação diferente com as coisas também (…) e onde o papel da mulher, de forma nenhuma fechadas em casa, ao contrário das burguesas, é fundamental."[67].

Nesta tipologia habitacional a dicotomia frente/traseira não é tão demarcada, não há uma forte subdivisão do espaço, os compartimentos são mínimos (cozinha, sala comum, e quarto) e a sala comum é um espaço polivalente, não havendo separação entre espaço de receção/repouso/convívio, sendo este o espaço condensador de todas as atividades.

Salienta-se a forma espontânea de se relacionar com o exterior que será uma forte referência que a população rural irá trazer quando se deslocar para a cidade e procurar uma nova habitação nas ilhas.

4.2.1) A varanda como espaço de receção

Nesta tipologia habitacional a valorização da casa faz-se através dos elementos arquitetónicos, tais como varandas, escadas, telhados, chaminés. "Nas casas de lavoura do Norte do país, uma das características formais é a valorização do acesso, da escada e da varanda"[68].

É desta forma que a varanda deixa de ser apenas um espaço de representação para passar a ser um espaço vivido e com novas funcionalidades e usos. Surgem varandas como espaço de chegada à habitação, como pequena galeria privada ou local de descanso e repouso.

"A varanda é um espaço de transição entre o interior e o exterior da casa [e é] sobretudo nos espaços de transição entre o exterior e o interior da casa que o emigrante projeta todo o seu desejo de distinção e procura expressar a sua ascensão e a sua nova urbanidade."[69]. A varanda está assim muitas vezes associada à rua e ao acesso principal

[67] [1] Pág. 316
[68] [68] Pág. 123
[69] Op. Cit. Pág. 125/122



(47) Varanda como espaço de chegada à habitação.



(48) Varanda como elemento pontual.



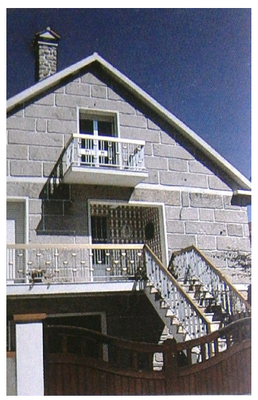
(49)



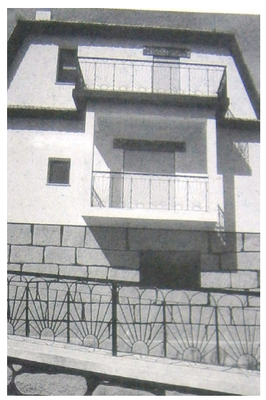
(50) Varanda como espaço de acesso e distribuição.



(51)







(52) Varanda como elemento pontual e espaço de acesso.

da casa valorizando a chegada à habitação.

Verifica-se também situações em que, para além da varanda de acesso, existem outras que fazem a distribuição para os diferentes espaços da casa. "As varandas são principalmente corredores que ligam a entrada da casa, com qualquer quarto ou sala e serão tanto mais complexas quanto mais dependências existirem alinhadas e convenha servir."[70].

Para além do papel distributivo, a varanda pode ser utilizada como 'sala de estar ao ar livre'. "Na casa rural do Norte de Portugal, a varanda é também muitas vezes, um espaço privado de acesso às outras divisões da habitação e um espaço de estar, de lazer e de lida caseira [ou] limita-se agora em alguns casos, ao descanso à sombra, no Verão, a olhar e a mostrar-se, ou à noite a apanhar ar fresco"[71].

Numa mesma época constata-se que diferentes estratos da sociedade fazem diferentes usos da varanda e a mudança de contexto leva a diferentes formas de projetar e usar este espaço. Ao contrário da casa burguesa, em que a varanda tem um uso formal, aqui as suas diferentes formas, funcionalidades e localizações enriquecem a imagem exterior da habitação.

A varanda, com o sentido de valorizar a imagem da habitação, é recuperada no Conjunto das Fontainhas, onde surge com diferentes formas: varanda isolada, acompanhando um só vão ou varanda corrida, englobando dois vãos ou como galeria de distribuição. "A galeria é também interpretada ali como uma varanda"[72]. Neste caso, o arquiteto refere-se à galeria que une os dois volumes centrais do conjunto, que acaba por ser mais do que um espaço de distribuição.

Num contexto geral, as varandas e galerias fazem parte do mesmo conjunto, valorizando simultaneamente a habitação e enriquecendo a relação entre o interior e o exterior. "Tentei utilizar [a galeria] de forma racional, mas interessou-me resolver os problemas em causa. É nesse sentido que entram as varandas, as galerias (que acabam também por ser no fundo umas varandas) que são interpretadas como uma extensão do interior da casa. A maneira como são desenhadas, com o mesmo desenho das varandas individuais, é para que as pessoas associem os diversos elementos dentro do mesmo discurso"[73].

[70] [68] Pág. 125
[71] Op. Cit.
[72] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[73] Op. Cit.

CONJUNTO DAS FONTAINHAS



(53) Varanda individual, englobando um só vão.



(54) Varanda corrida, agrupando dois vãos.



(55) Varanda individual e varanda corrida no mesmo fogo.





(56) Galeria de acesso, com o mesmo tratamento e materialidade que as varandas.



(57) Vista da galeria e das escadas.



(58) Habitações económicas em Barcelos: referência da 'Casa Portuguesa'.

4.3) As mudanças do século XX

Avançando para um contexto temporal diferente, refere-se algumas mudanças que o século XX trouxe.

O aparecimento da 'classe operária' data do início deste século e cria uma necessidade de habitação que os arquitetos estiveram relutantes em resolver. Nos primeiros anos do século XX *a parte dos arquitetos envolvidos no debate assim como na produção [deste tipo de habitação] é ainda mínima. Os tratados destinados ao ensinamento de arquitetura permanecem muito concisos sobre esse capítulo, quando é abordado, permanece excecional*[74].

Apesar de algumas iniciativas estrangeiras na procura de novas soluções; 'imóvel de aluguer', 'pavilhões', 'habitação de baixo custo', Portugal manteve-se durante muito tempo fechado a estas referências[75].

Tendo em conta a varanda como tema em estudo, refere-se intervenção de Haussmann, na cidade de Paris, um dos primeiros grandes planos urbanísticos desenvolvidos na Europa à escala da cidade e que procurou responder às necessidades de habitação que se fizeram sentir no início do século. A conceção de Haussmann do edifício de aluguer foi em muitos aspetos inovadora, aumentando em número e tamanho as aberturas e disseminando elementos como a varanda, que conferiam continuidade ao longo das fachadas mas ao mesmo tempo variedade[76].

Grande parte dos edifícios desta intervenção tinham varandas corridas, continuas, em alinhamento com os edifícios contíguos, criando uma imagem reconhecível, que marcou o desenho das ruas, praças, avenidas de toda a cidade. Este foi um dos primeiros planos a integrar a varanda de forma exaustiva, já sem o carácter representativo da casa burguesa mas como elemento homogeneizador da composição à grande escala.

[74] [24] Pág. 133
La part des architectes prise dans le débat comme dans la production est alors très minime. Les traités destinés à l'enseignement de l'architecture, restent très concis sur ce chapitre, quand il est abordé, ce qui reste exceptionnel.

[75] Isto porque, o tema da 'casa portuguesa' irá marcar todo o primeiro quartel do século XX. "É nesta década [primeira década do século XX] que a confusão sobre o 'reaportuguesamento' da casa se irá instalar de um modo progressivo, confundindo-se a arquitetura nacionalista com a arquitetura não modernista". [71] Pág. 163

[76] Isto só foi possível porque uma das principais conquistas do início do século XX é a possibilidade de utilizar as saliências e projeções para o exterior de forma mais frequente e eficaz. "No início do século XX, enquanto as casas continuam a não poder ultrapassar os 20 metros (…) as saliências serão autorizadas até 1,20 metros nas vias de 10 metros e mais, o que permitirá o desenvolvimento das *bow-windows*". [1] Pág. 326

Esta intervenção representa um momento fulcral para a disseminação deste elemento. Contudo, apesar de haver uma proliferação da varanda nos edifícios, não há uma proliferação em termos de classe social. Estes edifícios de aluguer não eram acessíveis a todos os estratos da população, a varanda era ainda sinónimo de poder, luxo e estatuto. Só décadas mais tarde irá surgir a da possibilidade de todos os estratos sociais terem acesso a um espaço de contacto com o exterior.

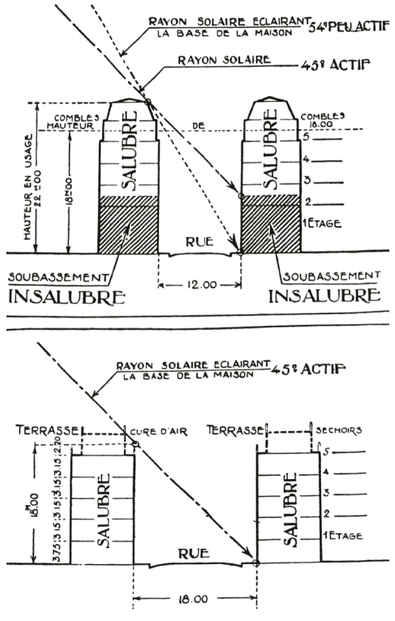
4.3.1) A higiene e o conforto

Dois conceitos associados à evolução da varanda e a sua disseminação por todas as classes sociais, são a higiene e o conforto. O século XX irá revalorizar estes dois conceitos, dando-lhes um novo significado.

A higiene é a palavra de ordem do século XIX. Para além de ser um meio de lutar contra o risco de propagação de epidemias às outras classes da população e a possibilidade de assegurar uma mão-de-obra resistente e de boa saúde, a higiene representa acima de tudo o acesso à moralidade. Essa condição será um guia nas formas urbanas, nas formas arquitetónicas até às esferas íntimas da habitação[77]. A higiene passa a estar associada a uma ideia de saúde, da população e da habitação. Isto porque o século XX traz consigo uma crescente preocupação em relação a doenças dizimadoras, tais como a cólera, tifoide e tuberculose[78]. Um dos estratos mais afetados por esta doença é a população operária. *A educação para a higiene e a educação da higiene são apoiadas nos programas de habitação operária*[79].

Há assim uma relação ambiente social/doença, que com o desenvolvimento dos conhecimentos científicos, já em meados do século XX, desenvolve a chamada 'arquitetura higienista'. Todo o Movimento Moderno será impulsionado por esta simbiose

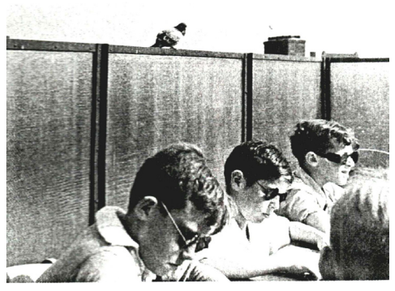
[77] [24] Pág. 141
L'hygiène est le grand mot d'ordre du XIXe siècle. Outre le moyen de lutter contre le risque de propagation des épidémies aux autres classes de la population et la possibilité de s'assurer une main-d'œuvre résistante et en bonne santé, l'hygiène représente avant tout l'accession à la moralité. Cette conception sera un guide dans les formes urbaines, les formes architecturales jusqu'aux sphères intimes de l'habitation.
[78] Há nessa altura uma falta de conhecimento da verdadeira dimensão do problema e das suas causas. *Em 1890, a salubridade do alojamento urbano aparece como um problema bastante simples, sendo resolvido: ao combater a tifoide e a cólera (...) sendo necessário higienizar os imóveis e aprovisioná-los com água potável*. [23] Pág. 40
[79] [24] Pág. 141
L'éducation par l'hygiène et l'éducation de l'hygiène sont prises en charge par les programmes des habitations ouvrières.



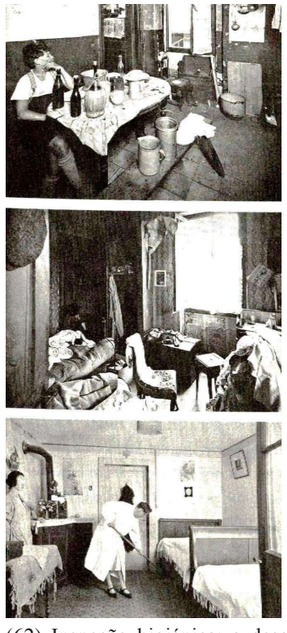
(59) No séc. XX torna-se fundamental iluminar e ventilar toda a fachada de forma eficaz, logo há uma reformulação da fachada e da própria estrutura viária.



(60) Escola ao 'ar livre', Amesterdão, 1930



(61) As crianças a estudar nos terraços, com óculos de sol.



(62) Inspeção higiénica: a desarrumação, o pó e o lixo foram fatores identificados como causa da tuberculose e outras doenças. A higiene pública exigia novos comportamentos na conservação das habitações.

entre arquitetura e higiene, que leva a um investimento crescente em espaços de contacto com o exterior, tais como a varanda. Estes espaços intermédios privados, que permitem um contacto diário com o exterior, são considerados fonte de saúde e higiene, pelo que, fundamentais a todos os edifícios e famílias.

Outro conceito a ter em consideração é o de conforto, que ganha um novo significado neste século[80]. A ideia de conforto, inicialmente associada à cultura inglesa[81], só com o avançar do século XX se torna algo comum e acessível a todos.

O século XX traz-nos uma visão mais globalizante do conforto, a este começam a ser associados novos elementos, tais como: iluminação, aquecimento, mobiliário, etc. A industrialização faculta uma série de novas possibilidades, logo o conforto *não só mudou qualitativamente, mas também quantitativamente: converteu-se num produto de massas. (...) Essa democratização do conforto fez-se devido à produção em massa e à industrialização*[82].

As primeiras iniciativas de habitação plurifamiliar são muito marcadas pela ideia de higiene e conforto e ambas foram essenciais para o desenvolvimento de novas mentalidades. *Ultimamente tenho estado a pensar que quiçá o conforto seja o maior dos luxos*[83]. Contudo, resta a dificuldade em definir este conceito *podemos todos concordar que as casas devem providenciar um certo grau de proteção física e conforto, é também claro que o conceito de conforto é em si mesmo um conceito cultural e psicológico, por isso a definição de adequabilidade física é difícil do ponto de vista histórico*[84].

---

[80] O conforto *É uma ideia que significou coisas diferentes em diferentes momentos. No século XVII o conforto significava o privado, o qual levava à intimidade e, por sua vez, à domesticidade. O século XVII atribuiu mais importância ao ócio e à comodidade, o XIX a elementos nos quais intervinha o mecânico: luz, calor e ventilação. As engenharias domésticas do século XX sublinharam a eficiência e a comodidade. Em diversos momentos, e em resposta a várias forças externas- sociais, económicas e tecnológicas- a ideia de conforto mudou, às vezes drasticamente*. (…) *Mas o que resulta apelativo é que a ideia de conforto, ao mesmo tempo que mudou, conservou quase todos os seus significados anteriores*. [58] Pág. 233/234

[81] Daí o aparecimento da expressão de 'conforto inglês': *O conforto não devia ser dramático e sim clamante. Devia parecer «natural», mas, da mesma forma que o jardim inglês ou a casa inglesa, era algo cuidadosamente organizado. (...) O conforto era uma sensação generalizada de bem-estar, não algo que se pudesse estudar nem quantificar.* [58] Pág. 128/131/132

[82] [58] Pág. 223

El confort no sólo ha cambiado cualitativa, sino también cuantitativamente: se ha convertido en un producto de masas. (...) Esa democratización del confort se há debido a la producción en masa y a la industrialización.

[83] BALDIW, Billy [59] Pág. 219

(...)últimamente he estado pensando que quizá el confort sea el mayor de los lujos.

[84] WILK, Richard [35] Pág. 34

(...)we can all agree that houses must provide some degree of physical protection and comfort, it is also clear that the concept of comfort is itself a cultural and psychological one, that the definition of physical adequacy is difficult from a historical standpoint.

No entanto, mais importante que definir o que é o conforto, é perceber os comportamentos sociais, os hábitos e os costumes. Uma varanda confortável pode ser um espaço que nos permite desfrutar do 'ar puro', que nos fornece um local para brincar, por a roupa a secar. Tudo depende do tipo de população que a usa, das suas experiências anteriores e das suas expectativas quanto à habitação. Uma população proveniente das ilhas terá uma expectativa menor quanto ao conforto da sua casa, que uma população proveniente de uma casa localizada na Sé ou noutro bairro social do Porto.

4.3.2) 'As ilhas proletárias'

Um arquiteto que consagre doravante uma parte da sua atividade à conceção do habitat popular, está dotado de um novo papel, de uma missão verdadeiramente social[85].

Apesar da resistência inicial por parte dos arquitetos em dedicarem-se à habitação operária, há, ao longo do século, uma crescente consciencialização da importância deste tipo de habitação e responsabilização para com este problema.

A primeira tipologia de habitação operária a surgir no Porto, foram as ilhas[86]. Estas abrigaram durante várias décadas uma percentagem muito significativa da população[87]. Os habitantes que procuravam as ilhas eram, maioritariamente, de origem rural, sem um elevado grau de escolaridade, habituados a viver em condições de habitabilidade precárias.

Traziam também uma forma de se relacionar com o espaço exterior mais fluida. "A originalidade das classes populares urbanas reside no facto de que a sua rede familiar não se inscreve nem na fixidez do terreno nem na clausura de um interior. No entanto, o duplo desejo de um lugar e de um espaço para si afirma-se com uma força crescente na segunda metade do século XIX."[88]. Esta população, quando chega às ilhas, não pode expressar da mesma forma essa relação com o espaço exterior que, neste tipo de habitação, é reduzido ao corredor de acesso.

Na segunda metade do século XIX, *Michelle Perrot sublinha que a família operária é já uma realidade. (...) 'Ele alerta para não se confundir o sentido da família e o sentido do alojamento. O primeiro frequentemente muito ativo e vivo nos meios populares do século XIX, não se inscreve necessariamente no espaço interior (...) A família é sem dúvida uma das primeiras e mais vivas formas de sociabilidade popular, e não uma criação burguesa'*[89]. Para além de representarem um fenómeno único em termos construtivos, as ilhas representaram também a luta pela afirmação de uma classe. A noção de família e sociabilidade, segundo o autor, está associada à classe operária. Esta não se restringe ao espaço construído, nas ilhas a 'família' estará mais representada no exterior (nos corredores de acesso) do que no interior exíguo da habitação. A noção de família moderna terá nascido assim associada a uma classe que lutou pelo seu lugar na cidade, em relação aberta com o exterior, onde se pudesse expressar e ser reconhecida.

Atualmente, essa relação espontânea com o exterior, está ainda muito presente. Em todas as ilhas visitadas, para o desenvolvimento do trabalho, houve um acolhimento quase imediato por parte da população à entrada de um estranho, todos se conhecem e reconhecem. A rua de acesso será assim um espaço exterior comum, mas não ´público'.

4.3.3) Primeiras iniciativas de habitação plurifamiliar condigna

Depois do aparecimento dos primeiros tipos de habitação precária, a discussão em torno da temática da habitação plurifamiliar condigna vai crescendo de forma progressiva.

"O conceito de habitat unitário, invenção de Charles Fourier, serviu de referência (…) a numerosos sistemas e experiências concretas no domínio do alojamento popular."[90]. Uma das primeiras referências será essa ideia de habitat unitário, que procurava agregar várias famílias no mesmo edifício e fornecer as mesmas condições de alojamento a todos, vivendo como comunidade na partilha de um determinado espaço[91].

[85] [24] Pág. 135
Un architecte qui consacre désormais une partie de son activité à la Conception de l'habitat populaire, est dote d'un Nouveau rôle, d'une mission véritablement sociale.

[86] O seu aparecimento está associado a uma série de fatores sociais e económicos, mas também ao característico loteamento urbano portuense. Por um lado, a "adopção, na maior parte das urbanizações oitocentistas, de um loteamento regular dos solos em lotes com uma frente de 5,5metros e um comprimento que chegava a atingir, por vezes, os 100 metros". Por outro lado, "a ausência de restrições ao crescimento da cidade no período de maior desenvolvimento industrial e populacional", foram fatores impulsionadores do desenvolvimento deste tipo de habitação. [62] Pág. 404

[87] No início do século XX, 15% da população do Porto vivia em ilhas, em Paris, a situação era mais grave, 24% da população vivia em condições precárias, nas chamadas 'bidonvilles' (Bidonvilles eram os chamados 'bairros de lata', formas de habitação precária, com construções de muito baixa qualidade, nos arredores da cidade de Paris). [23] Pág. 35

[88] [1] Pág. 316

[89] [24] Pág. 137
Michelle Perrot souligne que la famille ouvrière était alors une réalité. (...) Il convient de ne pas confondre sens de la famille et sens du logement. Le premier solvant très vif dans les milieux populaires du XIXe siècle, ne s'inscrit pas nécessairement dans l'espace de l'intérieur. (...) La famille est sans doute une des premières et des plus vivaces formes de sociabilité populaire, ce n'est pas une création bourgeoise.

[90] [1] Pág. 366

[91] Esta ideia leva ao aparecimento, em França dos chamados 'edifícios falansterianos'. "Funcional, o edifício falansteriano não passará de uma 'máquina de habitar'". [1] Pág. 368

Um dos primeiros exemplos e aquele que terá tido mais sucesso, foi o Falanstério de Guise, construído em 1858, no norte de França. Este edifício é constituído por três volumes, cada um com um pátio fechado ao centro, ligados entre si por um sistema de galerias. *A rua-galeria caraterística do modelo utópico é assemelhada neste caso a uma galeria de circulação (...)A galeria é reduzida aqui a um papel de passagem e serviço*[92].

Os pátios neste edifício deveriam funcionar como espaço de encontro e sociabilidade, no entanto, ao serem fechados, acabam por ser encarados como um espaço de vigilância constante e por isso mesmo, como um elemento coercivo. *Ao contrário do pátio aberto, um pátio fechado tende a ampliar os menores ecos que o habitam. (...) A passagem de um primeiro individuo apercebido no corredor prende bruscamente os olhares suspeitos (...) Qualquer caminho efetuado no corredor é apercebido no pátio como sinal anormal de uma paz doméstica subitamente perturbada*[93].

Este é um exemplo pioneiro no desenvolvimento da habitação plurifamiliar e lançou uma nova forma de agrupar a população. Contudo, a relação muito próxima das habitações, o convívio forçado entre um grande número de famílias, não foi bem aceite por este tipo de população. Godin defende que, *que a habitação é variável na sua construção, mas é sobretudo no conjunto que as habitações formam entre elas que se exerce a sua influência sobre o estado social e sobre a condição do trabalhador na humanidade*[94].

Já no contexto do Porto, as primeiras iniciativas, que partiram do Jornal o Comércio do Porto e mais tarde da I República, não tiveram grandes repercussões. O fracasso destas soluções passa, em parte, pela tipologia utilizada: habitação unifamiliar, de 1 a 2 pisos de altura.

Uma referência para a revisão deste modelo e que lançou os pressupostos do Movimento Moderno, foram as chamadas H.B.M.[95], que se começaram a desenvolver em França. Estas procuraram um estilo minimalista, que permitisse reduzir ao máximo os custos de construção, o que passava obrigatoriamente pela redução dos ornamentos. *As H.B.M. deveriam ser construídas em betão armado (...) no exterior o revestimento em tijolo cobre mesmo a estrutura para evitar os desperdícios de calor. (...) As fachadas são cobertas com uma camada de cimento (....) Com tais superfícies exteriores «funcionando como verdadeiros espelhos», evita-se que o mais pequeno átomo de luz se perca*[96].

Esta redução de custos e consequentemente da ornamentação, levou a que, *Para evitar os custos de construção das bow-windows ou dos impostos ligados às varandas, [se suprimisse] qualquer saliência (...) a impressão que domina é apenas a de uma grande pobreza*[97]. Os elementos salientes foram postos em causa, perdendo-se o contacto com o exterior. Esta terá representado uma primeira fase em que os arquitetos se debateram com a questão da pertinência, ou não, dos elementos de contacto com o exterior. A opção foi assim, retirá-los, permitindo alguma economia nas soluções. Um século mais tarde, esta problemática volta a estar na ordem do dia e será debatida ao longo deste trabalho.

[92] [4] Pág. 66
La rue-galerie caractéristique du modèle utopique est assimilée en cas à une galerie de circulation, qui est reliée par un passage à celle des deux cours voisines. La galerie est véritablement réduite ici à un rôle de passage et de desserte

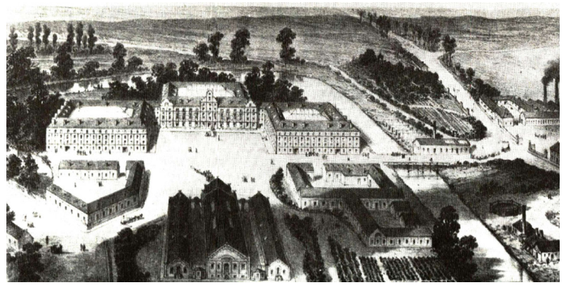
[93] [4] Pág.66
Au contraire d'une cour ouvert, une cour fermée tend à amplifier les moindres échos qui la peuplent (...) La passage du premier individu aperçu sur une coursive prendra brusquement des allures suspectes (...) Le moindre cheminement effectué sur la coursive s'affiche dans la cour comme le signe anormal d'une paix domestique soudain troublée.

[94] [4] Pág. 64
A l'ouvrier on destine donc un palais, selon les termes même des penseurs utopistes. Godin ajoute encore «que l'habitation est variable dans sa construction, mais c'est surtout par l'ensemble que les habitations forment entre elles, que s'exerce leur influence sur l'état social et sur la condition du travailleur dans l'humanité»

[95] Habitation à bon marché, ou em português, Habitação de baixo custo.

[96] [23] Pág. 63
Les H.B.M. devraient être construites en béton armé (...) l'extérieur, ce remplissage en brique recouvre même la structure pour éviter les déperditions de chaleur. (...) Les façades sont recouvertes d'un enduit de ciment (...) Avec de telles surfaces extérieures «fonctionnant comme vrais miroirs», on empêche le plus petite tome de lumière de se perdre.

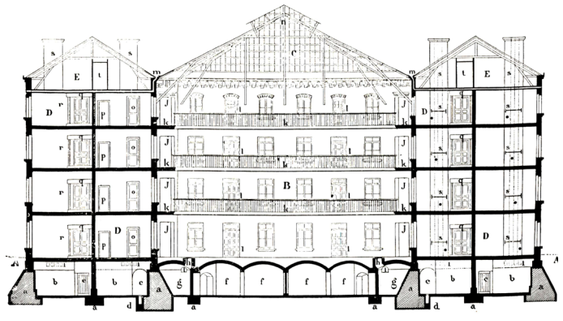
[97] [23] Pág. 27/28
Pour éviter les trais de construction des bow-windows ou les impôts liés aux balcons, on supprimait toute saillie.(...) l'impression qui dominait était celle d'une grande pauvreté.



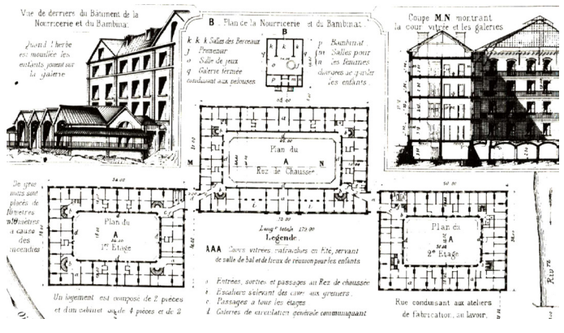
(63) Gravura do Conjunto do Falanstério de Guise.
Arq. Charles Fourier, 1858.



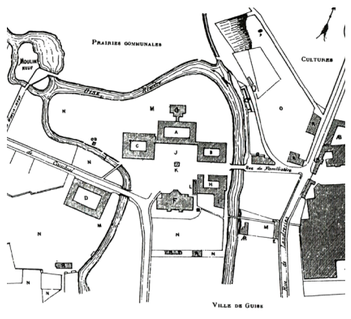
(64) Axonometria do Falanstério.



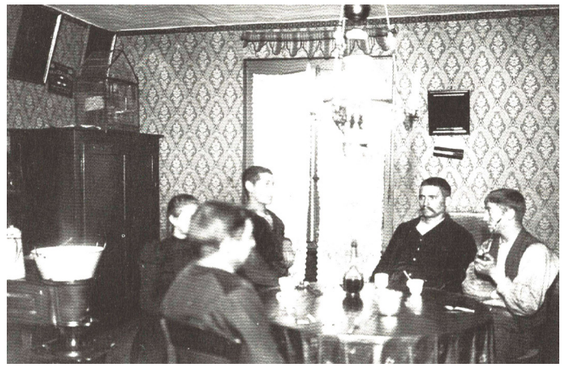
(65) Corte pelo pátio central.



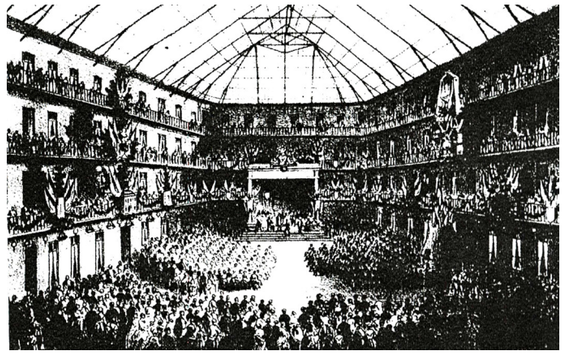
(66) Plantas e cortes esquemáticos.



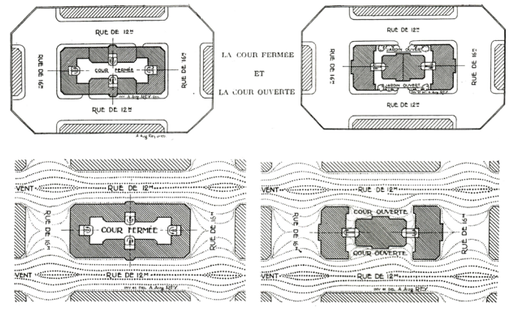
(67) Planta de implantação.



(68) Interior de uma habitação.



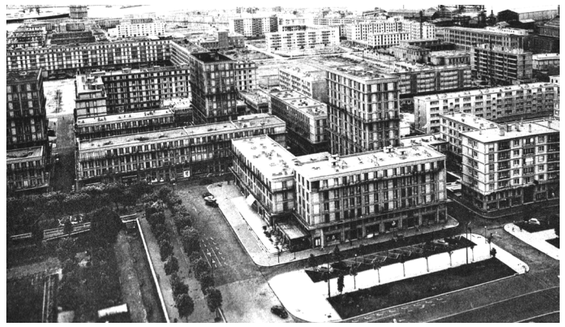
(69) Vista do interior do pátio central, 1857



(70) Augustin Rey lança o tema do 'pátio aberto', como esquema que permite que todas as fachadas tenham contacto com o exterior e iluminação e ventilação diretas.



(71) Urbanização com o modelo de habitação unifamiliar.



(72) Urbanização com o modelo de habitação plurifamiliar.



(73) Exemplo de Habitações de Baixo Custo, em França.

4.4) O Modernismo e a renovação de um modelo

O debate muito conhecido sobre a escolha de um habitat individual ou de um habitat coletivo para a classe operária atravessará todo o século XIX e não está fechado ainda hoje. Na ideia de produzir um alojamento que suporte o espirito de família, a escolha ideológica da casa individual permanece[98].

O Movimento Moderno contrariou o mito da habitação unifamiliar[99] como arquétipo ideal da casa de família e afirmou a supremacia da habitação plurifamiliar como único modelo capaz de resolver o problema da habitação. Em oposição a esse mito o modernismo propôs "uma interpretação política de casa individual assente na ideia de uma 'maquinação táctica montada pelo conservadorismo social e pelos especuladores"[100].

Em Portugal, na primeira metade do século XX, foi recuperada a ideia de 'casa económica'[101] e os pressupostos baseavam-se ainda na tipologia de habitação unifamiliar "o habitat social teria de ser necessariamente a moradia individual, como forma de conservação da ordem social e moral […] a defesa da instituição familiar aliada a uma óptica natalista"[102]. Só na década de 40 surgiu alguma abertura para a renovação do modelo habitacional.

No Porto, um dos primeiros casos de habitação plurifamiliar a utilizar as varandas, foi o Bloco Duque de Saldanha, construído entre 1937/1940 e que marca o início de uma das fases mais intensas de construção de habitação nesta cidade. Este bloco localiza-se na zona em estudo e representa uma das primeiras tentativas de realojar a população das ilhas. "Com um total de 115 habitações, constituindo o primeiro imóvel de habitação social plurifamiliar da cidade, localizado próximo das áreas de ilhas a demolir, permitindo

[98] [24] Pág. 138
Le débat très connu sur le choix d'un habitat individuel ou d'un habitat collectif pour la classe ouvrière traversera tout le XIXe siècle et n'est pas clos encore aujourd'hui. Dans l'idée de produire un logement qui soutienne l'esprit de famille, le choix idéologique de la maison individuelle l'emportera.

[99] "A imagem da casa unifamiliar corresponde a um ideal que comporta um desejo de protecção e isolamento, a uma necessidade de identificação e de afirmação de si, a uma necessidade de contacto com a Natureza, em síntese, uma exigência de isolamento. Um tipo de atitude mágica e o triunfo do isolamento individualista ganham a dimensão de um mito.". [3] Pág. 13

[100] [3] Pág. 16

[101] "Em 1928, o governo retomou a ideia das casas económicas (Decreto-Lei nº 16 055, de 22 de Outubro de 1928), que a I República estabeleceu em 1918, casas unifamiliares para as classes menos abastadas […] Neste programa, casa económica era uma 'casa isolada para uma só família' e seria arrendada em regime de renda resolúvel. O modelo urbanístico e arquitectónico foi o modelo inglês, como explicitamente, se afirma no diploma que criou o programa: «facilitar a construção de habitações independentes e ajardinadas, semelhantes às que em Inglaterra […] têm produzido interessantes efeitos».". SILVA, Carlos Nunes [78] Pág. 660

[102] MATOS, Fátima Loureiro [78] Pág.686/687



(74) Planta de implantação do Bloco Duque de Saldanha.

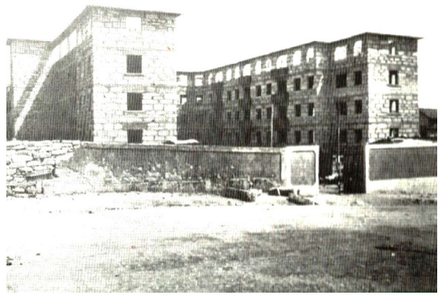
o realojamento da população proveniente da demolição das ilhas da área de São Victor"[103]. Este conjunto é formado por bloco em U, fechado mais tarde por outro edifício em barra junto à rua, criando assim um pátio interior.

Ao contrário do Falanstério de Guise, aqui a galeria de distribuição localiza-se no lado exterior do U e não junto ao pátio, que por sua vez é descoberto. Neste caso, o sistema de distribuição em galeria, associado ao pátio, não resulta num sistema coercivo, mas num elemento valorizador do conjunto. Contudo destaca-se que os espaços mais usados e apropriados pelos moradores são precisamente as galerias, já o pátio é atualmente um parque de estacionamento, não sendo tanto um local de encontro mas sim de passagem.

Com o lançamento do Plano de Salubrização das 'ilhas' do Porto[104], em 1955, o modelo de construção em altura passa a ser utilizado em Portugal nas intervenções de caráter estatal. Com a renovação deste modelo surge uma nova questão: como agregar essas famílias, com origens e características tão diferentes, num mesmo espaço?

Surge uma nova visão da arquitetura, uma arquitetura mínima, modeladora, funcionalista, associada a um pensamento voluntarista[105], que vai *difundir a ideia de que a arquitetura pode ser utilizada para modelar os indivíduos. Se os lugares são educadores, eles podem ser educativos: 'As paredes não se limitam a escutar, elas falam.'*[106]. Esta nova forma de habitar, habitar em comunidade partilhando o mesmo edifício, levará ao aparecimento da chamada 'Unidade de habitação', como reflexo da sociedade que a habita.

[103] MATOS, Fátima Loureiro [78] Pág. 691
[104] Este plano visava a construção de 6.000 habitações. Contudo, "A Câmara construiu [apenas] 1094 habitações novas, sendo ainda melhoradas 258 casa de ilhas, enquanto 360 foram demolidas.". MATOS, Fátima Loureiro [78] Pág. 693
[105] Voluntarismo: (De *voluntári*o + suf. *–ismo*) Qualidade ou atitude de quem atribui às suas vontades a primazia sobre o real; característica da pessoa voluntariosa (Que age apenas guiado pela sua vontade; que insiste em fazer o que quer.) [94] Pág. 3780
[106] [24] Pág. 157
(...)va se diffuser l'idée que l'architecture peut être utilisée pour modèles les individus. Si les lieux sont éducateurs, ils peuvent être éducatifs: Les murs ne se bornent pas à écouter; ils parlent.



(75)



(76) Entrada do Bloco Duque de Saldanha, 1940.



(77) Bloco Duque de Saldanha, em construção.



(78) Entrada do Bloco Duque de Saldanha na aualidade.



(79) Portão de entrada do Edifício na Rua de Prague, Fundação Rothschild
Arq. H. Provensal, 1909



(80) Portão de entrada do Bloco Duque de Saldanha.



(81) Vista da rua.



(82) Vista do edifíco em U.



(83) Vista do edifício que faz a frente de rua.



(84) Vista do pátio.



(85) Vista das galerias.



(86)



(87)

4.4.1) O aparecimento dos grandes conjuntos

"Dos novos temas disciplinares apontados neste processo de desenvolvimento e revisão da arquitectura moderna dos anos 50 destaca-se, seguramente como das mais transcendentais, a questão da habitação condensada na necessidade da vivenda massiva, formulada como o 'problema da habitação'."[107].

'Construir para o maior número'[108] levou à procura de uma resposta eficaz, tanto quantitativamente como qualitativamente. Era necessário perceber: para quem construir; onde construir; como construir. A referência utilizada para responder a estas questões foi: "O moderno bloco de habitação colectiva em altura [que] passou a ser entendido como uma unidade autónoma no conjunto da cidade, como a única via de resposta às necessidades de habitação de uma sociedade de massas."[109]. É através deste pensamento que irá surgir aquilo a que hoje chamamos 'edifício em barra', um edifício de habitação como bloco isolado de todos os lados, que irá ser difundido por toda a Europa como modelo de salubridade[110].

No Porto, um dos primeiros exemplos a por em prática estas soluções foi o Bairro de Ramalde, de Fernando Távora, construído em 1952, "é de facto o projecto deste bairro que permite a Távora experimentar algumas das ideias que sobretudo a experiencia alemã no campo da habitação colectiva havia realizado nos Siedlungen dos anos 20, bem como algumas das ideias que a Carta de Atenas e a criação das cidades-jardim havia definido como modelos para uma nova cidade."[111].

No desenho deste bairro o arquiteto procura conjugar as referências internacionais com a experiência portuguesa. O próprio arquiteto ao falar desta obra diz-nos: "…as casas que eu fiz em Ramalde por exemplo, era um projecto feito em Lisboa…pelos arquitectos de Lisboa e portanto eu fiz um «jeito» (ri) com as casas para lhe dar o ar do Porto… fiz um jeito… fiz umas coisas, umas associações nas casas… e nas entradas, eu fiquei… de pagar aquilo tudo (se corresse mal)".[112]. A forma de associação dos volumes, o desenho das entradas e do espaço exterior, o requinte do desenho das varandas, das palas, dos alçados, conferiram a esta proposta um carácter inovador, tornando-a a primeira referência às propostas do movimento moderno no âmbito da habitação económica do Porto.

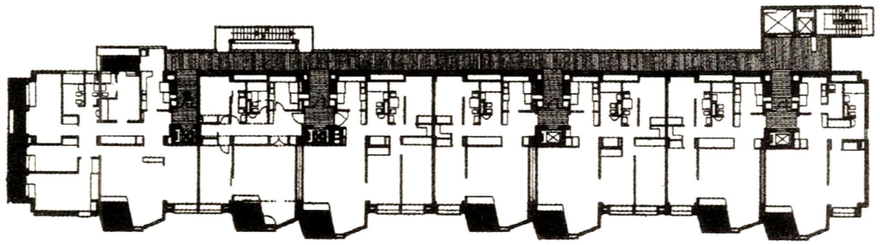
Em 1956, com o Plano de Melhoramentos, nasce a primeira operação de grande escala, em que o modelo utilizado foi a 'barra', tendo sempre presente a questão da orientação, iluminação, ventilação, etc. Uma vez que este plano tinha como principal objetivo realojar a população oriunda das ilhas, é visível a preocupação com questões quotidianas, como o espaço para pôr a roupa a secar, ou mesmo as questões sociais, tais como, espaços onde os jovens passam o seu tempo livre[113].

Estes conjuntos, na grande maioria, tinham presente o elemento da varanda, contudo estes espaços têm sido progressivamente encerradas pelos seus habitantes que acabam por os usar de diferentes formas (arrumo, anexo à cozinha, lavandaria, etc.). A roupa a secar, que deveria ser colocada 'num recinto privativo resguardado das vistas exteriores' acabou por estar nas ruas, à vista de todos. As propostas de intervenção mais recentes feitas nestes bairros acabam por manter essa opção de encerramento, sobre a qual desenvolveremos mais à frente.

[107] [63] Pág. 51
[108] "O problema da habitação não pode resolver-se hoje com a construção de alguns bairros, como já não poderia resolver-se ontem apenas com a construção de algumas casas. Eis porque o maior número não é uma realidade estática: há que reconhecer o seu dinamismo para o colocar numa perspectiva realista que permita forjar os instrumentos necessários à resolução dos problemas que o concernem.". [49] Pág. 83
[109] [63] Pág. 70
[110] *Iremos (...) resolver esse sonhado isolamento de todo o bloco habitado do seu vizinho que, em definitivo constituiu um dos fatores principais da sua salubridade. Toda a casa mergulhada em todas as suas fachadas com o ar circulando livremente, e que nada impeça o seu movimento, se tornará nessas condições absolutamente perfeita.* REY, Augustin [23] Pág. 70
[111] [71] Pág. 259
[112] TÁVORA, Fernando [71] pág. 260
[113] "Na maioria dos bairros, cada habitação possui também recinto privativo para estendal de roupa devidamente resguardado as vistas exteriores. (…) Em todos os bairros está prevista a edificação de centros sociais ou a adaptação de casas a esse fim, onde além da assistência moral e material se estabeleçam secções culturais e até recreativas que desviem da rua ou de locais inconvenientes a juventude mal preparada.". [12] Pág. 17/21



(88) Conjunto de habitações em Sotteville-lès-Rouen.

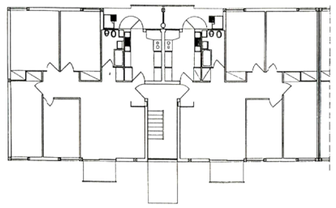


(89) Bloco das Águas Livres, Lisboa.
Planta do piso tipo.

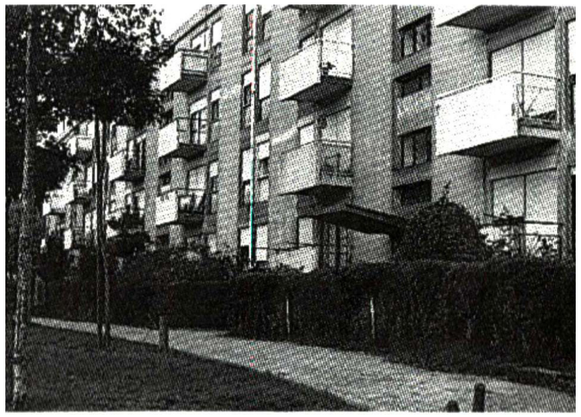




(90) Bloco das Águas Livres.
Arq. Nuno Teotónio Pereira, Bartolomeu Costa Cabral, 1953/1955.



(91) Planta do Piso tipo.
Esc. 1/500



(92) Bairro de Ramalde, Porto.
Arq. Fernando Távora, 1952



(93) Entrada.



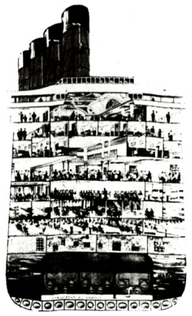
(94) As varandas.



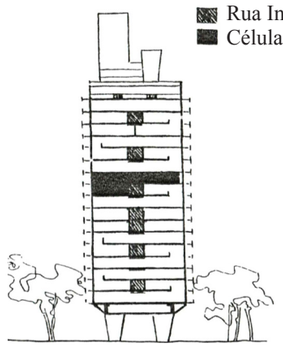




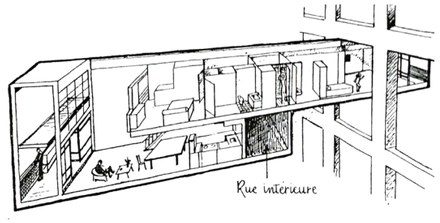
(95) Vistas do conjunto: muitas das varandas têm sido progressivamente encerrradas.



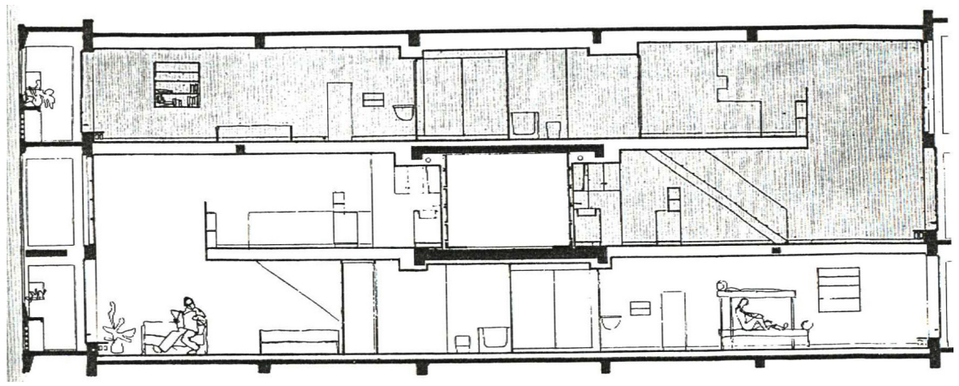
(96) Associação da 'Máquina de Habitar' a um 'Navio'.



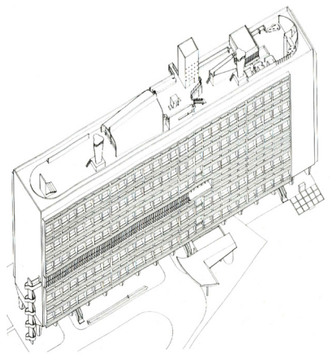
(97) Corte esquemático.



(98) Axonometria de uma célula da Unidade de Habitação de Marselha.



(99) Corte tranversal de uma célula da Unidade de Habitação de Marselha.



(100) Axonometria.



(101) Vista da Unidade de Habitação de Marselha.

4.4.2) 'A máquina de habitar' e a reformulação do programa da casa

Pode acontecer que um único edifício esteja no início de uma sequência e acabe por assumir um papel de protótipo[114].

Le Corbusier, influenciado pelas premissas de Augustin Rey[115], lança o conceito de 'unidade de habitação', pragmatizado na década de 40 na Unidade de Habitação de Marselha (1945-1952)[116]. "A unidade de habitação constitui-se num edifício autónomo como um transatlântico. Edifício-Cidade, a arquitectura e o urbanismo resolviam-se numa só peça. O edifício pela repetição definia a cidade."[117].

A habitação plurifamiliar ganhou assim uma nova dimensão, já não se limita a agregar várias famílias no mesmo edifício, procura antes conjugar os vários elementos essenciais à vida da cidade num só conjunto. Daí o aparecimento da galeria associada ao conceito de rua, a utilização da cobertura para novas funcionalidades e a reformulação do programa da casa.

Todo o edifício deveria ser o mais eficaz possível, não havendo desperdício de espaço ou tempo, daí a associação à máquina, exemplo da modernidade e funcionalismo. Esta 'maquinização', não só em termos de equipamento, mas também em termos de desenho de espaço, leva à alteração da configuração da casa. *A análise de Le Corbusier começa na família individual. Ele procurava reconciliar a alta densidade de vida urbana com a provisão das 'alegrias essenciais' da luz, do espaço e da vegetação. (...) As salas de estar eram amplas e espaçosas e tinham boas vistas para o exterior através das varandas que poderiam ser usadas como espaço de estar*[118]. Desta forma, a sala de estar aumenta, voltando a ser, assim como na habitação rural, a peça essencial da casa, a cozinha é

[114] [22] Pág. 437
It may even happen that a single building stands at the head of a sequence and takes on the role of a prototype.

[115] *A religião do ar e do sol erguidos em princípios morais- a obsessão da higiene que rege todos os mínimos detalhes do alojamento; o objetivo social da arquitetura, o arquiteto com a missão social de fazer a felicidade dos homens; a convicção de que um estudo inteiramente funcionalista e higienista do alojamento está além das questões de doutrinas*. [23] Pág. 71

[116] Contudo, já duas décadas antes, em 1923, Le Corbusier lançava os pressupostos que iram marcar todo o Movimento Moderno, nos seus escritos: "A imagem do transatlântico enquanto unidade de habitar que Le Corbusier avança na capa de Vers une Architecture, com a concentração das funções colectivas, a repetição da unidade singular da habitação, a valorização da galeria enquanto espaço social colectivo, a refundação da noção de enquadramento e paisagem". [63] Pág. 26

[117] [63] Pág. 71

[118] [22] Pág. 439
Le Corbusier's analysis began with the individual family. He sought to reconcile high-density urban living with the provision f the 'essential joys' of the light, space and greenery. (...) The living rooms were ample and spacious and had good views to the outside over balconies which could be use as living space.

reduzida ao mínimo, procurando ser o mais eficiente possível e os espaços de contacto com o exterior são introduzidos de forma sistemática. Cada habitação deveria ter o seu espaço próprio para essa funcionalidade, seja em forma de varanda projetada ou recuada, preferencialmente associado à zona de estar, funcionando como um prolongamento desta.

A ideia de 'máquina da habitar' lançada por Corbusier altera a configuração da casa mas também a forma de a viver. Corbusier sempre se opôs à 'rua corredor', estreita, insalubre, em que a luz não consegue penetrar em todas as casas. Logo, as varandas, para além da ideia higienista que defende o contacto com o exterior, têm também subjacente essa necessidade de iluminar e ventilar de forma eficaz as habitações.

A luta pelo direito ao contacto com o exterior, o direito à varanda, afirma-se aqui com mais força do que nunca. Este pensamento irá marcar grande parte das intervenções de habitação plurifamiliar das décadas de 50,60 e até 70. Nunca, em outro momento da história, a varanda esteve tão presente nos edifícios de habitação plurifamiliar. Os espaços de contacto com o exterior eram considerados como um programa comum, tal como a sala ou o quarto e a sua integração quase obrigatória. No entanto, em termos de uso e funcionalidade, não havia ainda um programa efetivo, a não ser o simples contacto com o ar livre, fonte de saúde.

4.4.3) A varanda como espaço de contacto com o exterior/natureza

No decorrer dos últimos dois séculos, a relação com o sol e com a luz mudou drasticamente, estes dois elementos passaram a ser essenciais para uma vida saudável. *A arte da iluminação brilha com toda a sua força no final do século XIX. Abrir as habitações para o exterior para favorecer uma nova arte de viver ou para responder ao higienismo mais fechado leva os arquitetos a reconsiderar a forma, o uso, a função das próprias aberturas*.[119].

Há uma fase inicial em que se questiona a própria abertura[120] e mais tarde, surge o tema do contacto direto com o exterior, associado não só à higiene, mas também ao conforto. Para além do contacto visual, passa a ser fundamental um contacto efetivo com o exterior, o 'estar fora'. *Se é verdade que a causa principal, a causa profunda de toda a doença social seja a perda de contacto com a terra, «o desenraizamento», deve-se aproveitar todas as ocasiões para reagir contra as condições artificiais e perniciosas da nossa sobrelotação urbana*[121]. É a partir desse pensamento que se começa a disseminar, no início do século XX, uma séria de novos espaços associados a esse contacto, tais como: pátios[122], terraços, coberturas praticáveis[123], varandas, etc., que irão servir como espaços de 'cura', mas também de lazer, descanso.

Relança-se também a paixão pela natureza, se no século XIX a presença das flores, vegetação e jardins eram considerados um luxo da classe burguesa[124], o século XX retoma essa ideia, trazendo-a para a habitação plurifamiliar operária. *As varandas e as janelas são repensadas, assim como os pátios e as coberturas, para procurar uma vista sobre a natureza, embora artificial, mas vista como boa, desde que ela permita tomar ar fresco*[125].

As 'unidades de habitação' vão propagar estes conceitos, difundir o edifício como bloco isolado e utilizar de forma sistemática a varanda. *O desenho de sacadas, terraços e coberturas ajardinadas é talvez a demonstração mais clara de como os arquitectos modernistas abordavam as questões da luz, ar e abertura no tempo entre guerras. […] Muitos dos que estavam inicialmente interessados no desenho de habitação social consideravam tais elementos um desperdício de espaço valioso […] Outros acreditavam que eles serviam uma representação importante, assim como uma função prática:*

[119] [25] Pág. 252
L'art de la lumière brille de tous ses feux à la fin du XIXe siècle. Ouvrir les habitations sur l'extérieur pour favoriser un nouvel art de vivre ou pour répondre à l'hygiénisme le plus étroit conduit les architectes à reconsidérer la forme, l'usage, la fonction même des percements.

[120] Deixa de ser aceite por parte dos arquitetos que uma sala e um quarto tenham o mesmo tipo de abertura. *Os racionalistas afirmam que a abertura de janelas deve corresponder ao destino das peças e que não se deve iluminar um grande salão da mesma maneira que um quarto*. [25] Pág. 252
Desta forma, surge a necessidade de diferenciação, que associada às novas possibilidades técnicas, permite vãos cada vez maiores, e com formas cada vez mais variadas. "*As janelas são cada vez mais alargadas pelos panos de vidro laterias, e a utilização de ferro, do betão, armado ou não, faz uma tímida aparição na habitação*.". [25] Pág. 254

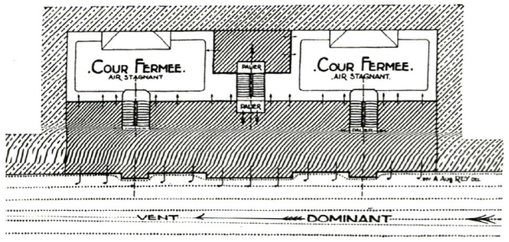
[121] [23] Pág. 38
S'il est vrai que la cause première, la cause profonde de tout le malaise social soit la perte de contact avec la terre, «le déracinement», il faut saisir toutes les occasions de réagir contre les conditions artificielles et pernicieuse de notre entassement urbain…

[122] Os pátios foram considerados durante todo o século XIX como uma fonte de doenças. Isto porque, o modelo de pátio da casa burguesa era um modelo acanhado, de um pátio intersticial, com dimensões bastante reduzidas e que funcionava como único ponto de entrada de luz para várias divisões. Contudo o século XX recupera essa ideia de pátio, dando-lhe uma nova dignidade. As suas dimensões são mais generosas, devem ter elementos de vegetação e procuram melhorar a qualidade do ar no centro dos edifícios (e não fontes de infeção). *O pátio contribui, assim como a rua, para a ventilação e iluminação da casa. Além desse papel de «pulmão», ele deve ainda realizar outras funções, que o querem espaçoso e bem acessível ao vento e ao sol. (…) Será a «praça ao domicílio»*. [23] Pág. 38

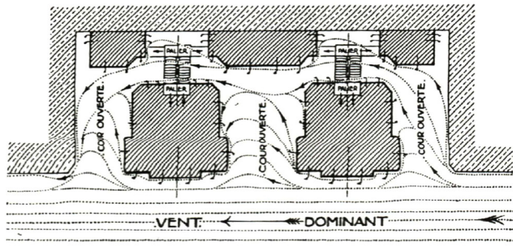
[123] As coberturas começam a ser utilizadas como mais um piso, neste caso ao ar livre, *Os telhados são ainda transformados em terraços acessíveis onde as famílias podem fazer as curas de sol indispensáveis ao tratamento da tuberculose*. [23] Pág. 62

[124] Esse prazer do contacto com a natureza, mesmo que de forma artificial, deu origem a estruturas como: *Os jardins de inverno e as estufas [tornaram-se] parte integrante das grandes casam e dos hotéis construídos na cidade depois de meados do século XIX*. [25] Pág. 256

[125] [25] Pág. 254
La serre, le jardin d'hiver deviennent le lieu de la rencontre, de la confidence, de la séduction. Les balcons et les fenêtres sont repenses, comme les cours et les toits, pour procurer une vue sur la nature, certes artificielle, mais perçue comme bonne dès qu'elle permet de s'aérer.



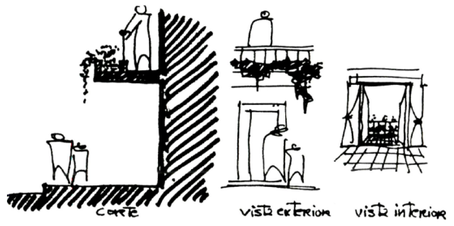
(102) Esquema de um pátio fechado, associado aos pátios do séc. XIX (encerrados e sem ventilação).



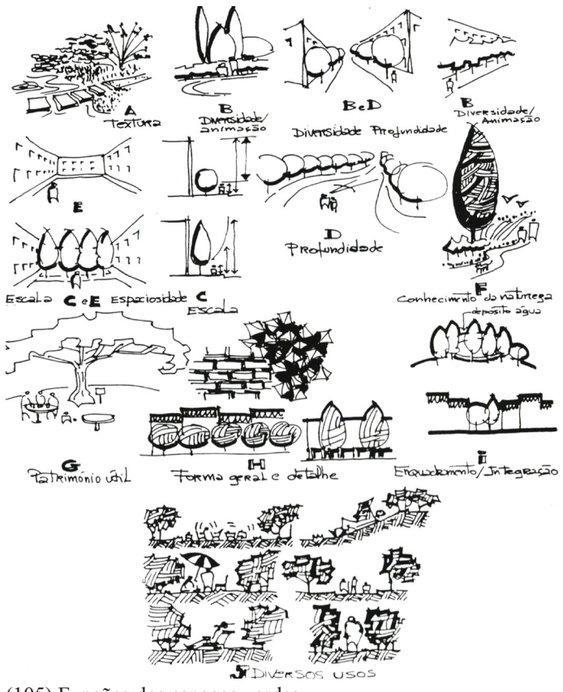
Esquema de um pátio aberto, que permite que o ar circule livremente.



(103)
Vista interio da irntegração dos elementos vegetais no edifício. Amenização do espaço interior doméstico.



(104)
Vista exterior da integração dos elementos vegetais no edifício.
Integração nas galerias, varandas e janelas.



(105) Funções dos espaços verdes.

significavam o direito dos inquilinos da classe trabalhadora a uma 'dose' de espaço aberto e ar fresco na cidade moderna[126].

Esta dualidade entre a utilização da varanda e a economia de espaço em edifícios de habitação social não é nova. Mas na ausência de espaços exteriores qualificados[127], a varanda era o único elemento que conjugava as necessidades de iluminação/ventilação, com o desejo de contactar, ainda que de forma pontual, com o exterior e a natureza[128].

Tanto as varandas como as galerias, foram sempre mantendo até aos dias de hoje essa presença dos elementos vegetais. *Esses espaços exteriores são acima de tudo um traço de união com a natureza que aparece como uma necessidade: a possibilidade de plantar; os vasos de flores de todos os tipos, são muitas vezes previstos, inscritos na arquitetura*[129]

[126] [48] Pág. 135:
The design of balconies, terraces and roof gardens is perhaps the clearest demonstration of how modernist architects addressed the issues of light, air and openness between the wars. […] Many of those who were primarily interested in the design of social housing considered such features a waste of valuable space […] Others believed that they served an important representational, as well as a practical function: signifying the right of working-class tenants to a 'ration' of open space and fresh air in the modern city.

[127] O Movimento Moderno não tratou com o mesmo empenho o desenho da habitação e o desenho do espaço público. Este era muitas vezes esquecido, logo, não havia no exterior um espaço minimamente qualificado que permitisse o lazer, e descanso ao ar livre.

[128] Já no início do século XX, nas primeiras construções de H.B.M. em França, os arquitetos destacam a importância da presença dos elementos vegetais na habitação social. *A janela florida é «o jardim ao domicílio» (...) «Les Floralia» da Holanda são sociedades estabelecidas com o fim de encorajar os operários a embelezar o seu alojamento ao adorá-lo com flores. Da mesma forma na Alemanha e na Inglaterra. A Glasgow, em Liverpool, em Leicester, deu aos operários caixas todas plantadas com flores para as colocar no suporte das suas janelas. Recentemente, a direção do Jardim Botânico de Bruxelas decidiu por gratuitamente as plantas de ornamentação à disposição das donas de casa operárias.* [23] Pág. 38

[129] [26] Pág. 162
Ces espaces extérieurs sont pour tous un trait d'union avec la nature qui apparaît comme une nécessité: la possibilité de planter; les bacs à fleurs en tout genre, sont souvent prévus, inscrits dans l'architecture.

4.5) A crítica ao Modernismo e o retomar da pequena escala

O Movimento Moderno, apesar do seu carácter revolucionário, teve algumas repercussões negativas nas décadas que o sucederam. "Sabemos hoje que a grande massa de habitações feitas para acudir apressadamente às necessidades se transformou rapidamente em novas fontes de infelicidade, desintegrando ou não compreendendo a família, localizando a delinquência ou a desadaptação psicológica."[130]. A implantação de grandes conjuntos na periferia da cidade deixa de ser uma solução viável e as grandes unidades de habitação, isolados do contexto, não são vistas como incentivadores de sociabilidade. A pequena casa burguesa, de três pisos, que conjugava na mesma habitação um reduzido número de famílias, volta a ser estudada.

Às críticas relacionadas com as questões urbanísticas e de escala, juntam-se aquelas relacionadas com o interior da habitação e o papel do habitante na definição desse interior. A crítica à máquina 'impessoal' em que se tornou a casa retomou os temas do conforto e da comodidade. *Temos que redescobrir por nós mesmos o mistério do conforto, pois sem ele as nossas residências serão na verdade máquinas e não casas*[131]. Esse funcionalismo excessivo não permitia uma expressão pessoal e apesar de o conforto não ser 'mesurável'[132] era importante voltar a dar ao habitante a capacidade de decisão. São defendidas intervenções de escala mais reduzida, com um cuidado do espaço exterior proporcional ao espaço interior e formas mais interventivas de dialogar com os habitantes.

Em Portugal, a crítica ao Movimento Moderno expande-se na década de 70. Um dos principais movimentos a ter em conta é o SAAL. Este processo permitiu "propor, praticando, uma alternativa metodológica que entende o planeamento, projecto e construção como síntese de uma actividade multidisciplinar resultante dos sucessivos consensos entre técnicos e moradores. Do particular para o geral, do bairro à cidade, do direito ao lugar até ao direito à cidade."[133]. No Porto, ao contrário de Lisboa[134], as intervenções procuraram retomar a pequena escala, permitindo assim ao habitantes lutar pelo seu direito à cidade.

Um desses casos é precisamente o Bairro de São Vítor, projetado pelo arquiteto Siza Vieira, entre 1974/1977. Esta intervenção realojou, na grande maioria, a população originária de uma ilha bem próxima do local onde o bairro se encontra atualmente[135] e onde se mantém até aos dias de hoje. Esta intervenção retoma a tipologia unifamiliar, agrupando as casas num conjunto único, quebrado apenas por uma passagem, marcada por um ligeiro desnível. Todas as casas têm varandas e um pátio no piso térreo[136].

Um fator decisivo neste projeto terá sido precisamente a localização no interior de um quarteirão. A adequação ao local, assim como o tipo de população a realojar, poderão ter sido fundamentais na escolha da tipologia e escala da intervenção.

4.5.1) A varanda começa a ser posta em causa

"(…)a própria arquitetura «moderna» tem agora uma história de vários decénios e deve ser reconhecida no seu desenvolvimento real, no tempo e no espaço. Já não é um ideal, mas uma experiencia concreta"[137].

Depois das grandes intervenções do Movimento Moderno este processo de recuperação das intervenções de pequena escala levantou algumas questões quanto aos espaços de contacto com o exterior da habitação. A experiência do modernismo mostrou-nos a importância destes espaços, mas o crescimento de políticas habitacionais cada vez mais restritivas em termos de áreas e orçamentos, associados a um maior conhecimento das questões de higiene (pessoal e de habitação), levou a pôr em causa a sua efetiva necessidade.

As questões da higiene já não se colocam da mesma maneira que há um século atrás. Os espaços exteriores públicos começam a ser alvo de intervenções, o que possibilita a

[130] [55] Pág. 21/22
[131] [58] Pág. 234
Hemos de redescubrir por nosotros mismos el misterio del confort, pues sin él nuestras residencias serán de verdad máquinas y no casas.
[132] *A maioria das pessoas - «posso não saber porque gosto, mas sei que gosto» - reconhecem o conforto quando o experimentam. Esse reconhecimento comporta uma combinação de sensações- muitas delas subconscientes- e não só físicas, mas também emocionais e intelectuais, as quais fazem com que o conforto seja difícil de explicar e impossível de medir. Mas isso não faz com que seja menos real* [58] Pág. 234
[133] COSTA, Alexandre Alves[6] Pág. 68
[134] No Porto, "as operações decorrem no centro urbano, em espaços abertos junto a antigos bairros operários (…) Foram intervenções que, embora pontuais e fragmentadas, apontavam implicitamente para um modelo radical de cidade e de planeamento, uma cidade em que os pobres também têm o direito ao centro «histórico»". COSTA, Alexandre Alves [6] pág. 69
Em Lisboa, optou-se por intervir em zona de subúrbio, e a população realojada provinha, na sua maioria, de bairros de lata recentemente urbanizados. Quanto à tipologia construtiva, optou-se por "blocos colectivos de média altura agrupados em pátios em U, em bandas, com acessos verticais e galerias muito acentuadas: partidos tipológicos anteriores à Revolução". COSTA, Alexandre Alves [6] pág. 69
[135] A antiga ilha demolida localizava-se onde atualmente se encontra o jardim.
[136] Esta intervenção recupera assim alguns dos critérios aplicados nas primeiras intervenções do Estado do início do século.
[137] [7] Pág. 119

existência de um espaço verde, de contacto com a natureza, próximo da habitação.

Espaços como a varanda começam a desaparecer progressivamente das habitações plurifamiliares com principal incidência nas intervenções de cariz social. “Hoje sabemos que os problemas e as soluções mudam continuamente e os problemas de amanhã não podem ser resolvidos com os instrumentos culturais de ontem.”[138]. Daí a necessidade de questionar este elemento, perceber a sua pertinência, de forma a resolver os problemas de ‘hoje’ mais eficazmente, conscientes das questões levantadas no passado.

[138] [7] Pág. 119

5_ DIFERENTES NÍVEIS DE RELAÇÃO

5.1) A varanda e a casa

Numa escala mais aproximada, o espaço interior da habitação é o nível de relação mais próximo da varanda. A casa e seus habitantes são aqueles que mais usufruem deste espaço e o caracterizam de forma mais direta. Nesta relação próxima com o espaço interior, a varanda funciona como um prolongamento deste, estando ainda sob a sua influência. Pode haver uma extensão mais ou menos direta, uma utilização mais ou menos frequente, mas há sempre uma relação incontestável entre varanda e espaço doméstico, que enriquece ambos.

Essa permanência no exterior, influenciada ainda pelo espaço interior, varia consoante a localização da varanda e o seu desenho, isto é, dependendo do espaço interior com que se relaciona, da área que disponibiliza, da sua visibilidade, do facto de estar mais ou menos recuada em relação à fachada, a utilização da varanda vai-se diversificando, incentivando um ou outro tipo de uso.

Tanto a forma como os usos deste elemento foram variando ao longo dos séculos, mas é no século XX, que ganha um novo caráter. Com a valorização dos espaços exteriores e o acrescento de novos programas (como a lavagem e secagem de roupa que se fez durante muito tempo fora da casa), foi necessário repensar a varanda e a sua relação com a casa.

5.1.1) Os espaços do sujo/limpo

No final do século XIX as questões da higiene e do conforto, quando aplicadas nos *standards* do alojamento operário, impõem novas condições de salubridade, que levaram ao desenvolvimento de peças como: quarto de banho, cozinha, lavandaria, etc.

A cozinha, que no início do século XIX era um luxo da habitação burguesa, na passagem para o século XX ganha um novo estatuto com a habitação operária[139]. Esta passa a ser uma peça presente em todas as casas e ganha um caracter cada vez mais individualizado em relação à sala de estar. *Espaço anteriormente sujo, denegrido, rejeitado (...) ele torna-se aqui um espaço digno onde devem ser respeitados os princípios da ordem, da limpeza e da higiene. A cozinha, incluída inicialmente na sala comum, tende a tornar-se uma peça específica*[140].

Esta peça assume assim, em alguns casos, uma posição de destaque. *Jules Verne proporá uma disposição ideal dessa peça: as cozinhas, escritórios ou dependências, serão, contrariamente ao uso comum, colocadas no piso superior, e em comunicação direta com o terraço, o que as tornará assim num grande anexo ao ar livre. Ar e luz são de facto reivindicados por todos para essa peça*[141]. Este autor propõe que a cozinha esteja relacionada com um terraço ou varanda, permitindo assim a existência de um espaço exterior para refeições[142].

Quanto à lavagem e secagem de roupa, no século XIX a roupa suja era considerada fonte de doenças e contaminação, logo não deveria ser mantida dentro de casa. *A lavagem e a secagem da roupa são proscritas do alojamento como fatores de humidade*[143]. A questão

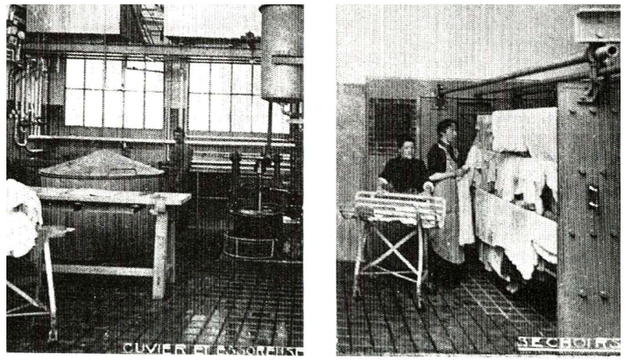
[139] *A cozinha do alojamento operário será um terreno privilegiado de aplicação desses princípios de salubridade. Quando os tratados de arquitetura descrevem a habitação burguesa, a discurso sobre a cozinha é removido da matéria principal, da mesma forma que nas plantas, a cozinha está renegada para o fundo do apartamento. Quando se trata da habitação operária, a cozinha tem um lugar importante*. [24] Pág. 141/142

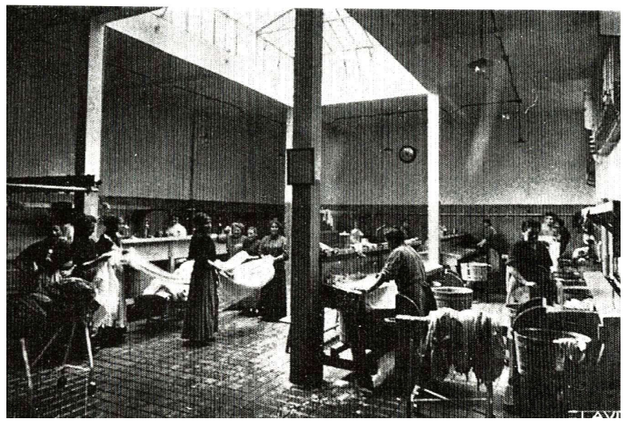
[140] [24] Pág. 142
Espace autrefois sale, dénigré, rejeté (...) il devient ici un espace maîtrise où doivent être respectés les principes d'ordre, de propreté et d'hygiène. La cuisine, incluse au début dans la salle commune, tend à devenir une pièce spécifique.

[141] [24] Pág. 142
Jules Verne proposera une disposition idéale de cette pièce: les cuisines, offices ou dépendances, seront, contrairement à l'usage ordinaire, placés à l'étage supérieur, et en communication directe avec la terrasse, qui en deviendra ainsi la large annexe en plein air. Aire et lumière sont en effet revendiqués par tous pour cette pièce.

[142] Nuno Portas refere uma mesa com quatro cadeiras para refeições, jogos ou conversações; ou duas cadeiras de repouso; ou um parque de criança, como equipamento previsível a localizar em espaços de contacto com o exterior. [57] Pág. 72

[143] [23] Pág. 62
Le lavage et le séchage du linge sont proscrits dans les logements comme facteurs d'humidité.





(106) Lavandaria comum de um edificio de habitações operárias, 1913.



(107) Lavandaria comum no Bloco Duque de Saldanha.

do armazenamento e secagem da roupa também não tinha ainda um espaço previsto no desenho da habitação[144]. O século XX lança a solução dos serviços comuns, contudo esse sistema não foi bem aceite por ser considerado como uma forma de 'controlo social'[145]. Com o decorrer do século e a introdução de nova maquinaria na habitação, dá-se a disseminação da lavandaria individual resolvendo assim a questão da lavagem da roupa. No entanto, a questão da secagem permanece ainda hoje por resolver. "A organização da casa começa a estar em causa (…) se se auscultar as razões da fadiga em relação a várias tarefas domésticas. A lavagem de roupa vem, assim, imediatamente às queixas, logo de seguida dos cuidados com as crianças e consequentes enervamentos, nomeadamente quando o espaço é pouco."[146].

Na ausência de um espaço exterior próximo que permita realizar essa tarefa, a varanda colmata muitas vezes essa lacuna. É frequente ver nas varandas roupa a secar, isto porque, mesmo que se consiga resolver no interior da reduzida lavandaria a secagem das pequenas peças, as peças de grandes dimensões acabam inevitavelmente por ser estendidas nas varandas.

No caso das ilhas, em que os espaços interiores são reduzidíssimos, estes espaços 'do sujo' tinham uma forma muito particular de se desenvolver. A cozinha, na maioria das vezes, não era ventilada. Nas ilhas visitadas, a cozinha localiza-se, regra geral, na zona mais interior da habitação (ou por baixo das escadas ou junto à sala de estar) e é raro terem janela[147]. Quanto ao espaço de lavagem e secagem de roupa, esse também não era previsto no interior da habitação. Era comum, em alguns casos, até regra[148], que houvesse um tanque à porta onde se lavava a roupa[149]. A secagem era e ainda é resolvida com cordas e estendais localizados na rua de acesso. Essa tradição de pôr a roupa a secar em cordas na rua, não é restrita às ilhas, uma percentagem considerável dos bairros dos anos 60

[144] Já nas primeiras intervenções de H.B.M. em França, se levantava esta problemática. *Chegamos à questão da roupa, que é também uma das mais graves preocupações da dona de casa: onde a armazenar quando está suja? Onde a lavar ou fazer secar?* [23] Pág. 36

[145] *Esse sistema de lavandaria coletiva é excelente do ponto de vista da higiene e sobretudo da prevenção contra o contágio da tuberculose (...) Em contrapartida dessa vantagem considerável, há o inconveniente de instalar na casa uma maneira de comunismo falansteriano* (…) *A sua utilização torna-se quase obrigatória pela interdição de lavar roupa em sua casa*. [23] Pág. 37/81

[146] [56] Pág. 30

[147] Só nas casas mais recentes intervencionadas pelos próprios moradores observamos uma relação direta entre a cozinha e o exterior.

[148] No caso do Bairro Herculano, na altura da sua construção, todas as casas tinham um tanque à porta. Em muitos dos casos este elemento ainda lá permanece mesmo não sendo utilizado.

[149] Atualmente, já se torna mais frequente as casas que têm máquina de lavar própria. No entanto, a população mais idosa continua a preferir o tanque para este tipo de função.

apresenta ainda essa prática muito viva.

No caso do bairro de São Vítor, as cozinhas localizam-se na zona interior da casa, junto às escadas e não tem ventilação natural[150]. A lavagem de roupa era prevista, havendo um armário por baixo da caixa de escadas onde se deveria localizar a máquina de lavar e a secagem deveria estar associada ao pátio, junto à sala comum. No entanto, o pátio foi sendo progressivamente encerrado por todos os moradores, logo o espaço mais comum para esta prática é atualmente a varanda do primeiro piso e todo o espaço exterior junto à fachada Este.

No Conjunto das Fontainhas, as cozinhas têm iluminação natural, assim como as lavandarias[151], onde originalmente foi colocado um tanque, um pequeno estendal e previsto um espaço para a máquina de lavar. Porém, o tanque foi, em muitos dos casos, removido e o estendal considerado insuficiente, logo, a secagem acaba por se resolver nas varandas e galerias[152].

Estes espaços do 'sujo', estão hoje perfeitamente 'higienizados' e integrados na habitação.

[150] Tanto a ventilação como a iluminação são feitas através da sala, uma vez que estes dois programas se ligam sem qualquer parede divisória.
[151] Neste caso não se optou por ter a lavandaria a seguir à cozinha, sendo esta uma solução mais eficaz e vantajosa, que permite a iluminação natural e ventilação direta aos dois programas.
[152] Regra geral, os habitantes dizem que ser preferível secar a roupa no exterior.

ILHAS



(108) Cozinha na ilha nº 83.



(109) Cozinha na ilha nº 182.



(110) Cozinha na ilha nº 109.



(111) Cozinha na ilha nº 109, um caso em que se verifica uma intervenção recente e esta peça tem contacto com o exterior.



(112) Tanques no Bairro Alexandre Herculano.



(113) Tanques na ilha nº 182



(114) Tanques na ilha nº 109.



(115) Zona de secagem da roupa, nos corredores de acesso.

BAIRRO DE SÃO VÍTOR



(116) Cozinha.



(117) Espaço para a máquina de lavar.



(118) Zona de secagem da roupa.

CONJUNTO DAS FONTAINHAS



(119) Cozinha.



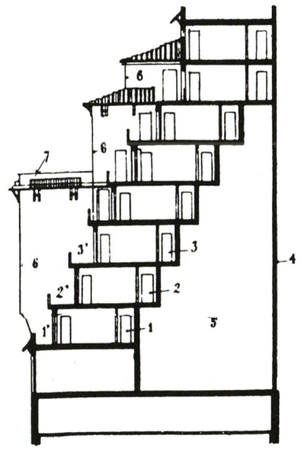
(120) Lavandaria.



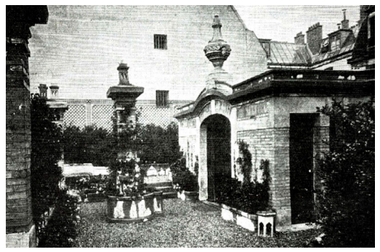
(121) Zona de secagem da roupa.



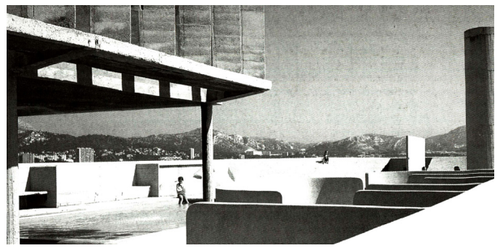
(122) Edifício com fachada escalona.
Arq. Henri Sauvage, 1912



(123) Esquema de uma fachada escalonada, com terraços em todas as habitações.



(124) Cobertura-terraço num Hotel em Paris.
Arq. J. Lavirotte, 1908



(125) Cobertura-Terraço, Unidade de Habitação de Marselha.
Arq. Le Corbusier , 1945/52



(126) Exemplo de um pátio fechado, no final do séc. XIX, com um sistema de acesso composto por escadas e galerias viradas para o pátio.



(127) Pátio, associado a um jardim.
Arq. Victor-Hugo e Ch. Plumet , 1912

5.1.2) Ventilação e iluminação: o contacto com o exterior

A nossa necessidade de luz aumentou consideravelmente nos últimos tempos. (...) A defeituosa iluminação é certamente para nós uma causa de doença e mesmo de sofrimento. Bastante cedo, no inverno, somos submersos numa semi-obscuridade, que entristece o interior[153].

Antes do aparecimento da iluminação artificial, só os espaços de contacto com o exterior asseguravam uma iluminação e ventilação eficaz ao interior da habitação. Começou a valorizar-se no século XX o 'estar no exterior', *Não nos sentamos mais apenas no sofá da nossa alcova ou no seu escritório, mas também, na sua varanda, na estufa ou no terraço. (...) Esses espaços interiores e abertos sobre a rua não são apenas um prazer para o olhar: é aí onde se instala ao sol, onde se isola também durante a noite para melhor conversar*[154].

Surgem, ao longo desse século, novas soluções tais como: terraços[155], coberturas-terraço[156], pátios[157], varandas, que criam uma relação mais aberta entre interior e exterior. *O gosto pelas plantas, o prazer da relação com um exterior ligado à habitação estão novamente na ordem do dia*[158].

---

[153] [23] Pág. 37
Notre besoin de lumière s'est considérablement accru dans ces derniers temps. (...) La défectuosité de l'éclairage est certainement pour eux une cause de malaise et même de souffrances. De bonne heure, en hiver, ils sont plongés dans une demi-obscurité, qui attriste l'intérieur.

[154] [25] Pág. 254/257
On ne s'assoit plus seulement sur le canapé de son boudoir ou dans son cabinet, mais aussi devant, sur son balcon, dans la serre ou sur la terrasse. (...) Ces espaces intérieurs et ouverts sur la rue ne sont pas seulement un plaisir pour le regard: on s'y installe au soleil, on s'y isole aussi au cours d'une soirée pour mieux se parler...

[155] Henri Sauvage sugere os terraços, no desenho da 'habitação escalonada'. *A construção moderna, consiste em dispor os apartamentos recuados, uns em relação aos outros, de forma a permitir em cada piso vastos terraços nas fachadas, distribuindo assim por todos o ar e a luz. (...) Podemos transformá-los em jardins suspensos, e a verdura e as flores facilmente se encarregam da parte decorativa da construção*. [25] Pág. 274/275

[156] A cobertura-terraço, que permite a utilização da cobertura para desfrutar do ar livre aparece já nos alojamentos higienistas de baixo custo, em França. *Esse cobertura-jardim torna-se uma verdadeira peça da casa, que pode ser utilizada como salão, sala de jantar ou como espaço mais intimo para o prazer de aeração ou mesmo do desporto*. [25] Pág. 278

[157] O pátio, que era uma presença já muito forte nas casas burguesas do século XIX, associa-se ao jardim, marcando um novo tratamento do seu estatuto revalorizado. *A transformação do pátio, tanto na sua espacialidade como no seu estatuto, participa dessa mudança. Ao mesmo tempo que ele se amplia e se abre, ele é transformado em jardim, e frequentemente escolhido como vista principal, de preferência à rua, o que perturba a hierarquia dos espaços interiores*. [25] Pág. 503

[158] [25] Pág. 286
Le goût des plantes, la jouissance du rapport avec un extérieur lié à l'habitation sont à nouveau à l'ordre du jour.



Bairro de São Vítor:
(128) Claraboia no topo das escadas.



(129) Janela do quarto de banho.



(130) Espaço exterior junto ao antigo pátio.



(131) "De todas as flores,a flor humana é aquela que mais precisa de sol." [23] Pág. 124

Este contacto com o exterior, que começou como uma procura de luz e ar puro, na tentativa de criar um ambiente mais 'higiénico', tornou-se primordial no prolongamento da vida doméstica para a vida em sociedade. "Se a habitação é, no sentido físico, um abrigo da intempérie, a vida que abriga não prescinde de abertura e prolongamento para o ar livre e o exterior"[159]. Há assim um forte crescimento de elementos como a varanda, os terraços ou coberturas-terraço, que tem vindo a ser contrariado nas últimas décadas do século XX, na habitação plurifamiliar[160].

Tendo em conta os casos referidos anteriormente, constatamos que o contacto com o exterior na procura de luz e ventilação, tem aumentado. Nas ilhas a cozinha não tem iluminação natural ou ventilação, em São Vítor a cozinha beneficia já de iluminação e ventilação indireta, no Conjunto das Fontainhas todas as cozinhas têm janela e são iluminadas e ventiladas naturalmente.

No caso das ilhas, em que a única abertura para o exterior é a janela, a iluminação e ventilação são reduzidas. Desta forma, é comum ver as janelas e portas abertas, tentando rentabilizar ao máximo esse contacto, o que faz com que muita da vida comum se faça no exterior.

No caso de São Vítor, as aberturas são de reduzidas dimensões e a profundidade dos lotes leva à necessidade de outro tipo de soluções, tais como a claraboia no topo das escadas ou a janela do quarto de banho que abre para o interior. A solução do pátio junto à sala de estar deveria resolver a iluminação e ventilação dos espaços comuns, mas, ao ser encerrado, prejudica a iluminação destes espaços, que se tornam relativamente sombrios. O contacto com o exterior prolonga-se assim para a zona exterior comum, junto a esses antigos pátios, que é apropriada por todos. A população apesar de sentir a necessidade de encerrar estes espaços para acrescentar um novo programa à casa, não prescinde de um espaço de contacto com o exterior que possa ser apropriado e utilizado para as atividades quotidianas que necessitam do contacto com a luz natural.

No Conjunto das Fontainhas, as varandas são assim espaços que permitem iluminar e ventilar a habitação, mas também estar efetivamente no exterior, sem sair de casa.

[159] [55] Pág. 71
[160] É de destacar contudo que "as exigências de espaço ao ar livre e de contacto com o exterior, em domínio privado, terão um consumo crescente. Note-se, como exemplo, que mesmo em Inglaterra cujo clima não permite uma utilização extensa como nas condições portuguesas, o relatório 'Homes for today and tomorrow ' considera o balcão ou a 'loggia' como obrigatórios para casas de andares. Embora achem que sim, dizem que a escolha mais cuidadosa entre a varanda e o quarto extra se impõe hoje mais do que no passado.". [56] Pág. 72

5.1.3) Sala/varanda: um espaço de exceção

"As varandas e os terraços devem 'prolongar', prioritariamente, as salas, e depois os quartos de dormir e saletas; podem também assumir um caracter de varanda ou terraço de serviço, junto da cozinha e da zona de tratamento de roupa."[161].

Segundo António Coelho, a varanda deve funcionar, preferencialmente, como prolongamento da sala. Já Nuno Portas destaca que a localização privilegiada da varanda deve ser junto à cozinha[162].

Se retomarmos a história dos séculos anteriores, verificamos que, no século XIX, tanto na habitação burguesa como na habitação popular a sala comum era a peça central da casa[163], logo as varandas aparecem frequentemente associadas a este espaço marcando, tanto no interior como no exterior, um espaço de exceção.

Com a mudança de mentalidades ocorrida ao longo do século XX outros espaços vão assumindo um novo protagonismo, o que faz com que a varanda apareça associada a espaços como a cozinha ou até os quartos.

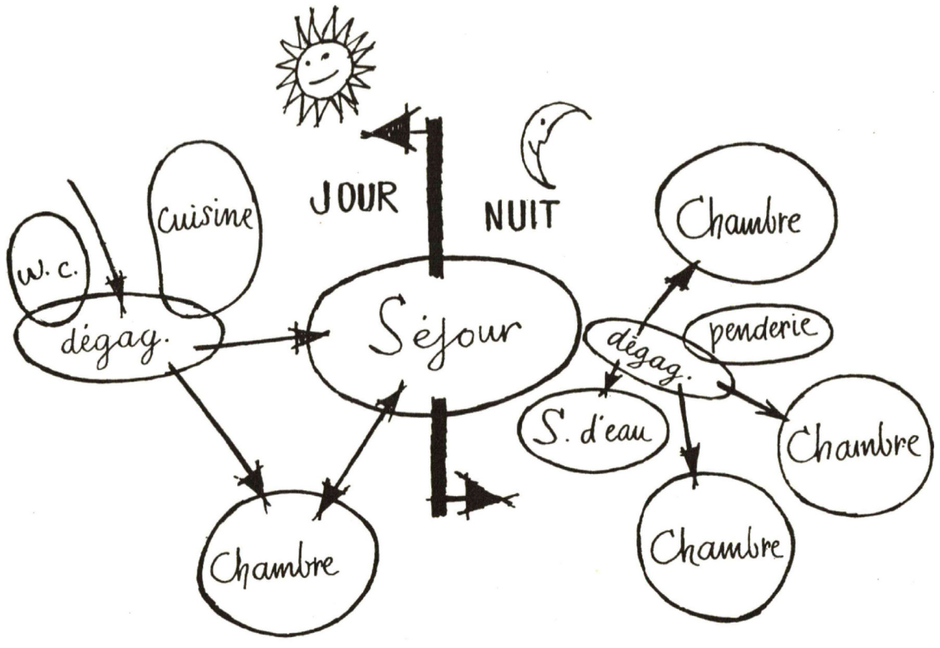
Há uma divulgação, quase até banalização deste elemento, que em alguns casos acabou por ter um efeito inverso. *A multiplicação das varandas e a sua banalização levou a dois tipos de reação: elas deixaram de ser símbolos de classes, a sua difusão desvalorizou-as, os habitantes constataram ainda que elas eram demasiado pequenas para serem utilizadas*[164]. O modernismo difundiu a utilização das varandas, contudo, as restrições técnicas acabaram por conduzir a uma redução drástica destes elementos, levando a uma quase impossibilidade de utilização. Associado a essas questões temos um pensamento funcionalista, que defende que cada espaço deverá ter a sua função, o que reduz ainda mais a presença destes elementos. *Os arquitetos – a começar pelos racionalistas, que procuravam justificar toda a forma com uma necessidade ou um uso*

[161] [16] Pág. 459

[162] "(…)de acordo com as utilizações dominantes o prolongamento exterior deve ser localizado com contiguidade com, pelo menos, uma das zonas seguintes, por ordem decrescente de conveniência: a) zona de trabalho contigua à cozinha, servindo de extensão à área de trabalhos doméstico, refeições e vigilância das crianças; b) zona de estar mais utilizada durante o dia e serão por razões de prolongamento de permanência e reunião; c) um dos quartos que não o do casal, para facilitar o recreio das crianças.". [56] Pág. 74

[163] A família dá maior destaque a esta peça, que procura reforçar o espirito de família, é *lugar onde a mãe pode assegurar a vigilância dos filhos (...) o lugar da historia coletiva da família.* [24] Pág. 138/139

[164] [25] Pág. 262
La multiplication des balcons et leur banalisation avaient entraîné deux sortes de réaction: ils n'étaient plus les signes classants, leur diffusion les avait dévalorisés, les habitants constatant de surcroît qu'ils étaient trop étroits pour être utilisables.



(132) Esquema da habitação: a sala como espaço central da composição.



Conjunto das Fontainhas
(133) Varanda associada à sala.



(134) Varanda associada ao quarto.

– consideraram agora a varanda como um motivo decorativo e assim rejeitaram-na[165].

Apesar dessa redução, a varanda, quando presente, pode recuperar essa tradição do século XIX, utilizada de forma pontual, com dimensões reduzidas, marcando um espaço de exceção, a sala de estar.

Em relação ao Conjunto das Fontainhas, diz-nos o arquiteto: "Se procuro utilizar um desenho que tem como referência a varanda no Porto, então fazer uma lâmina de betão com 50cm não tem problema nenhum, sobretudo porque os custos são reduzidos, logo enquadrados na logica da habitação social"[166]. De acordo com esta ideia, o conjunto apresente varandas em quase todas as salas e em alguns quartos. Isto porque, segundo ele, "Quanto maior for o colete-de-forças, maior o estimulo para encontrar soluções que resolvam os problemas inerentes à disciplina da arquitectura, ou seja, assumir as nossas responsabilidades"[167].

Conjugando esta ideia com uma 'leitura de fachada', verificamos que a presença de varandas marca o espaço da sala, sendo estas mais valorizadas pelos moradores[168] e pontualmente o espaço dos quartos. No primeiro caso, temos varandas corridas, agrupando dois vãos, no segundo caso, varandas pontuais englobando um só vão.

Tanto no Bairro de São Vítor como no Conjunto das Fontainhas, temos varandas associadas aos quartos, mas as zonas comuns são aquelas que apresentam um espaço de contacto com o exterior maior e mais utilizado.

[165] [25] Pág. 262
Les architectes – à commencer par les rationalistes, qui se devaient de justifier tout forme par un besoin ou un usage – considéraient désormais le balcon comme un motif de décoration et le rejetaient de ce fait.
[166] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[167] Op. Cit.
[168] A roupa a secar, os bancos, os guarda-sóis, todos estes elementos, estão preferencialmente na varanda da sala.

5.2) A varanda e o edifício

Poder-se-á dizer que há uma relação intermédia entre a varanda e a imagem global do edifício. No conjunto dos volumes edificados, a varanda enquadra-se numa sequência de espaços que permitem a ligação entre o espaço público (no contexto urbano) até ao espaço privado (no contexto da habitação). Deve haver assim uma transição progressiva entre o dentro e o fora, entre os dois domínios (exterior/interior; público/privado)[169].

Voltando à habitação burguesa, fazendo uma mediação entre o exterior mais público e o interior mais privado, verificamos que havia uma diferenciação bem marcada entre os dois contextos, com as zonas comuns viradas para a rua e as zonas mais 'privados' para o interior do quarteirão.

Já o modernismo, desde a entrada comum, passando pelos dispositivos de acesso, até à porta de entrada da habitação, investe no desenho de espaços comuns que permitam uma transição gradual entre o público e o privado.

Numa fase pós modernista, depois da efusão dos grandes conjuntos de habitação social, há uma redução progressiva destes espaços de transição, acabando por ser reduzidos ao mínimo. Esta redução acaba por limitar a expressão pessoal dos habitantes.

Tal como explorar o átrio de entrada ou o grande corredor, a varanda acaba por ser considerada um 'desperdício' de área útil da habitação, relegando-se para segundo plano enquanto dispositivo complementar da habitação associado a usos e forma de representação, permitindo a mediação e transição entre o espaço público e o espaço privado.

[169] Uma das primeiras lutas para relacionar esses dois domínios data do final século XVIII. Até essa altura, a maioria das fachadas não deixava entrever do exterior aquilo que se passava no interior. Já no final desse século, Nicolas Le Camus (…)*propõe para realizar essa intimidade entre dentro e fora, que a fachada seja a expressão da distribuição interior: 'De facto, se é o fora que deve em primeiro lugar fixar-nos e prender-nos, ele deve indicar-nos o que pode ser o dentro e quais os usos que lhe são destinados (...) o dentro e o fora devem ter a relação o mais intima possível*'. [24] Pág. 43

5.2.1) A varanda enquanto espaço de transição entre público/privado

O contraste entre o interior e o exterior pode ser uma das manifestações principais da contradição em arquitetura. Sem dúvida, uma das mais poderosas ortodoxias do século XX foi a necessidade da continuidade entre eles: o interior deveria ser expressado no exterior[170].

Uma separação abrupta entre o interior e o exterior, sem elementos de mediação, pode levar a situações redutoras e de difícil definição. "O exterior e o interior formam uma dialética de esquartejamento (…) Ela tem a nitidez crucial da dialética do sim e do não, que tudo decide." [171]. Na realidade, esta divisão tão clara acaba por não se traduzir nas práticas quotidianas[172] e apesar da 'necessidade' de separar o que 'está dentro', do que 'está fora', as fronteiras entre ambos não serão rígidas. *Onde, quando, como e porquê o público se torna privado, a frente se torna traseira, o limpo se torna sujo, e por aí adiante*?[173].

No âmbito da arquitetura, há uma interdependência entre o domínio do público e do privado, muitas vezes separados apenas por 'limites simbólicos'[174]. Estes limites podem ser eles mesmos espaços de encontro, a janela, a porta ou a varanda representam um limite e acabam por ser um lugar com um direito próprio, um espaço de relação entre esses dois mundos. *O limite providencia a chave para a transição entre as áreas com reivindicações territoriais divergentes e, como um espaço com direito próprio, ele constitui essencialmente, a condição espacial para o encontro e diálogo entre áreas de diferentes ordens*[175].

[170] [65] Pág. 109
El contraste entre el interior y el exterior puede ser una des manifestaciones principales de la contradicción en la arquitectura. Sin embargo, una de las más poderosas ortodoxias del siglo XX há sido la necesidad de continuidad entre ellos: el interior debería ser expresado al exterior.

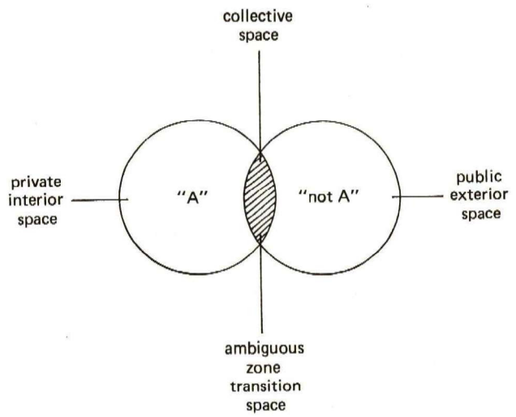
[171] [2] Pág. 215

[172] Este tipo de pensamento ajuda apenas a organizar, em termos metodológicos, o espaço da casa. *Estas oposições binárias incluem macho e fêmea, público e privado, frente e traseiras, limpo e sujo, simbólico e temporal. Este costume sugere que não só é importante para as pessoas serem capazes de subdividir a casa em espaços e zonas que permitam a expressão destes códigos binários mas também que o ordenamento das atividades e espaços domésticos devem ao conforto a prescrição de convenções culturais*. LAWRENCE, Roderick [36] Pág. 76

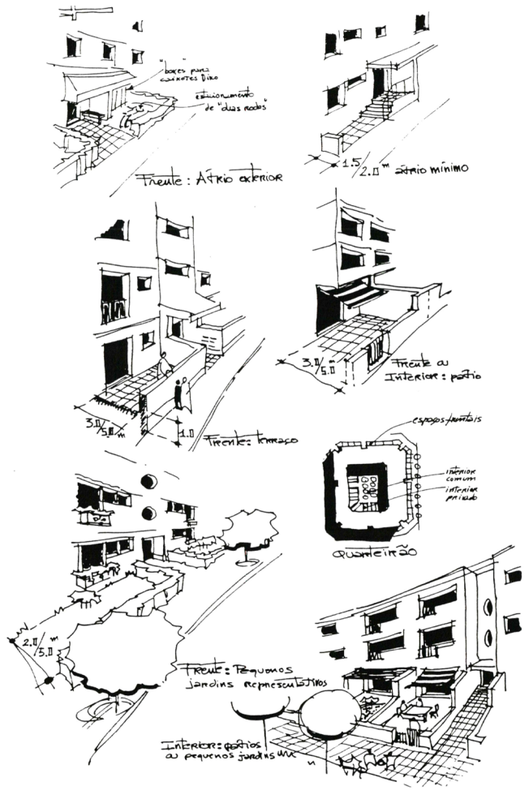
[173] LAWRENCE, Roderick [36] Pág. 76
(...)where, when, how, and why does public become private, front become back, clean become dirty, and so on?

[174] *Com um limite simbólico a acessibilidade e visibilidade entre dois domínios está mais dependente das regras e convenções socias do que no caso de um espaço encerrado por barreiras fisicas*. LAWRENCE, Roderick [35] Pág. 77

[175] [35] Pág. 32
The threshold provides the key to the transition and connection between areas with divergent territorial claims and, as a place in its own right, it constitutes, essentially, the spatial condition for the meeting and dialogue between areas of different orders.



(135) Esquema dos espaços de transição entre o espaço privado interior e o espaço público exterior.



(136) Espaços de transição: relações que permitem entre o interior e o exterior, em vários contextos (átrios, pátios privados, pátios coletivos, jardins, etc.).

A varanda, estando ela numa condição espacial privilegiada, na transição entre o interior e o exterior, acaba por funcionar como dispositivo físico de mediação entre a habitação e a sua envolvente. *Ao desenhar tanto de fora para dentro como de dentro para fora, cria-se tensões necessárias que nos ajudam a fazer a arquitetura. Uma vez que o interior é diferente do exterior, [a varanda] – o ponto de transição- passa a ser um acontecimento arquitetónico*[176]. Logo, tendo em conta a sua posição, a varanda acaba por ser um elemento fundamental na transição[177] entre 'um dentro que está fora', 'um meu que também é teu'.

A própria morfologia[178] da fachada e a relação que estabelece com a varanda, vai definir um diálogo positivo ou negativo entre o público e o privado. Estes espaços 'entre' acabam por ser um forte ponto de tensão, mas também uma oportunidade de diálogo. Há nestes espaços um *convite à descoberta, à exploração que se exprime através de diferentes passagens, ligações, escadas, corredores, passeios e caminhos*[179]. A varanda é assim o lugar onde uma nova forma começa, não o 'fim', permitindo que haja um 'circuito', desde o espaço exterior público, passando pelo àtrio de entrada, pelos corredores, até a porta da casa, passando pelo interior privado, até à varanda, que nos permite voltar ao exterior.

No bairro de São Vítor destacamos como espaço de transição, a zona de entrada, delimitada por muros; o espaço dos pátios, de relação com o exterior mais fluida, em que a separação entre 'o meu e o teu' é feito por um limite simbólico (a fachada de cada casa marca o limite) e finalmente a varanda do 1º piso, associada aos quartos, que permite uma relação com o exterior já privada, mais uma vez separada por muros.

No Conjunto das Fontainhas não existem habitações no piso térreo[180], pelo que as varandas e galerias são os espaços que permitem uma transição entre o exterior público e o interior privado.

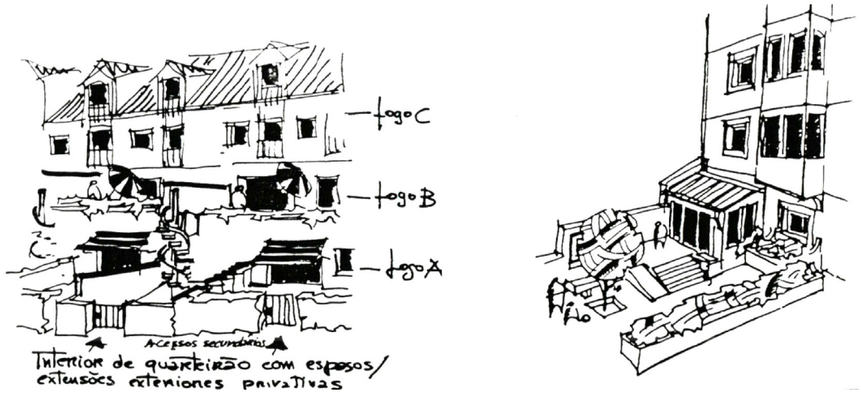
[176] [65] Pág. 138
El diseñar tanto desde fuera hacia dentro como desde adentro hacia afuera, crea tensiones necesarias que nos ayudan a hacer arquitectura. Ya que el interior es diferente del exterior, el muro – el punto de transición- pasa a ser un hecho arquitectónico.

[177] Tanto a varanda como a porta ou a janela representam essa ideia de limite, de passar de um espaço para outro, uma transição. Essa transição coloca-nos numa posição ambígua, quando estamos parados a conversar na padieira da porta ou quando nos debruçamos a falar à janela ou quando nos sentamos na varanda, estamos dentro ou fora?

[178] *A morfologia refere-se ao 'como' da forma construída (...) estuda em geral a estrutura concreta do solo, das paredes e do telhado, isto quer dizer, em resumo, os limites espaciais. O carácter de uma forma é determinado pelos seus limites*. [47] Pág. 29

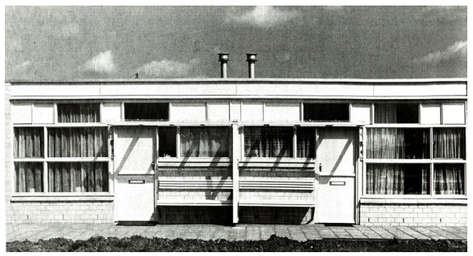
[179] SARFATI, A. [27] Pág. 239
L'invitation à la découverte, à l'exploration s'exprime au travers des différents passages, liaisons, escaliers, coursives, allées et cheminements.

[180] Os pisos térreos estão ocupados com programas como lojas e associações culturais.

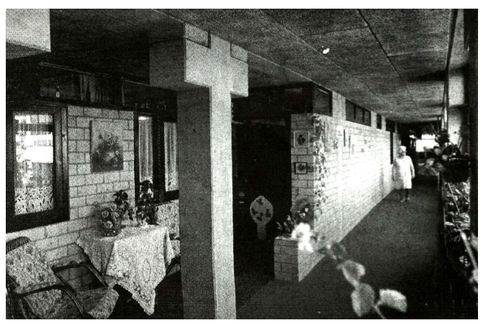


(137) Esquema de prolongamentos para o exterior do espaço interior do fogo.





(138) Espaço de estar junto à porta de entrada, no exterior.



(139) Espaço de estar junto à porta de entrada, numa galeria interior.



Conjunto de Massarelos
Arq. Francisco Barata/Manuel Fernandes Sá, 1987
(140) Espaço de estar junto à porta de casa.

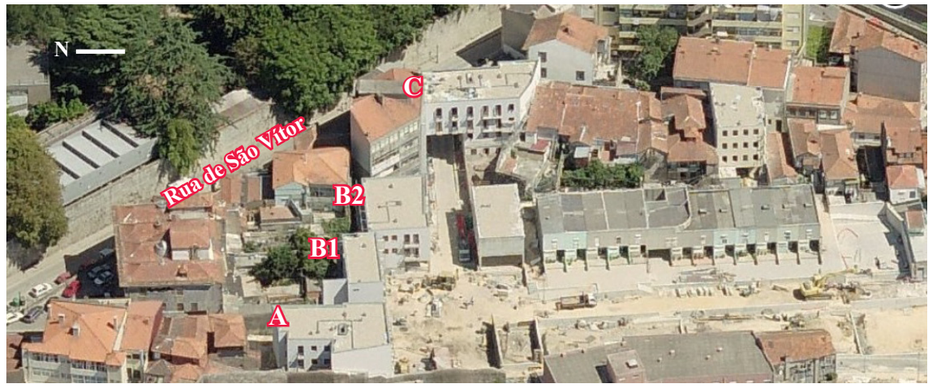
5.2.2) Outros espaços de transição

"Vale a pena ter bem presente que excelentes condições exteriores 'à porta de casa' compensam possíveis 'faltas' no interior do fogo. Há situações concretas em que os moradores consideram que tais condições compensam a falta de varandas."[181].

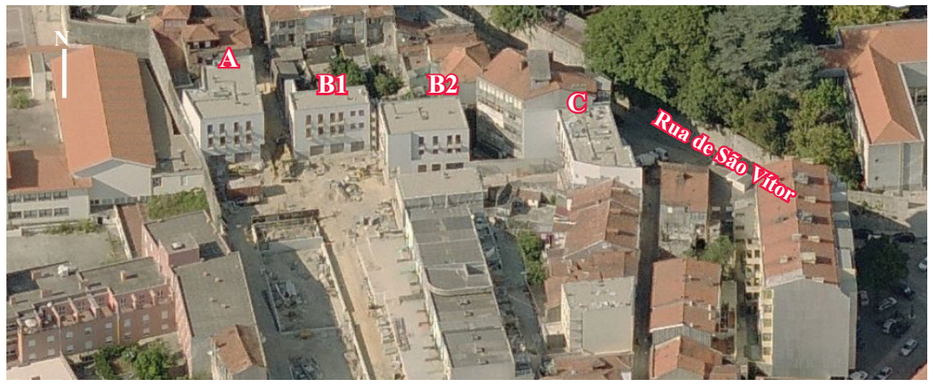
No caso da habitação social, em que a relação área/custo é um fator muitas vezes limitador, os espaços de transição podem ser compensatórios de certas carências que se façam sentir no interior da habitação. Estes espaços, não tendo um domínio territorial demarcado, acabam por ter usos e vivências muito próprios. Contudo, *É extremamente difícil reservar os poucos metros quadrados para tal finalidade dentro da rede infinita de regulamentos e normas relativas a dimensões mínimas e máximas que regem todos os aspetos concebidos no desenho de arquitetura*[182].

Tendo agora em consideração o caso de estudo, serão analisados os espaços que permitem fazer a transição entre o exterior público e o interior privado; átrio de acesso, caixa de escadas; átrio de entrada; galeria e finalmente varanda.

[181] [16] Pág. 87
[182] [34] Pág. 40
It is extremely difficult to reserve the few square meters that are needed for such a purpose within the endless network of regulations and norms concerning minimum and maximum dimensions which govern every conceivable aspect of architectural design.



(141)



(142)





Conjunto das Fontainhas
(143) Átrio do Bloco A, localizado no interior do quarteirão.



(144) Átrio do Bloco C, localizado junto à Rua de São Vítor.

5.2.2.1) O átrio de acesso

" (…)os percursos que estruturam o habitat humano têm um dos seus principais pontos de partida e chegada nas entradas dos edifícios, que são os polos fundamentais da desejável integração entre edifícios e espaços públicos."[183].

O primeiro ponto de paragem ao chegar à habitação é quando abrimos a porta, o que, num edifício de habitação coletiva, é ainda na rua.

Na habitação burguesa do século XIX este espaço de transição estava já presente, mas será o modernismo a aplicá-lo à habitação plurifamiliar. O átrio nas unidades de habitação era uma peça chave, de grandes dimensões, que seria usado por um grande número de pessoas[184]. Contudo, na atualidade, este espaço vem perdendo alguma importância, sendo cada vez mais reduzidos, quer na habitação social, quer na habitação plurifamiliar corrente. Este espaço, que seria de encontro por excelência, quando reduzido drasticamente, acaba por desincentivar o convívio e sociabilidade[185].

No Conjunto das Fontainhas existem dois blocos com acesso vertical múltiplo: um primeiro, no interior do quarteirão (volume A), e um segundo, já relacionado com a Rua de São Vítor (volume C). No primeiro bloco, a porta do átrio de entrada encontra-se quase sempre aberta, logo o acesso ao bloco é facilitado, assim como o diálogo com os habitantes. As próprias escadas têm vasos, brinquedos e outros objetos pessoais. Já no segundo bloco, o átrio tem sempre a porta fechada, é difícil aceder aos habitantes e as escadas não têm qualquer tipo de decoração.

Uma relação do átrio com o exterior mais aberta ou mais encerrada, pode ser explicada pela localização do bloco. O que se encontra localizado numa zona mais interior está mais resguardado do trânsito automóvel e pedonal, só a população que queira entrar no quarteirão ali passa, não sendo esta uma zona de passagem comum. Já o bloco junto à Rua de São Vítor está relacionado com uma zona mais movimentada, onde há tráfego automóvel e pedonal mais intenso. No bloco A, a população do primeiro piso é

[183] [16] Pág. 90
[184] É possível ver em alguns edifícios desta época, átrios com sofás, esculturas, salas de reunião, etc. Que incentivam a que esse momento de passagem seja também um momento de paragem, de espera.
[185] É comum ver, em alguns conjuntos de habitação social no Porto, pessoas à porta a conversar, ou sentadas, mas não no interior do átrio. Este deixou de ser um espaço de convívio, para passar a ser apenas um ponto de passagem.

também uma população mais jovem[186], enquanto no bloco C é mais idosa[187], o que faz com que se relacionem com o exterior de diferentes formas. Logo este espaço de transição apresenta usos e vivências mais intensos no primeiro caso do que no segundo, apesar de as dimensões serem aproximadas.

5.2.2.2) A caixa de escadas

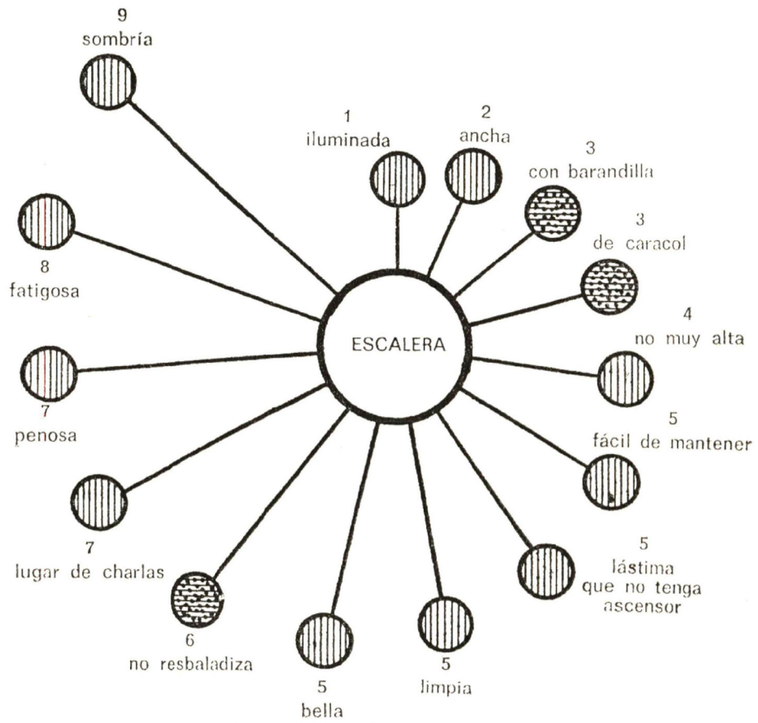
A caixa de escadas será o espaço mais associado ao momento de passagem, contudo, as suas caraterísticas podem também incentivar uma apropriação pessoal. Fatores como, contacto com o exterior, iluminação natural, dimensão generosa, podem incentivar a que estes espaços sejam naturalmente apropriados e valorizados pelos habitantes[188].

Tendo em conta os dois blocos referidos anteriormente do Conjunto das Fontainhas, constatamos, depois de conversar com alguns moradores, que existem algumas limitações impostas pela Câmara para a utilização destes espaços. É visto como negativo que os moradores usem as escadas, assim como os seus patamares, para arrumos.

No entanto, é frequente ver vasos, roupa a secar, guarda-chuvas, bicicletas, colchas de inverno, nestas zonas. Devido às áreas reduzidas do fogo, que impõem limitações em termos de arrumos, muitos destes utensílios acabam por ficar fora da habitação, logo os habitantes continua a utilizar estes espaços e a considera-los como uma extensão da casa.

Um fator valorizador deste elemento, principalmente nos pisos superiores, é a luz natural. A claraboia que permite iluminar as escadas faz com que a população considere um 'desperdício' não utilizar estes espaços.

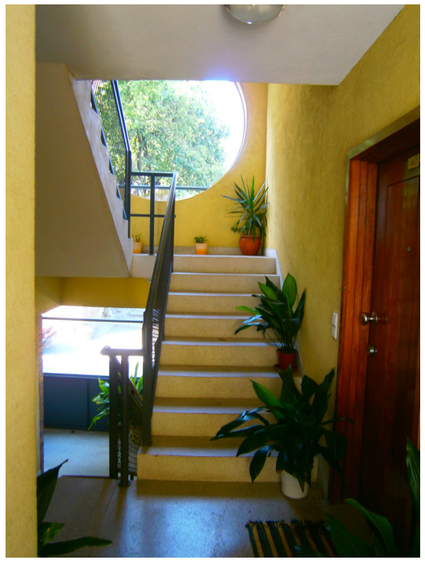
[186] No primeiro piso temos um T3, habitado por uma família constituída por 6 pessoas (dois casais, e três jovens; pais, filhos e netos)
[187] No primeiro piso temos dois T1, habitados por dois casais com mais de 70 anos.
[188] Por exemplo, no Bloco da Carvalhosa, o espaço das escadas é de tal maneira valorizado, que assume um papel de escultura. Os próprios habitantes têm orgulho deste elemento e falam das escadas como um elemento valorizador do edifício.



(145) Esquema das características fundamentais atribuídas a uma escada (por ordem decrescente):
1_Bem iluminada
2_ Ampla
3_ Com guarda
...
8_ Cansativa
9_ Sombria



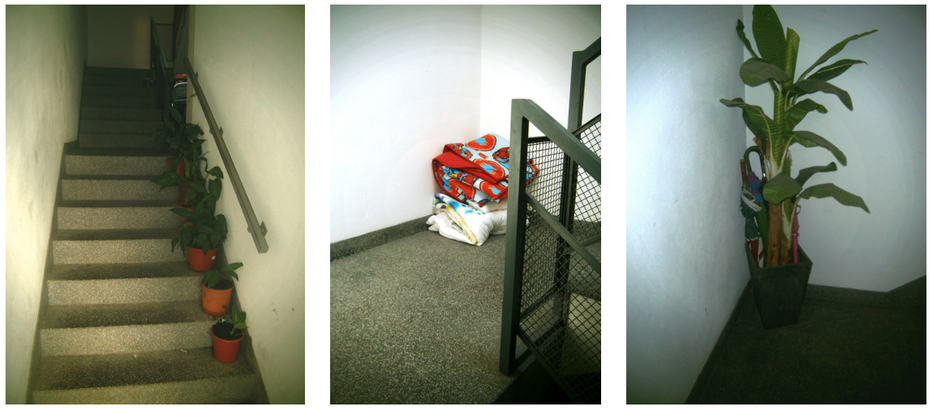
Bloco da Carvalhosa,
Arq. Arménio Losa e Cassiano Branco, 1945/1949
(146) Valorização da caixa de escadas.



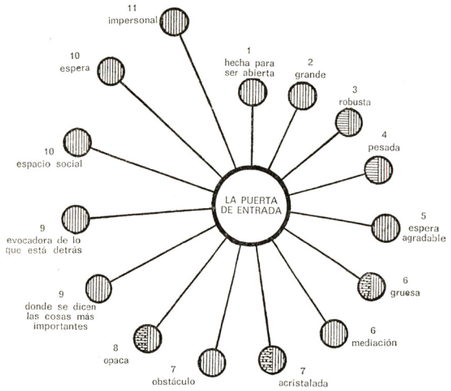
Conjunto Monte de São João
(147) Caixa de escadas com iluminação e ventilação natural, com os mesmo usos que vemos no Conjunto das Fontainhas.



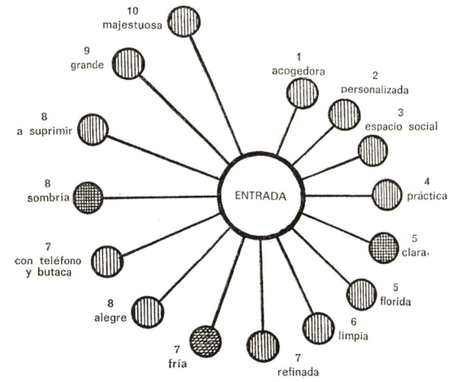
Conjunto das Fontainhas
(148) A iluminação é feita por uma claraboia.



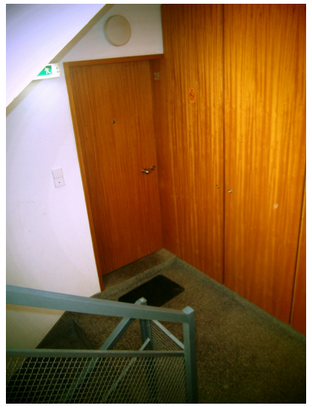
Conjunto das Fontainhas
(149) Usos e apropriações da caixa de escadas.



(150) Esquema das características fundamentais atribuídas a uma porta de entrada
(por ordem decrescente):
1_ Feita para ser aberta
2_ Grande
3_ Robusta
...
8_ Tempo de espera
9_ Impessoal



(151) Esquema das características fundamentais atribuídas a uma entrada
(por ordem decrescente):
1_Acolhedora
2_ Personalizada
3_ Espaço social
...
8_ Grande
9_ Majestosa







Conjunto das Fontainhas
(152) Vista da porta de entrada.

(153) Vista do corredor, com a porta de entrada ao fundo.

(154) Vista do corredor, com os quartos ao fundo.



(155) Átrio de entrada utilizado para colocar o estendal.

5.2.2.3) O átrio de entrada

"É aqui, ao nível de vizinhança próxima que mais se sente a presença ou a ausência de um exterior que também seja habitação, porque 'à porta de casa' é possível fazer muita coisa."[189].

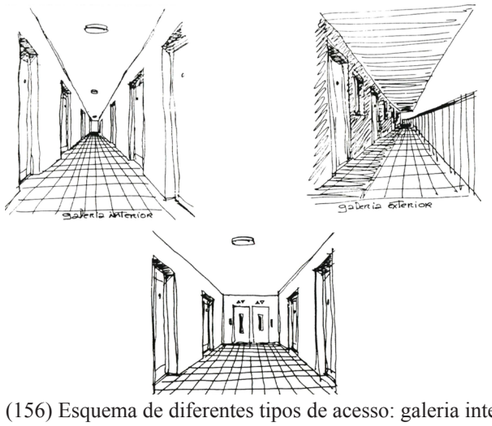
Quando se chega à porta de entrada da habitação deparamo-nos com mais um momento de paragem. Neste momento em que nos preparamos para entrar no domínio privado, abrimos a porta da nossa casa a todos os habitantes[190], logo, é indispensável que haja um espaço de transição, mais resguardado junto à porta, ou mesmo um àtrio privado, já no interior da habitação.

Tendo em conta o Conjunto das Fontainhas, verificamos em algumas casas essa preocupação com a criação de um átrio de entrada privado. No caso dos fogos T3, o corredor da habitação, tem uma porta que divide a zona comum da zona privada da casa, o que permite um certo resguardo quando se abre a porta da casa.

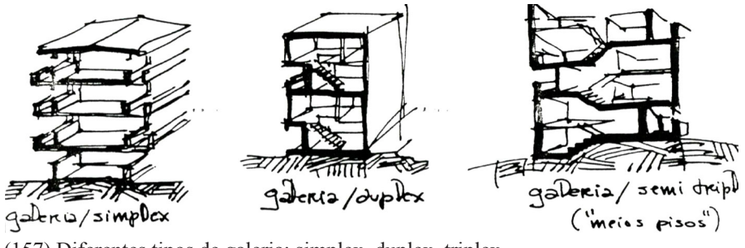
É também comum ver junto à porta tapetes, guarda-chuvas e verifica-se um caso em que, pelo facto de não terem varandas, os moradores utilizam este espaço para colocar o estendal com a roupa a secar. O átrio acaba por colmatar a ausência da varanda, que os habitantes consideram essencial. Os próprios vizinhos aceitam que se faça esse uso, apesar de a Câmara o proibir expressamente.

Esse momento de entrada, junto à porta, é sempre um momento valorizado, sendo também ele apropriado por cada família.

[189] [16] Pág. 84
[190] Este momento em que se abre a porta deve ser resguardado não só pelo exterior como pelo interior. Alguns autores franceses, *com o duplo cuidado de criar uma série de gradações do privado ao público e de assegurar a segurança dos habitantes, desmultiplicam os hall's: hall público, hall comum no rés-do-chão, hall privado no piso.* [26] Pág. 35



(156) Esquema de diferentes tipos de acesso: galeria interior, galeria exterior e corredor.



(157) Diferentes tipos de galeria: simplex, duplex, triplex.



(158) Galeria da Unidade de Habitação de Marselha.

5.2.2.4) A galeria

O Movimento Moderno difundiu a galeria, dando-lhe o carácter de rua, na procura de relacionar o edifício de habitação com um sistema de distribuição mais higiénico.[191] Na ausência de um espaço exterior privado na habitação, alguns habitantes usam a galeria para atividades que frequentemente vemos associadas à varanda, tais como: pôr a roupa a secar, plantar flores, estar sentado. Este é um espaço nem público nem privado, nem exterior nem interior, um verdadeiro espaço 'entre'.

No Conjunto das Fontainhas o bloco B está subdividido e a distribuição é feita num sistema de galeria. Como já foi referido, o arquiteto encara esta galeria como mais do que um sistema de distribuição, segundo ele "a ideia é que a galeria fosse uma extensão da própria casa – do espaço habitável - sabendo contudo, antes do mais, que é um dispositivo de acesso"[192]. Desta forma, a galeria, com espaço de transição, é um espaço potenciador de momentos de encontro e deve ser vivido, usado e apropriado por cada família.

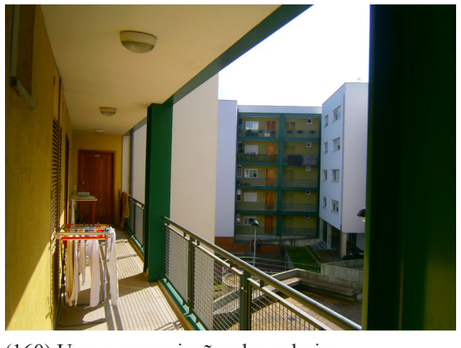
Apesar de mais uma vez a Câmara impor restrições, não permitindo arrumos no exterior da galeria, nas práticas quotidianas os habitantes acabam naturalmente por se estender para lá dos limites da porta. Esta ideia estava subjacente desde o momento do projeto: "no último piso, a comunicação vertical [a galeria] é rematada por um pequeno patamar, ou seja, desenha um espaço que é para as pessoas se apropriarem; quem ocupa aquela casa no verão vai sempre pôr lá um guarda-sol, mesa, uns vasos, etc"[193].

Apesar de esse prolongamento ser previsto apenas no último patamar, este acaba por acontecer ao longo de toda a galeria, há inclusive partilha de utensílios por parte de vizinhos. Quando a Câmara, em 2008, propôs o encerramento da galeria ao arquiteto, este respondeu: "Nem pensar! Porque aquilo era mais do que uma galeria, aquilo era uma varanda para compensar as outras que estavam à frente (…) aquilo é uma extensão da casa."[194]. A galeria é assim encarada tanto por parte do arquiteto, como por parte dos habitantes, como uma extensão da casa, um espaço de encontro e compensador de certas debilidades da habitação[195].

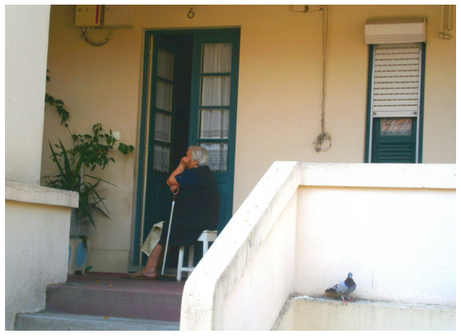
[191] O corredor encerrado, sem possibilidade de iluminação e ventilação, era considerado fonte de doenças. Daí a necessidade de um sistema distributivo ao ar livre, bem arejado e iluminado, que permitisse uma maior relação com o exterior e a envolvente.
[192] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[193] Op. Cit.
[194] Idem
[195] É o caso do 1º piso do Bloco B_1C e 1D_ que não tem varandas e onde os habitantes afirmam que sem a galeria não teriam onde por a roupa a secar.



Conjunto do Monte de São João
(159) Vista das galerias.



(160) Usos e apropriações das galerias.



Bloco Duque de Saldanha
(161) Galeria como espaço de estar.







(162) Usos e apropriações das galerias.



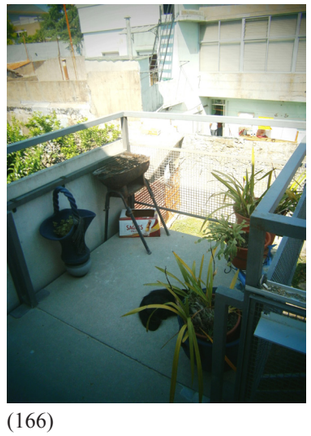
Conjunto das Fontainhas
(163) Usos e apropriações das galerias.



(164)



(165)



(166)



(167)

5.2.2.5) A varanda

A varanda, apesar de ser um espaço unicamente de usufruto privado, permite fazer a transição entre o interior e o exterior, o público e o privado. Isto porque, apesar de ser usada por uma só família, a partir do momento que torna visíveis os seus usos, passa a ser do conhecimento público.

Estes espaços, quando possuem dimensões significativas, podem agregar uma série de utilizações que acabam por expor o lado pessoal dos habitantes.

Tendo em conta o caso de estudo, verificou-se que, apesar das dimensões reduzidas das varandas, elas são em grande parte consideradas uma mais-valia por parte dos habitantes[196]. Há forte valorização deste elemento, todos sabem quem tem e quem não tem varanda e que uso é que fazem desta. Este espaço de transição permite assim que os habitantes se expressem individualmente, mas ao mesmo tempo, comuniquem entre si.

[196] Os que não têm varanda, regra geral, sentem-se prejudicados e procuram encontrar soluções alternativas.

5.3) A varanda e o contexto urbano

Numa escala mais alargada, a varanda permite uma relação entre edifício e o contexto urbano. Através da varanda podemos desfrutar de uma vista mais alargada sobre a envolvente, tendo um ângulo de visão ampliado, quando comparado a uma janela. Esta relação visual abrangente, associada ao seu posicionamento estratégico, permite não só refletir o interior da habitação no exterior, como também relacioná-lo com a vida da cidade.

A varanda, apesar de ser um espaço de marcação da individualidade não deve comprometer a imagem global do edifício. Há um equilíbrio que deve ser mantido, uma "dupla finalidade, de marcar a identidade do todo/edifício enquanto se salvaguarda, pelo menos, uma base de identidade de cada fogo ou cada conjunto de fogos (…) objetivo este que está muito dependente do tipo de edifício e de vizinhança próxima, das malhas de acessibilidade, privativa e convívio escolhidas e da própria adequação básica ao sítio e à sua envolvente urbana."[197].

A imagem global do conjunto depende de todos os elementos que possam ser visíveis para o transeunte. As varandas, quando presentes, conforme o seu número, forma, dimensão e uso, permitem uma diversidade de soluções acrescidas, podendo estas ser uma mais-valia para o conjunto, ou antes pelo contrário, prejudicar a sua imagem no contexto da cidade.

[197] [16] Pág. 198

5.3.1) Fachada - relação frente/traseira

A essa indiferenciação dos espaços corresponde a indiferenciação das fachadas. A fachada exterior não é mais a fachada sobre a rua mas «aquela que está no limite de uma zona de ar em movimento». Dito de outra forma, todas as fachadas do imóvel são exteriores e devem receber a mesma atenção, o mesmo tratamento arquitetónico[198].

O século XIX está associado a uma tradição de fachada[199], do tipo Haussmanniano, que privilegiava as que se encontravam viradas para a rua principal, com longas varandas, em oposição às viradas para o interior do quarteirão, que quando tinham varandas, eram consideradas 'de serviço', ligadas a espaços como a cozinha. Havia assim uma forte dicotomia entre a frente e a traseira do edifício, sendo a frente sobrevalorizada em relação à traseira, que acumulava tudo aquilo que 'não devia ser visto'.

Uma das primeiras tentativas de contrariar essa ideia passa pela procura de valorizar as 'traseiras', atribuindo-lhe uma relação mais ampla com pátios abertos. A valorização do pátio aberto[200] como 'prolongamento da rua', levaria a uma consequente valorização da fachada que lhe está associada.

Com o avançar do século e a introdução de um urbanismo de grande escala, difunde-se a 'barra' como modelo de edifício em bloco isolado e anula-se a dicotomia frente/traseira. As varandas deixam de estar confinadas a uma das fachadas, podendo aparecer, de forma proporcional, em todas elas. O que passa a ser decisivo são questões como programa, orientação e envolvente próxima[201].

[198] [23] Pág. 65
A cette indifférenciation des espaces répond l'indifférenciation des façades. La façade extérieure n'est plus la façade sur rue mais «celle qui est one bordure d'une zone d'air en mouvement». Autrement dit, toutes les façades de l'immeuble sont extérieures et devraient recevoir la même attention, le même traitement architectural.

[199] Tradição esta relacionada com um tipo de urbanismo caracterizado por: aberturas reduzidas, edifícios com uma só fachada virada para a rua, em que na maioria dos casos, era a única que possuía varandas.

[200] Augustin Rey, no início do século XX lança o conceito de 'pátio aberto', *Rey luta pela interdição de pátios nos imóveis fechados «esses vales profundos, quase constantemente submersos na sombra» sobre os quais se abrem os quartos, «essas aldeias em que as doenças da obscuridade atacam sem piedade» (...) O pátio fechado, definitivamente reconhecido como doentio, seria substituído, segundo Rey, pelo «pátio aberto» (...) o pátio aberto evolui (...) até tornar-se um espaço completamente exterior: o simples prolongamento da rua*. [23] Pág. 65

[201] No século XIX a orientação para a rua poderia não ser a mais adequada ao programa comum da casa, mas uma vez que essa seria a fachada nobre, esses programas, assim como as varandas associadas, estavam viradas para essa via principal de ventilação e iluminação. *Os compartimentos assumem ainda a tomada de posição relativa a dados frequentemente contrastantes: a orientação e a situação urbana. Colocar numa orientação a sul pode conduzir a abrir sobre um pátio, inversamente, orientar para o espaço público da rua pode levar a situar-se a norte*. [27] Pág. 232



(168)


(169) Volume C_ vista da fachada Este.


(170) Volume C_ vista da fachada Oeste.

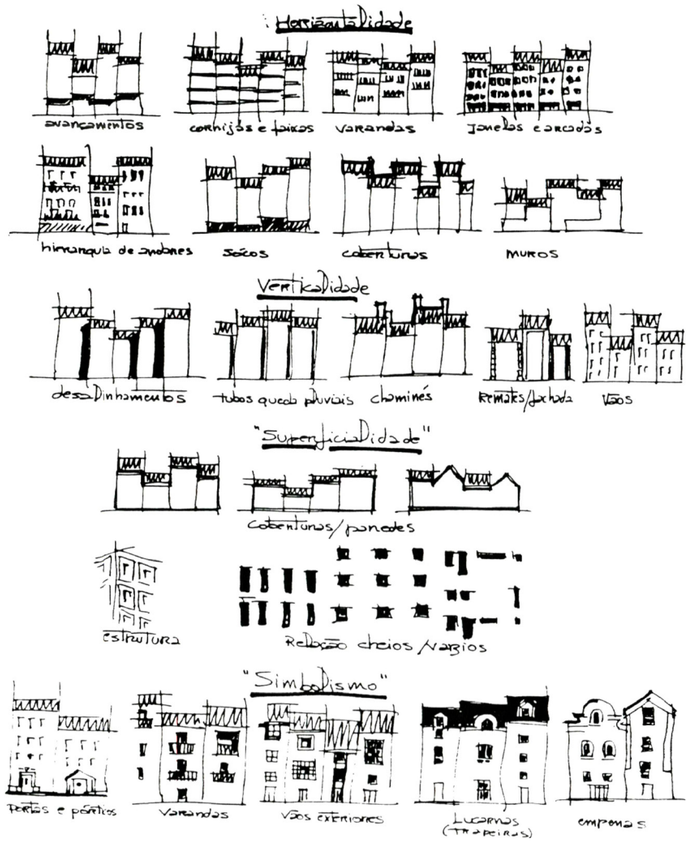
"Há uma altura [anos 70 e 80] em que fazer económico era fazer um retângulo, sem topos, ou seja, só com dois alçados, o ideal era fazer uns caixotes lisos e assépticos, porque supostamente ficava mais barato (…) e no fundo são estes caixotes que caracterizam as periferias das nossas cidades. Esta relação do custo não é verdade. Pode ter sido pontualmente verdade nos anos 50, mas na actualidade com a sistematização da construção esta questão já não se coloca, a ausência de desenho não é sinónimo de custos reduzidos"[202].

Este pensamento está subjacente ao desenvolvimento do Conjunto das Fontainhas. A dicotomia frente/traseira, como forma dualista de se relacionar com o contexto urbano já não se coloca atualmente.

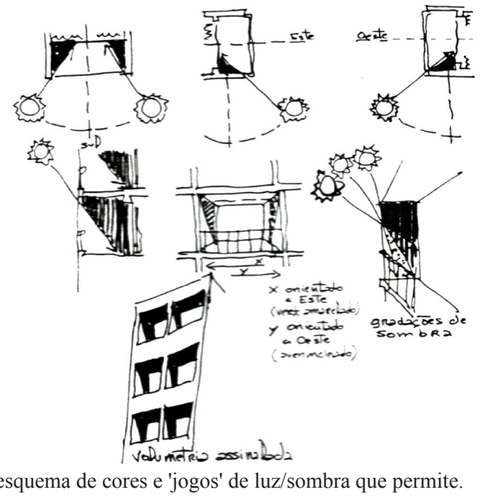
Neste caso verificamos que os três volumes que constituem o conjunto, apesar de separados, formam um 'todo articulado'. Como o arquiteto refere, em relação ao volume junto à Rua de São Vítor (volume C) "o volume, adapta-se ao contexto e integra a narrativa de conjunto, torce, sobe, desce, alinha com os restantes volumes, tem uma série de planos e não é um puro retângulo, mas continua a responder aos parâmetros económicos da habitação económica"[203]. Não se afirma assim uma distinção entre frente e traseira, pelo que é possível ver as varandas integradas em qualquer uma das fachadas.

A rejeição da dualidade frente/traseira permite que todos os fogos tenham as respetivas varandas relacionadas com a envolvente, segundo contextos variados. Ao ser contrariada a opção que ' vira a varanda para a rua principal', os habitantes podem fazer diferentes usos destes espaços, ou seja, fatores como a orientação solar podem ser decisivos. Verificamos, no volume C, que os habitantes têm varandas viradas a Este e a Oeste, sendo que, regra geral, a roupa a secar é colocada nas varandas viradas a Oeste. É nesta orientação também que estão viradas as salas e varandas corridas. As diferentes orientações solares associadas a diferentes contextos, permitem assim usos variados da varanda.

[202] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[203] Op. Cit.



(171) Elementos de composição da fachada.



(172) Varanda: esquema de cores e 'jogos' de luz/sombra que permite.

5.3.2) O papel da 'imagem'

Nesta relação ampla entre edifício e contexto urbano, a própria 'imagem' fachada é valorizada com a introdução das varandas.

O debate dos higienistas no início do século XX, lança uma nova estética de fachada: *Na escolha dos elementos decorativos, o gosto pelo 'despojamento' e a higiene juntam-se: o branco, o liso, o transparente transformam-se em princípios decorativos. O revestimento das paredes e do solo devem ser lisos, fáceis de manter*[204].

Neste tipo de fachada os avanços e recuos de elementos como varandas ou *bow-windows* permitem dinamizar a sua composição. *Os arquitetos racionalistas abrem as janelas segundo a utilização das peças, e o alinhamento das aberturas do imóvel haussmanniano*[205] *não é mais necessário, todos os tipos de saliências fazem ondular as fachadas*[206].

Com o avançar do século XX e o desenvolvimento do modernismo, a composição dos edifícios passar a ser decorrente da utilização de elementos tais como: *terraços, coberturas-terraços, loggias e varandas repetidas, no entanto mais próximos da saúde pública do que do prazer privado, e pouco a pouco as fachadas perderam essa amplitude de usos possíveis que eles tiveram durante esse período tão auspicioso para a arquitetura da habitação*[207].

Apesar do destaque dado pelo modernismo a estes elementos, estes têm vindo a perder protagonismo, de forma substancial, ao longo das últimas décadas. O modernismo forneceu uma série de ferramentas que ainda hoje são viáveis para a composição das fachadas de edifícios de habitação plurifamiliar, nomeadamente a varanda, seja ela projetada ou recuada.

---

[204] [24] Pág. 130
Dans le choix des éléments décoratifs, le goût pour le «dépouillé» et l'hygiène se rejoignent: le blanc, le lisse, le transparent deviennent des principes décoratifs. Les revêtements de mur et de sol doivent être lisses, faciles à entretenir.

[205] A métrica repetitiva dos imóveis de Haussmann em Paris é também rejeitada, considerada monótona. Este reproduzir contínuo de varandas corridas e janelas com as mesmas dimensões, ao longo de quarteirões não confere variedade ao contexto urbano em que se insere.

[206] [25] Pág. 504
Les architectes rationalistes ouvrent les fenêtres selon l'affection des pièces, et l'alignement des percements de l'immeuble haussmannien n'est plus de mise, toutes sortes de saillies faisant onduler les façades.

[207] [25] Pág. 286
(...) les terrasses, toits-terrasses, loggias et balcons répétés, cependant plus proches de la santé publique que du plaisir privé, et peu à peu les façades perdront cette amplitude d'usages possibles qu'elles avaient eu pendant cette période si faste pour l'architecture de l'habitation.

A simples alternância entre cheios e vazios que decorre de avanços e recuos das varandas, contribuiu para o enriquecimento da composição da fachada e globalmente para uma imagem de conjunto.

Através desse tipo de solução tridimensional criam-se também jogos de luz e sombra, que associados à diversidade cromática, fazem com que a varanda desempenhe um papel 'estético' na imagem global do edifício. *O vai-e-vem entre partes avançadas e recuadas do apartamento, entre zonas claras e escuras, ativas e passivas, resultam invariavelmente, ordenadoras dos modos de vida, impondo determinadas cadências*[208]. As varandas acabam por desempenhar também um papel nas práticas do espaço, influenciando usos e formas de apropriação dos habitantes.

Tendo em consideração o Conjunto das Fontainhas, constatamos que as varandas são um elemento central para a composição de fachada. "As varandas, para além da referência da sacada, são fundamentais para introduzir uma tridimensionalidade na composição dos alçados. Sobretudo na modelação e caracterização dos volumes que, com estes elementos consegue criar uma composição arquitetónica que não responde só às necessidades funcionais"[209]. É através deste elemento que se cria uma certa continuidade em termos de composição e que se destaca no alçado o que são salas e o que são quartos. "As varandas são fundamentais nesta composição, eu sem as varandas não conseguia fazer isto"[210].

Logo, tendo em conta a 'imagem' do conjunto, destacamos que as varandas estão presentes em todos os volumes e a sua dinâmica é mais do que uma questão estética, é também uma questão de escala, de composição e de relação com o contexto.

[208] [4] Pág. 131
Lev va-et-vient entre parties avancée et retirée de l'appartement, entre zones claire et obscure, active et passive, se dessine invariablement, ordonnant les modes de vie, imposant des cadences déterminées.
[209] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[210] Op. Cit.

5.3.3) A fachada como construção de uma imagem social

Deve ser transformada a grande arquitetura, e inovar na construção das linhas, dominando e reduzindo o símbolo de poder de uma sociedade injusta, no século atual, dando a possibilidade à população de aceder na vida quotidiana aos sistemas de representação que a história da arte gerou[211].

A questão da composição da fachada está intimamente associada à 'imagem social' que esta transmite não só do edifício mas também do conjunto em que se insere. *Como outros importantes artefactos a casa é um local de encontro crucial para os domínios concreto e simbólico da ação humana. O espaço interior 'privado' reflete essa combinação tanto quanto a fachada exterior 'pública' da casa*[212]. Não é só o interior da casa que é utilizado pelos habitantes, a própria fachada tem essa pretensão de ser vivida e de refletir a população que acolhe[213].

"Ao aceitarmos a arquitetura como um fenómeno coletivo exterior, aceitamos o complexo manancial de comunicação e de representação que a habitação enquanto objeto construído arquitetónico pode evidenciar. A representação de um status social, a representação de um modo de vida, a representação de um estilo de vida."[214]. No programa da habitação plurifamiliar essa questão do estatuto, da representação, está fortemente exteriorizada no elemento mais visível, a fachada. Neste seu papel representativo, o homem torna-se primordial, no sentido em que é ele que a utiliza, apropria, dá vida. Logo deve-se ter em consideração a população para quem se projeta.

Em Portugal, *nos anos 70 as fachadas repetitivas da habitação social (...) não permitiam aos habitantes identificar-se com a sua habitação e acentuavam o sentimento de perda de identidade*."[215]. O facto de a população não poder escolher a sua habitação

[211] BOFILL, R. [27] Pág. 222
Il faut transformer la grande architecture, et innover dans la construction le lignes, en dominante t réduisant le symbole du pouvoir d'une société injuste, en un signe actuel, donnant la possibilité à la population d'accéder dans la vie quotidienne aux systèmes de représentation que l'histoire de l'art a générés.
[212] WILK, Richard [35] Pág. 40
Like other important artifacts the house is a crucial meeting place for the concrete and symbolic realms of cultural action. The 'private' interior space reflects this blend just as much as the 'public' exterior façade of the house.
[213] Com a chegada do século XX e a banalização crescente da habitação plurifamiliar, já não era possível expressar individualmente o estatuto social de cada família. Desta forma, a fachada deveria transmitir uma boa imagem social de todos, não apenas de uma elite.
[214] [71] Pág.121
[215] [27] Pág. 223
(...) les années soixante dix aux façades répétitives du logement sociale (...) ne permettaient pas aux habitants de repérer leur logement et accentuaient le sentiment de perte d'identité.

torna-se limitador de uma identificação pessoal com o espaço que se habita[216].

Nos grandes conjuntos de habitação social verifica-se, na maioria dos casos, um processo de realojamento 'forçado', logo não há uma identificação social com a casa, o que leva muitas vezes a uma consequente rejeição e imagem negativa do conjunto. "O que torna surpreendente esta perceção e avaliação do novo espaço residencial não é tanto a dependência do gosto por fatores claramente identitários (…) ou pela casa, mas a interiorização de uma imagem fortemente negativa e estigmatizante (…) Tal negatividade na avaliação e representação do novo espaço residencial (…) condiciona obviamente as formas de apropriação deste espaço"[217]. Há uma série de preconceitos sociais em relação à ideia de bairro, com a mesma força dos que existiam há um século atrás em relação à habitação plurifamiliar em si[218].

Teresa Costa Pinto utiliza a seguinte expressão: "*O gosto pela casa e o desgosto pelo bairro*" para salientar a discrepância que existe entre a satisfação em relação à casa e ao bairro. Essa imagem negativa e estigmatizante está muitas vezes associada ao espaço exterior e consequentemente às fachadas dos edifícios. *A população apropria-se [da fachada] na medida em que pode desfrutar da vista. A fachada é portanto particularmente socializada. Ela constitui um objeto urbano de cultura. Ela é também um meio de representação social*[219].

O prazer da apreciação estética, seja do interior como do exterior da habitação, favorece a apropriação. A varanda, quando está presente, acaba por ser um forte elemento de comunicação com o exterior. A forma como os habitantes a usam e aquilo que se deixa ver (ou não) contribui para uma imagem positiva ou negativa do conjunto. A 'imagem' da fachada com as varandas todas iguais, repletas de roupa a secar, é muito associada à ideia de 'bairro'. Esta fachada que 'tudo deixa ver' transmite uma imagem social negativa, associada a populações mais pobres.

[216] "O alojamento «das grandes massas», projeto democrático, tendeu assim, de uma forma paradoxal, a apagar a diversidade constitutiva da população modesta que acolheu, e aprofundar ainda mais a diferença que a separava de outros grupos sociais.". [53] Pág. 87

[217] PINTO, Teresa Costa [82] Pág. 38

[218] Enquanto no século XX vivíamos o culto da habitação unifamiliar, como modelo da forma de habitar mais associada a um estatuto social elevado, hoje vivemos o culto do condomínio privado, em que muitas vezes são impostas regras sobre a utilização dos espaços comuns e mesmo das próprias fachadas.

[219] CORNU, Marcel [27] Pág. 222
La population se l'approprie [la façade] dans la mesure où elle peut en jouir par le regard. La façade est donc partiellement socialisée. Elle constitue un objet Urbain de culture. Et celle est couramment aussi un moyen de représentation sociale.

Contudo, na habitação plurifamiliar corrente, também existem este tipo de utilizações da varanda. A diferença reside no facto de haver já uma preocupação em ocultar aquilo que se considera como fatores empobrecedores da 'imagem' da fachada e consequentemente do conjunto. Quando as áreas assim o permitem, há uma subdivisão da varanda, havendo uma zona para os usos mais correntes (que se encontra encerrada) e outra para a recriação e lazer (que se encontra aberta a olhares exteriores).

A fachada acaba refletir a sociedade que abriga e todos os elementos que permitem a exteriorização dessa população têm um papel fulcral na definição de uma imagem positiva ou negativa. Aquilo que se vê e a forma como se mostra são determinantes.

Tendo em conta todas estas questões e como referência o Conjunto das Fontainhas, destacamos as restrições/limitações que a Câmara tem vindo a impor aos moradores[220]. Este tipo de restrições advém dessa referida imagem estigmatizada de bairro, no entanto, na vivência diária das habitações, muitas delas são ignoradas. O dia-a-dia impõe outras necessidades, as varandas têm roupa a secar, vasos, guarda-sóis e uma série de elementos que acabam por, regra geral, não prejudicar a imagem do conjunto.

Existem aqui três fatores fundamentais para essa satisfação, em relação à casa e em relação ao bairro: 1) escala 2) localização, 3) hipótese de escolha. A escala reduzida do conjunto, a sua localização próxima do centro mas de alguma forma resguardada, e possibilidade que a população teve de vir voluntariamente para este bairro[221] faz com que a grande maioria esteja satisfeita com a sua casa e com o seu bairro. A expressão mais comum e utilizada várias vezes foi: "Eu aqui estou no céu."

[220] Não pôr a roupa a secar nas varandas (a não ser em estendais amovíveis), não colocar vasos, bicicletas, arrumos, nas galerias e escadas interiores, deixar os patamares livres, etc.

[221] Em alguns casos, foi dada a escolha de vir para as Fontainhas ou outros bairros do Porto, tais como, Pasteleira.

6_A VARANDA: ESPAÇO PENSADO E ESPAÇO VIVIDO

6.1) A relação forma/função

A relação entre forma e função, aplicada na arquitetura, é desenvolvida com principal incidência a partir do século XX[222]. O aparecimento do Movimento Moderno leva a uma crescente preocupação com o tema do alojamento e sua mecanização. A noção de 'alojamento mecanizado' relança o tema da função, a forma do edifício passa a estar dependente da sua utilização interna, cada elemento deverá ser justificado por uma determinada função à qual responde.

No início do século esse enobrecimento da função *traduz-se por uma fachada sobre a rua muito mais rica e cuidada que a fachada sobre o pátio, tudo características que aproximam as habitações de baixo custo dos imóveis de influência burguesa contemporânea*[223].

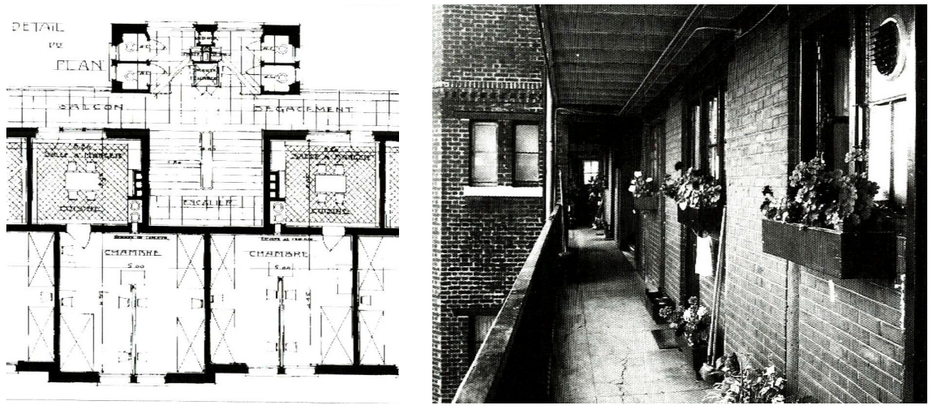
A necessidade crescente de alojamento que se verificou ao longo deste século implicou a construção do *maior número de alojamentos possível para um número atualmente crescente de indivíduos. [Para tal] a «função» não pode mais ser compreendida como a resposta às necessidades particulares, mas como a resposta às necessidades humanas universais e é na medida em que essas necessidades são acima de tudo universais que elas podem também responder às necessidades particulares dos indivíduos*[224].

---

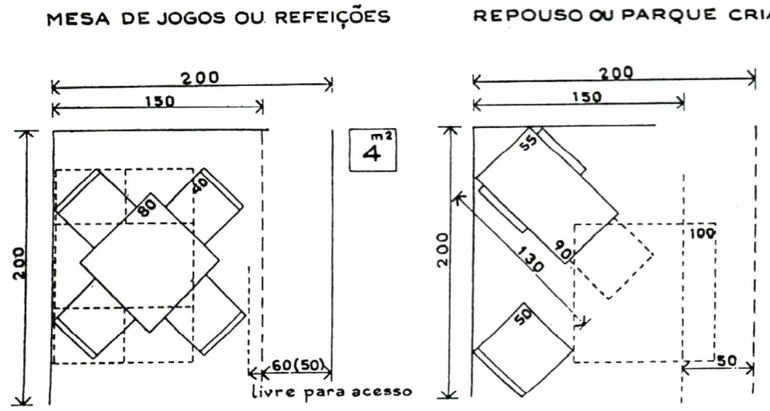
[222] O pensamento funcionalista surge já alguns séculos antes. Numa primeira fase, ainda no século XVII, o primeiro passo dá-se na procura de relacionar o exterior com o interior, fazendo com que um seja reflexo do outro. *Na arquitetura funcional cada elemento que se exterioriza responde a uma utilização interna. A preocupação estética não pode mais entrar em contradição com uma necessidade técnica*. [37] Pág. 18
Já no século XVIII, a noção de função assume um novo significado, associando-se à ideia de finalidade. *A filosofia sensualista do século XVIII preparou uma orientação nova da arquitetura e deu um conteúdo novo ao significado da palavra função. A função dependerá a partir de agora da «finalidade do edifício»*. [37] Pág. 134/135
Com o avançar do século XIX, deixa de ser apenas a finalidade do edifício que determina a função, mas também, as pessoas que o iram utilizar. Esse pensamento irá marcar todo o movimento funcionalista do século XX. *Essa preocupação em compreender as necessidades e as aspirações dos homens, parece ter presidido as preocupações dos arquitetos-urbanistas que mais marcaram a evolução da construção depois do século XIX*. [37] Pág. 21

[223] [23] Pág. 104
(...)se traduisait, enfin, par une façade sur rue toujours beaucoup plus riche et soignée que la façade sur cour, toutes caractéristiques qui rapprochaient les habitations à bon marche des immeubles de rapport bourgeois contemporains.

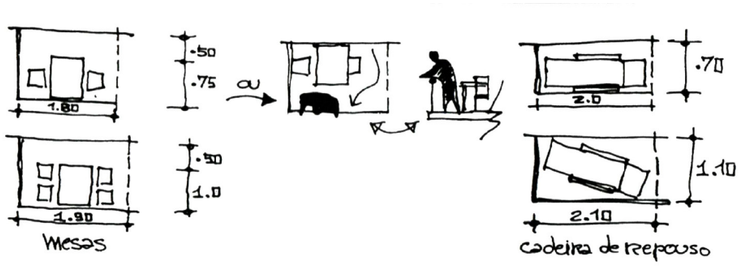
[224] [37] Pág. 144
(...)construire elle plus grand nombre de logements possible pour un nombre toujours croissant d'individus. La «fonction» ne peut donc plus être comprise comme la réponse à des besoins particuliers, mais comme la réponse à des besoins humains universels et c'est dans la mesure où ces besoins sont d'abord universels qu'ils peuvent en outre répondre aux besoins particuliers des individus.



(173) Galeria para as crianças bricarem.
Edificio do Boulevard Bessières, Arq. L. e A. Feine



(174) Nuno Portas: configuração e equipamento das varandas



(175) Neufert: configuração e equipamento das varandas.

Logo, a forma deveria ser o mais simples possível, respondendo à função que lhe é destinada, sem o acrescento de subterfúgios. *As formas devem exprimir as funções determinadas pelas necessidades dos homens, necessidades individualizadas no século XVIII e necessidades cada vez mais e mais socializadas na sociedade industrial. A habitação moderna é feita para um tipo de família e não para uma família determinada. O arquiteto trabalha menos e menos para uma pessoa, e mais e mais para grupos e categorias de pessoas*[225].

Essa procura de responder a uma 'determinada categoria de pessoas' acabou por excluir a individualidade pessoal. O tempo mostrou que esse pensamento determinista nem sempre era refletido na vivência diária da habitação, o habitante procurou constantemente adaptar-se ao meio, acabando mais tarde por rejeitá-lo quando viu que este não se adaptava a ele.

Tendo em conta o tema em estudo, constatamos que a varanda não tem uma função definida, contudo, o modernismo integrou e difundiu este elemento. A sua função vai sendo determinada pela sua vivência diária, não há uma relação direta forma/função, o que não faz com que este espaço seja desnecessário.

O facto de não ter uma função específica permite que a varanda agregue uma série de funções que vão muito além daquilo que o modernismo previu. O pensamento dualista forma/função é hoje muito mais abrangente, tendo-lhe sido acrescidos uma série de novos fatores (económicos, sociais, culturais) que tornam a discussão mais abrangente.

Segundo Rob Krier a varanda permite funções tais como: "são alargamentos dos espaços interiores, proporcionando um sentimento de estar no exterior, mas ainda dentro da influência do interior doméstico; permitem vistas melhoras do ambiente envolvente; enriquecem o espaço interior contíguo; criam zonas de tampão em termo de conforto ambiental"[226]. Segundo Dreyfuss e Tribel, as varandas suportam as seguintes funções: "jogos de crianças; descontração; espaços de abertura/enquadramento selecionado do exterior; zonas onde podemos satisfazer a nossa vontade de estar ao sol; estender a roupa, etc."[227].

[225] [37] Pág. 18/19
Les formes doivent exprimer les fonctions déterminées par les besoins des hommes, besoins individualisés au XVIIIe siècle et besoins de plus en plus socialisés dans la société industrielle. L'habitation moderne est faite pour un type de famille et non pour une famille déterminée. L'architecte travaille de moins en moins pour une personne, de plus en plus pour des groupes ou des catégories de personnes.
[226] [16] Pág. 462
[227] Op. Cit.

6.2) Usos e formas de apropriação

"Anteriormente o principal problema era a sobreocupação e a privacidade, dado os baixos níveis de qualidade em áreas e construção e a dimensão da família com vários filhos e alargada. Hoje os problemas já são outros, não só porque algumas daquelas características mudaram mas também porque aqueles problemas e os de baixo nível sanitário vão estando resolvidos. Agora são problemas também do foro psico-social, que em parte têm a ver com o alojamento, mas também com os espaços exteriores, a qualidade do habitat e da vida urbana."[228].

Depois de terem sido ultrapassados, ao longo dos últimos séculos, muitos dos problemas técnicos de iluminação, ventilação, higiene, dimensionamento, atualmente a discussão em torna da habitação evoluiu. Esta não é apenas encarada como um espaço físico, mas como um espaço social, "Adof Loos escreve que 'a tua casa crescerá contigo e tu com a tua casa', num ideal de identificação ou sobreposição entre o conteúdo e o contentor, enquanto Le Corbusier diz 'procura com verdadeira ansia essas casas que são «casas de homens» e não casa de arquitetos'."[229]. A nossa casa não é apenas o local onde vivemos fisicamente mas o local onde crescemos, que usamos diariamente, onde desenvolvemos a nossa personalidade. "A nossa casa, o nosso fogo, da porta de entrada para dentro, é o nosso espaço de apropriação específica, constituído por diversas zonas mais privadas ou mais comuns ao agregado familiar, mais intimas e reservadas ou mais socias e de receção (…) O nosso fogo pode ser todo ele um espaço de privacidade e forte apropriação pessoal"[230].

Toda a forma tem uma função associada e essa função pode ser desempenhada de várias maneiras. O uso que damos a determinado espaço nem sempre é o esperado, a forma como nos apropriamos de espaços que não teriam qualquer função específica é muitas vezes surpreendente para aquele que pensa e projeta esse espaço.

Para uma melhor compreensão do espaço da casa e um aprofundamento da relação forma/função, serão estudados de seguida dois conceitos que complementam essa relação, o uso e a apropriação.

[228] [9] Pág. 122
[229] [71] Pág. 88
[230] [16] Pág. 278

6.2.1) O uso, ultrapassa a função

A arquitetura cria limites fora de um espaço que de outra forma seria ilimitado enquanto o uso do espaço pode ser visto como um meio para organizar esse espaço ilimitado[231].

O conceito de uso, apesar de ter surgido muito associado ao pensamento modernista da arquitetura, estava já presente nos discursos arquitetónicos dos séculos anteriores[232]. Contudo, o século XX trouxe grandes mudanças na forma de encarar este conceito, "A ideologia funcional dominante, dos anos 30 aos anos 50, conduziu estas análises para a simplificação, redução e tipificação, ao mesmo tempo que a realidade urbana aumentava em complexidade"[233].

Surge então, na década de 60[234], o conceito de uso como hoje o entendemos. *Não é de surpreender que o uso só tenha aparecido no final dos anos 60 sob as cinzas da «função», no momento em que o sentido da arquitetura não se resumia mais, particularmente na habitação, ao seu desempenho técnico*[235]. Esse pensamento pragmático que deu origem à noção de 'função' como definidora da forma de um espaço mantém-se associado à noção de 'uso', mas permite que este vá além dele.

Contudo, a ideia de uso permanece ainda muito ligada a uma *standartização* de comportamentos, *Isso exige uma arquitetura comum para pessoas comuns, tendo o seu lugar para viver um uso comum: o extraordinário que passa então pelo que é comum é o modo dominante da sua existência*."[236].

[231] [35] Pág. 2
Architecture creates boundaries out of otherwise unbounded space while the use of space can be seen as a means to organize that unbounded space.
[232] A partir do século XIX, a distribuição passa a ser um reflexo dos modos de vida. O conhecimento dos usos, no sentido de separar o público do privado, o visível do invisível, era fundamental para se chegar a uma distribuição o mais eficaz possível, sem que nenhum espaço com diferentes usos e territorialidades se sobrepusesse. *Os usos são apresentados como normas, ao mesmo tempo que a habitação se divide em zonas*. [24] Pág. 46
[233] [9] Pág. 122
[234] "No pós-guerra, o pragmatismo da produção de habitação que exigia alto rendimento quantitativo do capital investido recuperou as abordagens funcionalistas dos anos 30 e transformou-as pelas estratégias da produção em séries rígidas. Este fenómeno teve a sua expressão mais desenvolvida nos anos 60 mas, aí, cada vez mais, as análises funcionalistas dos estudos dos usos e hábitos quotidianos, embora tratados de forma racionalista, contribuíram, pelo alargamento temático, para certas melhorias dos programas de habitação social". [9] Pág. 122
[235] [87] Pág. 2
Il n'est pas surprenant que l'usage soit apparu à la fin des années 60 sur les cendres de la «fonction», au moment où le sens de l'architecture ne se résumait plus, dans le logement notamment qu'à sa performance technique.
[236] [87] Pág. 2
Celle-ci réclame une architecture ordinaire pour les gens ordinaires, ayant de leur lieu de vie un usage

Daniel Pinson, ao explicar a origem do termo, mostra que o uso aparece quase como um 'complemento' da função, mas vai além da função, é uma evolução desta. *O uso pode assim ocupar, numa evolução terminológica apreendida nos tempos históricos, o lugar dos conceitos que, depois do aparecimento da prática arquitetónica e da sua elevação ao plano teórico, fizeram referência ao destino de um edifico: a «utilitas»* de Vitrúvio, a «*commoditas*» de *Alberti, a «distribuição» de J.F. Bondel, a «função» de P.L. Nervi*[237]. Para além de cumprir um papel na evolução dos termos, é acrescentado à noção de uso um 'papel social'. O uso está assim associado a uma série de funcionalidades, seja de um objeto, de uma casa ou de um edifício, mas também ao impacto social que esse objeto, casa ou edifício vão ter.

O projetista dispõe normalmente de um programa com os potenciais usos e é na medida em que ele faz uma boa interpretação deste que o projeto será apropriado. Mas a arquitetura é também, em certa parte, capaz de transcender os usos para os quais foi concebida[238]. A sociedade para quem se projeta está em constante evolução, muitas vezes as novas necessidades levam à redefinição de um espaço e do uso que se faz dele[239]. O espaço habitado deve ser desenhado de forma a que os usos que se definem não sejam castradores de novas ou diferentes utilizações, "se a mensagem ultrapassa o uso, o arquiteto vai obrigar o habitante a viver a sua visão do mundo (…) É de algum modo esta a situação que se criou, a estética dos Modernos, e assim impuseram de fato os seus modelos arquitetónico a um grande número de habitantes"[240].

Exemplificando, no caso das ilhas não existe um 'arquiteto' que define o desenho da habitação e o uso do espaço. Essas decisões estão nas mãos dos habitantes, que foram

ordinaire: l'extraordinaire ne le traverse alors que parce que l'ordinaire est le mode dominant de leur existence.

[237] [87] 1/2
L'usage peut ainsi occuper, dans une évolution terminologique appréhendée dans le temps historique, la place des concepts qui, depuis l'apparition de la pratique architecturale et son élévation au plan théorique, ont fait référence à la destination d'un édifice: l'«utilitas» de Vitruve, la «commoditas» d'Alberti, la «distribution» de J.F. Bondel, la «fonction» de P.L. Nervi.

[238] [87] Pág. 2
Le concepteur dispose généralement d'un programme portant des usages potentiels et c'est dans la mesure où il en fait une bonne interprétation que le projet sera approprié. Mais l'architecture est aussi, quelque part, en mesure de transcender les usages pour lesquels elle a été conçue.

[239] *O apartamento está formado por uma aglomeração de compartimentos cada um dos quais tem uma função determinada, como comer, dormir, lavar-se o fazer a comida. A utilização destes compartimentos é intercambiável; é possível transformar a sala de jantar numa alcova (por exemplo, mudando os móveis). Quer dizer, o uso de um compartimento vem definido pelos móveis, pelo seu equipamento. Por outro lado o alojamento individual não está reservado a um uso específico; está reservado à pessoa que o ocupa para todos os usos*. FRIEDMAN, Yona [28] Pág. 48

[240] [53] Pág. 82/83

construindo e adaptando as suas casas ao reduzido espaço disponível. Por exemplo, o corredor, que teria como função facultar o acesso às casas, na sua vivência diária são acrescentados uma série de usos variados que dão dinâmica e vida a este espaço.

No bairro de São Vítor, constatamos também casos evidentes em que o uso determinado pelo arquiteto é alterado em consequência de novas necessidades que foram surgindo. O quarto junto há entrada é frequentemente substituído por uma sala de estar[241] e o pátio, conforme as necessidades de cada família, foi sendo transformado em arrumos, sala de estar, cozinha, ou quarto de banho extra.

No Conjunto das Fontainhas, já não há uma liberdade tão grande na redefinição dos usos dos espaços interiores. O desenho da habitação, assim como a sua compartimentação, são definidos com maior clareza, logo o único espaço sem um uso determinado será a varanda.

Neste caso o fator considerado muitas vezes limitador de determinados usos é a dimensão. A maioria dos habitantes queixa-se da dimensão reduzida das varandas, que impede, por exemplo, que se ponha uma cadeira no exterior. Com algum engenho, alguns habitantes colocaram pequenos sofás e conseguem estar sentados numa posição meio dentro/meio fora. Mesmo assim, essa função primordial de estar no exterior, não é exequível neste espaço. Apesar disso, os usos vão variando, mantendo aqui um uso comum, pôr a roupa a secar.

[241] Este espaço apenas se mantém como quarto quando a família é mais alargada.

6.2.2) A apropriação, ultrapassa o uso

A apreensão e leitura da apropriação é uma leitura moderna e contemporânea do uso. Contemporânea, porque não pode ser conduzida, com os procedimentos sócio antropológicos, mas sobre um espaço que existe agora enquanto espaço habitado; moderna porque parte do ponto de vista e das práticas daquele que faz uso do espaço e não apenas da ideia do que é na realidade.[242].

O conceito de 'apropriação', mais recente que o de 'uso', ultrapassa a questão 'funcional' ou 'utilitária' do espaço e está relacionado com a questão da 'afetividade': *é urgente explorar alguns registos de significados que formam o lar, isto é em particular o da familiaridade, da apropriação, e da sublimação doméstica, que são cada um marcados por uma forte afetividade.*[243].

A arquitetura, mais especificamente a habitação, como espaço vivido, é essencialmente um espaço humanizado, impregnado de sentimentos e relações de afeto. Logo, a experiencia de habitar é mais do que uma experiência meramente funcional, é uma experiência simbólica. *A apropriação da casa não resulta (...) de uma utilização estritamente funcional dos seus espaços mas faz também apelo aos valores simbólicos*.[244].

Depois dos séculos XVIII e XIX, em que os escritos sobre o uso são muito prescritivos e do século XX em que se definem normas e regras de utilização, o século XXI vai recuperar uma forma de encarar o espaço que se havia perdido com o pensamento 'moderno' da arquitetura. Recuperam-se conceitos como 'habitat' e 'habitus', conceitos muito ligados à sociologia do espaço e que procuram uma visão mais pessoal e humanizada da arquitetura[245].

[242] [54] Pág. 155
La saisie et la lecture de l'appropriation est une lecture moderne et contemporaine de l'usage. Contemporaine parce qu'elle ne peut être conduite, avec des procédures socio-anthropologiques, que sur un espace qui existe en ce moment comme espace habité; moderne parce qu'elle part du point de vue et des pratiques de celui qui fait usage de l'espace et non pas seulement de l'idée que l'on s'en fait.

[243] [4] Pág. 122
(...)il est urgente d'explorer les quelques registres de sens qui font le chez-soi, à savoir en particulier celui de la familiarité, de l'appropriation et de la sublimation domestique, qui sont chacun empreint d'une forte dose d'affectivité.

[244] [4] Pág. 75
L'appropriation du logis ne résulte toutefois pas d'une utilisation strictement fonctionnelle de ses espaces mais fait aussi appel aux valeurs symboliques.

[245] Já no final do século XX autores como Henri Lefebvre, mais direcionados para a sociologia, procuram dar destaque a estes conceitos. Ele afirma que: *no 'pavilhão', de uma forma sem dúvida mesquinha, o homem moderno 'habita como um poeta': 'Entendemos com isso que o seu habitat é um pouco a sua obra'. Ao contrário da denominação que a degrada, a apropriação transforma positivamente a natureza: 'sem a apropriação, o domínio técnico sobre a natureza tende ao absurdo'.* [54] Pág. 151

Contudo, na prática arquitetónica, não se deve ter em conta apenas a parte simbólica, há que tentar conjugar a visão de quem que projeta com a de quem vive o espaço, *a apropriação não é a reprodução pura e simples do habitus, ela é a sua re-expressão e a sua reinterpretação*[246]*, ou seja ela conserva os fundamentos essenciais enquanto dá uma tradução pessoal e contextual refletida. A convenção é o fundo comum, a apropriação o modo particular de expressão*.[247]. Há uma conjugação da 'convenção', daquilo que é entendido como correto ou como positivo, com a expressão individual, que valida essa posição ou antes pelo contrário, a rejeita.

Essa 'visão conjugada' levanta a questão do papel do próprio arquiteto. *Se o arquiteto é demasiado presente, se ele impõe os modos de ocupação ou se interdita certas práticas decorativas, ele pode impedir os fenómenos de apropriação. (...) F.L. Wright não suportava que os clientes movessem os móveis que ele concebia*[248]. Mas não impondo um uso, pode-se cair num indeterminismo em que todos os espaços se confundem. Deve haver assim um certo grau de indefinição que permita a expressão dos habitantes e chegar a um nível de satisfação residencial que incentive a apropriação.

Tendo em conta a varanda, uma das formas mais particulares dos habitantes se expressarem, é a colocação de vasos, flores, elementos decorativos, sejam eles de que natureza for. Esta ligação aos elementos vegetais tem, como já vimos, alguma relação com a forma do modernismo encarava o contato com a natureza. *As flores, as plantas nos pisos são uma decoração formal, um belo bouquet, glória de uma boa dona de casa, ou uma recuperação, uma recriação da natureza, ainda que artificial, num contexto urbano*[249]. Na atualidade são cada vez menos consideradas estas formas de expressão individual.

[246] Essa re-expressão, reinterpretação do habitus procura ir além de uma visão unilateral, ou seja, conjugar as duas visões, da arquiteto e do habitante. "*É preciso, pelo menos, neutralidade organizativa, mas uma neutralidade que seja base de apropriação flexível e alternativa e não modelo único e rígido de ocupação e para isso é fundamental uma estratégia de fluxos domésticos muito variados, uma excelente disponibilidade de paredes para encosto de mobiliário, ausência de dimensões mínimas/constrangedoras e boa capacidade de arrumações diversificadas*.". [16] Pág. 281

[247] [54] Pág. 157
Car l'appropriation n'est pas la reproduction pure et simple de l'habitus, elle est sa réexpression et sa réinterprétation, c'est à dire qu'elle en conserve les fondements essentiels tout en lui donnant une traduction personnelle et contextuelle réfléchie. La convention en est le fond commun, l'appropriation le mode particulier d'expression.

[248] [27] Pág. 220
Si l'architecte est trop présent, s'il impose des modes d'occupation ou s'il interdit certaines pratiques décoratives, il peut empêcher les phénomènes d'appropriation. (...) F.L. Wright qui ne supportait pas que ses clientes déplacent les meubles qu'il avait conçus.

[249] [28] Pág. 159/160
Las flores, las plantas en el piso son una decoración formal, un bello bouquet, gloria de la buena ama de casa, o una recuperación, una recreación de la naturaleza, aunque artificial, en un entorno urbano.

No caso da ilha, o corredor de acesso pode ter usos variados, logo será o elemento mais forte de apropriação pessoal. Uma vez que não há nenhum tipo de determinismo pré-concebido, este espaço pode ser vivido de forma mais intuitiva[250].

No Conjunto das Fontainhas, o elemento mais forte e marcante da apropriação pessoal é a varanda e a galeria. Neste caso, como já foi referido, os moradores têm, quase naturalmente, utilizado este espaço como extensão da casa com todos os elementos que marcam a sua expressão pessoal. Nas varandas, essa apropriação é mais limitada, no entanto, este não deixa de ser o espaço primordial para se expressarem.

Tudo o que represente um gosto pessoal acaba por favorecer a imagem que o utilizador tem desse espaço, ou seja, aquilo que implique um cuidado, uma atenção, uma ação não deliberada ou planeada, é símbolo de uma apropriação e potenciador de uma imagem positiva. "A apropriação do espaço, este resto de poder que se conserva sobre o mundo, quando ele desapareceu no trabalho, constitui uma das vantagens da cultura doméstica e, simultaneamente, um dos seus motores essenciais."[251].

[250] Um exemplo fulcral dessa ideia de apropriação, ligada ao *habitus* dos seus habitantes e sua cultura é a presença do tanque à porta de cada habitação. Este uso tem subjacente uma forma de lavar a roupa (que se tem perdido cada vez mais na atualidade) característica da população mais idosa ou até com menos meios e que é mantida. Este hábito tem inerente um uso, que marca a forma com o habitante se apropria do seu espaço 'à porta de casa'.

[251] [53] Pág. 85

6.3) Função/uso/apropriação e os modos de habitar

Depois de um primeiro momento de esclarecimento dos conceitos, é fundamental partir para uma análise aplicada destes. Mais do que perceber qual a determinação da função ou a intencionalidade do uso ou as formas de apropriação, é importante ver como estes conceitos influenciam os modos de habitar.

Com o decorrer do século XX há uma crescente preocupação em desenvolver estudos sociológicos, para melhor se perceber a sociedade para quem se projeta. *não se farão bons projetos sem um estudo sociológico sério: «os seus conhecimentos [do arquiteto] não bastam, ele terá de aprofundar um longo estudo preparatório da classe de homens para a qual ele está a trabalhar (...)*»[252]. Apesar de esta preocupação estar presente no início do século XX, ela só terá verdadeiras repercussões no final do século. Agora, em pleno século XXI, esta forma de encarar a arquitetura como um conhecimento aberto a outras áreas é cada vez mais valorizada.

Mais do que um espaço pensado por alguém, a casa é acima de tudo um espaço vivido por uma família. *A familiaridade do lar exige a durabilidade e a permanência de certos hábitos. Implica o retorno a uma peça comum, que reconforte na medida em que ela equivale a uma forma de reconhecimento*.[253]. Esses hábitos que cada família traz consigo moldam esse espaço pensado e tornam-no numa peça viva.

A questão da afetividade entra em jogo na relação com a casa. Podemos concluir a esse respeito que a intencionalidade de uso e as circunstâncias de apropriação individual orientam fundamentalmente as relações de afetividade na casa.[254]. Tanto o uso como a apropriação, têm um papel de destaque na relação entre a conceção e a vivência. A forma como cada um vive o seu espaço está atualmente muito marcado por estes conceitos, o que não quer dizer que o papel do arquiteto esteja posto em causa, mas antes que este deve ponderar no momento de decisão as novas variáveis em jogo.

[252] [23] Pág. 74
(...)ne se fera pas de bons projets sans une étude sociologique sérieuse: «ses connaissances [à l'architecte] ne lui suffiront peut-être pas, il aura à approfondir une longue étude préparatoire de la classe d'hommes pour laquelle il sera appelé à travailler(...) ».

[253] [4] Pág. 124
La familiarité du chez-soi exige la durée et la permanence de certaines habitudes. Elle implique le retour à une pièce connue, qui réconforte dans la mesure où elle équivaut à une forme de renaissance.

[254] [4] Pág. 139
La question de l'affectivité entre en jeu dans le rapport au logis. Nous pouvons conclure à cet égard que l'intentionnalité d'usage et les circonstances d'appropriation individuelle orientent fondamentalement les relations d'affectivité au logis.

6.3.1) Conceitos em análise:

Para melhor compreender a relação dos usos e formas de apropriação com os modos de habitar, existem dois conceitos fundamentais que devem ser tidos em consideração: o conceito de mínimo e o próprio conceito de habitar. Neste último caso podemos associar-lhe dois conceitos: o de 'habitat', mais associado ao espaço físico da casa e o de 'habitus', mais associado à experiencia pessoal de cada um. Ambos não têm uma tradução 'direta' para português, mas estão integrados no termo português 'habitar' .

Estes conceitos por si só não têm a mesma validade que associados, todo o processo de criação tem em conta todos os fatores em simultâneo. De qualquer forma, para uma melhor compreensão, foi necessário fragmenta-los, subdividindo o pensamento.

6.3.1.1) Conceito de 'mínimo'

A noção atual de 'mínimo', "que se adota como limite quantitativo para a satisfação de certas exigências, nomeadamente as de espaço habitável"[255] pode ser definida como: "o conjunto das condições abaixo das quais a habitação concorreria, com probabilidade significativa, para restringir o grau de desenvolvimento individual ou o grupo que a sociedade já permitiria numa dada fase da sua evolução."[256].

O conceito de 'mínimo' não se aplica unicamente em termos de áreas, numa relação direta forma/função, aplica-se também em termos de condições socioculturais. Não basta disponibilizar grandes áreas, é fundamental perceber a sociedade e cultura de quem vai utilizar esse espaço para que haja assim uma rentabilidade máxima do espaço projetado em todos os aspetos. "O espaço mínimo exigido não pode corresponder ao simples somatório das áreas parcelares determinadas para cada função (…) a este nível global os moradores têm da casa uma imagem ou uma representação valorativa que é função de um condicionalismo sociocultural em que a atitude em relação à casa se insere num contexto mais complexo."[257].

Este conceito foi entendido de formas diferentes ao longo dos séculos, "A análise dos 'standards', evidencia uma primeira etapa para a conquista de condições mínimas

[255] [55] Pág. 7
[256] Op. Cit. Pág. 8
[257] Idem Pág. 7

ÁREA BRUTA, POR TIPOLOGIA DE FOGO.

Tipologias	IPHE	RTHS
T1	70.00 m^2	65.00 m^2
T2	90.00 m^2	85.00 m^2
T3	106.00 m^2	100.00 m^2
T4	117.00m^2	114.00 m^2
T5	133.00 m^2	

de higiene e não promiscuidade (séculos XVIII e XIX), uma acentuação posterior da necessidade de casa própria para cada família ainda sem pôr o problema da sua dimensão, finalmente a partir de um segundo quarto deste século, a preocupação dos técnicos em definir necessidades mínimas (…) quando por toda a Europa os estados se tornaram promotores da habitação em massa."[258]. Temos aqui presentes três fases, uma primeira associada à ideia higienista do espaço; uma segunda associada à renovação do modelo de habitação para várias famílias, que permitiu rever as dimensões dos espaços e uma terceira em que o 'mínimo' passa a englobar as necessidades das pessoas.

Contudo, este conceito até hoje não é consensual. *Não existem até agora normas internacionais e talvez sejam impossíveis de definir, dada a variação das necessidades conforme os países e as culturas*[259]. É difícil definir o que é essencial a cada um e qual o espaço mínimo necessário para que o habitante estabeleça uma relação saudável com a sua casa[260]. Apesar de não se puder definir com exatidão o número de m^2 por habitante, reconhece-se que muitas vezes a redução do espaço interior pode ser compensada com a introdução de espaços exteriores de prolongamento da casa. Como se referiu, estes espaços podem funcionar como um paliativo para compensar a dificuldade em realizar certas atividades no interior da habitação[261].

Tendo em conta a legislação portuguesa, podemos referir o REGEU_ Regulamento Geral das Edificações Urbanas (1951); as IPHPE_ Instruções para Projetos da Habitação Promovida pelo Estado (1978) e finalmente as RTHS_ Recomendações Técnica para Habitação Social (1984). Estas legislações definem as áreas brutas das diversas tipologias de fogos, havendo pequenas variantes entre elas. As IPHPE não consideravam os logradouros e terraços como contabilizáveis para a área bruta da habitação, já as RTHS consideram estes espaços contabilizáveis[262]. Esta necessidade de integrar os espaços de

[258] [56] Pág. 9

[259] [37] Pág. 109

Il n'existait pas jusqu'à maintenant de normes internationales et peut-être est-il impossible d'en définir, étant donné la variation des besoins suivant les pays et les cultures.

[260] Nas ilhas do Porto, temos uma média de 50 m^2 por 3/6 pessoas, no caso das H.B.M. em França, 52 m^2 por 5 pessoas ([37] Pág. 47); já nos Estados Unidos 103 m^2 por quatro pessoas ([37] Pág. 108).
Na Grã-Bretanha **o** mínimo essencial **é** 9.3 m^2 por habitante, em França *abaixo de 14 m^2 por pessoa, as famílias estavam insatisfeitas com o seu alojamento, e que abaixo de 8 a 10 m^2 um certo número de problemas poderia surgir.* [37] Pág. 47

[261] É de destacar a opção francesa, que retira as restrições de áreas nas construções de baixo custo, deixando ao arquiteto o poder de decisão, e permitindo que este equilibre a balança custo/necessidades sem impor onde e como se deve reduzir. *Recentemente as regras de superfície média para as construções H.B.M. foram suprimidas. Essa nova liberdade permitirá aos construtores edificar os alojamentos melhor adaptados às famílias.* [37] Pág. 109

[262] Quando estes são pavimentados e cobertos contam por interior, quando são apenas pavimentadas ou cobertos contam a 50%. [16] Pág. 345/346

contacto com o exterior nas áreas brutas dos fogos criou mais um entrave à utilização destes elementos, o que poderá explicar a progressiva ausência das varandas.

Nuno Portas define como área mínima para as varandas 3 m^2 (1.5x2). No Conjunto das Fontainhas, a área é menor, as varandas isoladas têm aproximadamente 0.6 m^2 e as varandas corridas 2 m^2.

Sobre essa opção, o arquiteto do Conjunto das Fontainhas diz-nos "em relação às opções de projeto, não há nenhum arquiteto que me diga que foi as áreas e os custos reduzidos o principal condutor na resolução dos problemas arquitectónicos (…) isto porque em termos de opções de projecto (o ter varanda ou não ter varanda; ter pala ou não ter pala; fazer mais dente ou menos dente no edifício) hoje em dia essas opções não são determinantes no custo final do edifício"[263].

Neste projeto, a questão das áreas e dos custos controlados não limitou as opções de projeto. Há um limite de áreas, que impõe um 'mínimo' e um 'máximo' de área bruta, mas as decisões de projeto, a pertinência ou não de varandas, não estiveram limitadas por essas condicionantes. "O programa social condiciona, contudo deveremos procurar um desenho que integre os temas inerentes à composição arquitectónica: se é preciso uma base, um corpo principal, um remate, torcer ou baixar por causa da envolvente, se deve ter uma série de elementos arquitetónicos que são preponderantes para integrar o edifício num determinado sítio, etc. O discurso de habitação económica não pode ser pretexto para a não abordagem destas questões"[264].

6.3.1.2) Conceito de 'habitat' / 'habitus'

'Habitat' e 'habitus', como foi dito, não têm tradução direta para a nossa língua. Apesar de terem sentidos ligeiramente diferentes, acabam por estar subjacentes na expressão 'habitar'. Habitar uma casa, ou modos de habitar, refere-se a este 'habitat', que os nossos 'habitus' alteraram, e com o qual nos identificamos.

O *habitat* é definido *como a envolvente imediata e privada do individuo ou da família conjugal, (...) é o meio geográfico que reúne as condições favoráveis para a vida de uma espécie animal ou vegetal, (...) a área habitada por um individuo, uma espécie, um grupo de espécies ou indivíduos.*[265].

[263] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista
[264] Op. Cit.
[265] [28] Pág. 22/23

Habitus é um conceito mais abrangente, referido no trabalho Pierre Bourdieu em que "encontramos a mais completa renovação sociológica do conceito (…): o habitus é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade do senso comum entre individuo e sociedade ao captar 'a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade', ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então a guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente."[266]. Mais do que perceber o processo de formação individual do sujeito, deve-se tentar perceber como esses processos de interiorização e exteriorização influenciam os usos e apropriação do espaço. Isto porque, os modos de habitar particulares de cada família ou comunidade estão muito marcados pelo seu *habitus*.

A ação de habitar um determinado espaço permite uma relação de reciprocidade entre a casa e os seus habitantes, que se reflete na forma como estes se apropriam dos espaços. É neste fenómeno de identificação que o conceito de apropriação ganha força e permite que o habitante se identifique com a sua casa e a prolongue para o exterior.

A forma como a varanda é utilizada e apropriada depende muito dos *habitus* dos seus utilizadores e da relação que estes estabelecem com o seu *habitat,* desenvolvendo uma 'interiorização da exterioridade' e 'exteriorização da interioridade'. Apesar da ideia de mínimo ter imposto a este elemento a redução das suas dimensões, ele continua a ser importante para a criação de uma identidade e para a satisfação do habitante com o seu espaço doméstico.

No caso da população proveniente das ilhas que se alojou no Bairro de São Vítor verifica-se que, apesar da mudança de habitação, houve uma forma de habitar que se manteve. Continuam a viver numa tipologia de habitação unifamiliar, em que a extensão da casa para o exterior permite manter os seus *habitus*.

A população que veio habitar o Conjunto das Fontainhas era oriunda de um contexto diferente; de outros bairros sociais ou casas degradadas no centro da cidade. Esta população integrou-se de forma pacífica neste conjunto e continuou a utilizar e valorizar os espaços de contacto com o exterior.

Como el entorno inmediato y privado del individuo o de la familia conyugal (...) el medio geográfico que reúne las condiciones favorables para la vida de una especie animal o vegetal (...) área habitada por un individuo, una especie, un grupo de especies o de individuos…
[266] [90] Pág.2

6.3.2) Modos de habitar:

Para passarmos de um espaço pensado, por um arquiteto, para um espaço vivido, por uma família, é necessário ter em consideração os modos de habitar de cada família.

A sequência função/uso/apropriação permite compreender os modos de habitar da casa e consequentemente a forma de viver a varanda, em relação com a casa, com o edifico e com o espaço urbano.

6.3.2.1) O habitante na definição do espaço

Sendo que o espaço da casa não é pensado pelos seus habitantes, principalmente na habitação plurifamiliar, uma das principais questões que surgiu como crítica ao Movimento Moderno está relacionada com o papel do habitante na definição do seu espaço pessoal. Será que a arquitetura determina ou não o comportamento dos habitantes?

Este é principal desafio do século XXI, Isabel Guerra utiliza a expressão: 'As pessoas não são coisas que se encaixam em gavetas'[267], como forma de chamar a atenção para a necessidade de estudar o habitante e o seu papel na definição do espaço[268].

As intervenções do modernismo puseram de parte o habitante na conceção e definição do espaço. Contudo, na atualidade, a aceitação e conformidade não são consideradas como positivas.

No caso das ilhas, é o habitante quem define o seu espaço, qual a sua função, que uso lhe dá. Não havia arquiteto, apenas um proprietário que definia a rua de acesso, logo tudo na ilha resulta de uma forte expressão pessoal e o habitante tem liberdade para se apropriar e viver o espaço conforme as suas necessidades.

No Bairro de São Vítor houve um arquiteto, mas também uma forte participação da população. Poderá ser este um fator determinante para a satisfação da população em relação à sua casa[269]. Há liberdade para a alteração e redefinição dos espaços, que apesar das dimensões reduzidas, permitem ao habitante definir o seu espaço.

No Conjunto das Fontainhas, a liberdade na definição dos espaços é mais reduzida. O arquiteto, assim como a Câmara, impõe regras, logo a expressão pessoal do habitante está limitada às pequenas coisas: decoração da casa, mobiliário, definição de arrumos. Os espaços que as habitantes definem e vivem mais livremente são assim os espaços de transição, como a galeria e a varanda.

6.3.2.2) A perceção do espaço

Vários arquitetos parecem ter a vontade de conservar na arquitetura da habitação a dimensão do imaginário, do sonho, da poesia, mas também o prazer sensorial ou sensual da relação com o espaço[270].

O espaço não é apenas físico, como se referiu anteriormente, tem também uma componente cultural, social e uma dimensão corporal. *Certos arquitetos integram nas suas reflexões a dimensão corporal do espaço, quer em termos sensoriais, de perceção ou de movimento*[271]. Essa dimensão corporal integra assim a perceção, Ch. De Portzamparc defende que *A estrutura está tanto no objeto como no espaço. (...) A perspetiva hoje é a reapropriação do espaço arquitetónico por um homem concreto, que anda, que tem cinco sentidos, que olha, que habita e que ama um lugar*[272].

A visão, que nos permite percecionar o espaço que nos envolve, pode transmitir uma imagem positiva ou negativa da habitação. Segundo Roland Simounet, há uma dialética entre superfície real e superfície apreendida, ou seja, nem sempre uma será igual à outra[273]. Para fazer com que a superfície apreendida parece maior que a superfície real

[267] GUERRA, Isabel. [82] Pág. 11

[268] Existem novos fatores a ter em conta na conceção dos edifícios e das habitações. "Há que lhes aplicar intensões e objetivos de nível 'superior', urbano, e inferior, doméstico. Há que conhecer desejos, gostos e hábitos de quem habita/marca, aproximar os espaços projetados dos espaços possivelmente sonhados e das exigências e comportamentos críticos, considerando, basicamente, que será sempre difícil arramar pessoas mesmo em excelentes 'gavetas', que a relação entre o número e a disposição dessas 'gavetas' é um elemento muito importante e que as pessoas não são coisas, nem são coisas iguais, que se possam arrumar desumanamente sempre da mesma maneira.". [16] Pág. 190

[269] Existe no entanto alguma insatisfação em relação à qualidade construtiva do conjunto. As infiltrações e humidade são comuns, as paredes são descritas como 'feitas de papelão', não oferecendo conforto térmico ou sonoro, o que fez com que os habitantes tivessem que investir constantemente na tentativa de colmatar essas debilidades.

[270] [27] Pág. 238
De nombreux architectes semblent avoir la volonté de conserver à l'architecture de l'habitation la dimension de l'imaginaire, du rêve, de la poésie, mais aussi du plaisir sensoriel voire sensuel du rapport à l'espace.

[271] [27] Pág. 227
Certaines architectes intègrent dans leurs réflexions la dimension corporelle de l'espace, que ce soit en termes de sensorialité, de perception de l'espace ou de mouvement.

[272] Ch. De Portzamparc [27] Pág. 227
Le bâti appartient à la fois au registre de l'objet et à celui de l'espace. Je pense à la pluralité merveilleuse et simple qui fait l'espace Urbain et nous situe en permanence de façon ambivalente et réversible dans un dehors qui est un dedans. (...) La perspective aujourd'hui, c'est la réappropriation de l'espace architectural par un homme concret, qui marche, qui a cinq sens, qui regarde, qui habite et qui aime un lieu.

[273] *Parece-me que é importante dar uma impressão de espaço que vá para lá da superfície real. Tento criar os espaços e expandir o espaço. Por um lado dou prolongamentos à habitação, isto é, uma grande superfície que não é contada com habitável, o terraço prolonga a sala até a largura de 6 metros e, na outra cota, a entrada, o corredor criam uma continuidade do espaço privado para o espaço comum*. SIMOUNET,

há a tentativa de ‘dar uma impressão de espaço’, que passa pela compartimentação do fogo, assim como pelos espaços de contacto com o exterior. *A quantidade de espaço não se traduz apenas pelo número de metros quadrados: o espaço é visual, as paredes desaparecem ou tornam-se transparentes. Os diferentes espaços da habitação comunicam e prolongam-se, através das opções dos dispositivos propostos para cada habitação*.[274]. Essa relação entre espaços, e consequente ligação com o exterior, quanto mais fluida e aberta for, maior será a perceção do espaço.

No século XIX, na habitação burguesa, as áreas eram mais generosas e os espaços mais amplos, com o século XX e a passagem para uma tipologia de habitação plurifamiliar de dimensões reduzidas, a questão da perceção ganha nova força. A superfície apreendida deveria ser maior do que a superfície real, para tal recorreu-se a mecanismos tais como: vistas, diagonais[275], transparências, permeabilidades.

No desenvolvimento da habitação social, em que as áreas são muito reduzidas, o trabalho sobre este tipo de mecanismos permite compensar uma certa sensação de confinamento. *Também na conceção da habitação social, onde os metros quadrados são parcimoniosamente distribuídos, o trabalho sobre a luz aparece muitas vezes como uma compensação. (...) Na falta de espaço, a luz é assim muitas vezes a principal variável que estrutura as escolhas*.[276].

A varanda e todos os elementos que permitam o contacto com o exterior, ajuda a criar essa fluidez do espaço que pode ser valorizadora do conjunto e criadora de uma imagem positiva da casa, proporcionando uma maior liberdade para que o habitante viva e se aproprie do seu espaço. *Parece que muitos arquitetos têm entendido que a descompartimentação, ou pelo menos a abertura de certos espaços da habitação permite quebrar o sentimento de confinamento sentido nos espaços demasiado pequenos. No interior da habitação social, este é muitas vezes um atenuante*[277]. A perceção do espaço

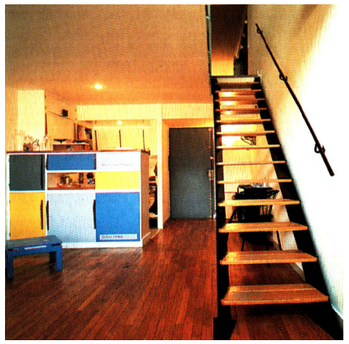
Roland [27] Pág. 231

[274] NOUVEL, J. [27] Pág. 242
La quantité d’espace ne se traduit pas ici seulement par un nombre de mètres carrés: l’espace est visuel, les cloisons disparaissent ou se font transparentes. Les différents espaces du logement communiquent et se prolongent, au gré des agencements proposes pour chaque logement.

[275] Uma peça fundamental tanto para as vistas, como para as diagonais, é a janela, *As vistas diagonais, quando permitem desfrutar de uma paisagem excecional (...) estruturam assim a fachada. Esse facto é tido em conta no momento de escolher a forma de uma janela, mas também a sua localização*. [27] Pág. 227

[276] [27] Pág. 231
Aussi, dans la conception des logements sociaux, où les mètres carrés sont parcimonieusement distribués, le travail sur la lumière apparait souvent comme une compensation. (...) A défaut d’espace, la lumière est ainsi souvent la variable princeps qui structure les choix.

[277] [27] Pág. 242



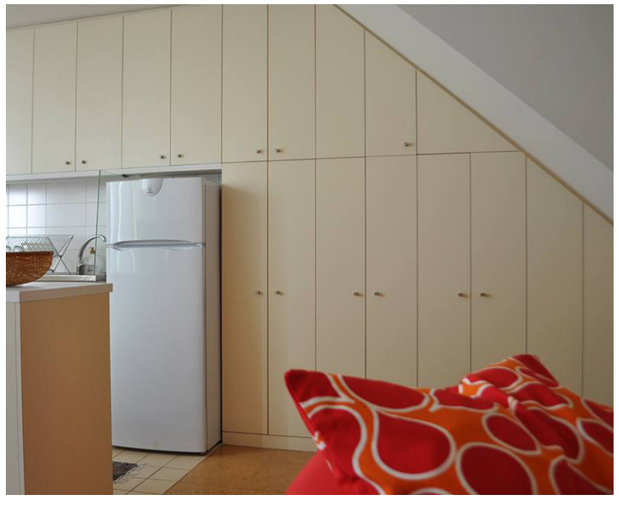
(176) Escadas da Unidade de Habitação de Marselha.





Bairro de São Vítor
(177) Caixa de escadas, com espaço para arrumos por baixo.





Conjunto da Bouça
(178) Caixa de escadas, com espaço para arrumos por baixo.

tem uma dupla função, atribuir uma qualidade positiva ao espaço da casa e por sua vez influenciar e favorecer a sua apropriação.

No Bairro de São Vítor verificamos essa procura de dar uma 'impressão de espaço'. Não há uma divisão entre cozinha e sala; as escadas aparecem entre o corredor e a cozinha, separando-os mas sem criar uma barreira física e a ligação ao pátio permitiria ligar todos estes espaços comuns com o exterior.

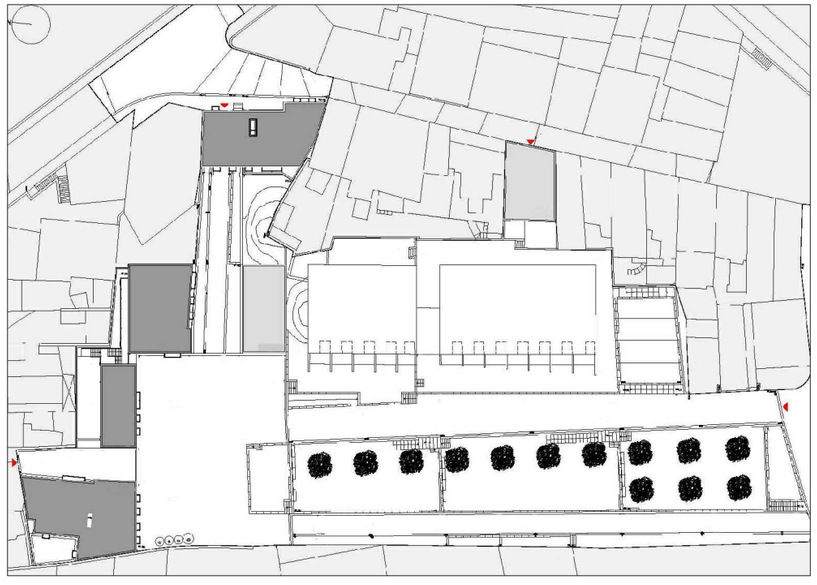
No Conjunto das Fontainhas a compartimentação é mais fechada não permitindo tanto uma relação visual entre diferentes espaços. Contudo a perceção é favorecida na relação entre os corredores e os espaços comuns. A transparência e permeabilidade são conseguidas acima de tudo pelos espaços de relação com o exterior, as varandas permitem assim que a 'impressão de espaço' seja conseguida através de uma extensão visual para o exterior.

Essa relação entre espaço pensado/espaço vivido vai muito além do espaço físico. Desta forma, a varanda funciona como uma extensão natural da casa, extensão esta não só valorizada em termo de práticas diárias, mas também em termos de representação e sociabilização.

Il semble que beaucoup d'architectes aient compris que le décloisonnement, ou tout au moins l'ouverture de certaines des espaces de l'habitation, permette de lever le sentiment d'enfermement ressenti dans les espaces trop exigus. Dans le cadre du logement social, c'est souvent un palliatif.



(179) Implantação do Conjunto das Fontainhas.



(180) Planta de implantação
Esc. 1/1000

7_CASO PARTICULAR DE SÃO VITOR

7.1) Conjunto Habitacional das Fontainhas, PER, Arq. Hélder Casal Ribeiro, 1996/2007

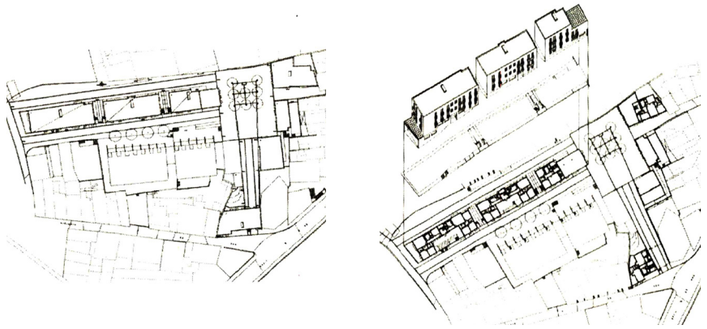
O Conjunto Habitacional das Fontainhas foi projetado na década de 90, no âmbito do PER, de promoção municipal e financiado pelo Instituto Nacional de Habitação. No total o conjunto era constituído por quatro fases, Fontainhas I, II, III e IV, sendo que o que se irá estudar corresponde ao projeto das Fontainhas II. O projeto, lançado ainda na década de 90, esteve suspenso durante 4 anos, os trabalhos de construção foram interrompidos em 2002 e retomados em 2006. Este Conjunto perfaz um total de 18 fogos, 2 T1, 6 T2 e 10 T3, que representam uma pequena parte da ambição total que seria 92 fogos divididos pelos 4 conjuntos.

Nos dois primeiros dos conjuntos, Fontainhas I e II, projetados pelo mesmo grupo de arquitetos, Hélder Casal Ribeiro e Ana Sousa da Costa, vemos presente a varanda. No terceiro, Fontainhas III, projetado por Amândio Cupido, esses elementos já não estão presentes.

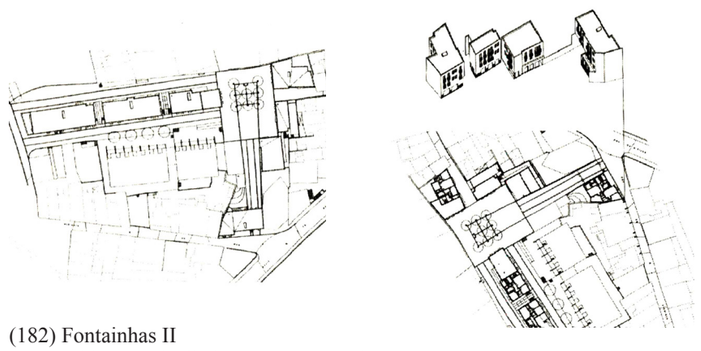
Tendo em conta a sua localização, o principal objetivo deste conjunto é rematar o interstício de um quarteirão nas Fontainhas com a construção de um conjunto de habitações sociais. A primeira tentativa de consolidação, feita pelo programa SAAL, foi complementada três décadas mais tarde com este conjunto.

Na memória descritiva do projeto transmite-nos a seguinte informação: “Pretende-se devolver o interior do quarteirão à cidade, redesenhando-o com o programa de habitação e com a definição de uma praça e três plataformas de estar, que privilegiam o uso pedonal e lúdico. A proposta remata a malha existente e redesenha novos acessos criando uma frente urbana para o novo espaço público que articula todo o conjunto, dialogando directamente com as construções envolventes. A norte as construções e os lotes existentes são rematados com a implantação de 4 volumes (edifícios I,J1,J2,L), que respondem a três situações distintas em escala, geometria e tipologia de acesso/fogo. A sul as plataformas de estar articulam dois arruamentos e acompanham a acentuada pendente do terreno com três momentos rematados por um miradouro com vista sobre a marginal do douro.”[278].

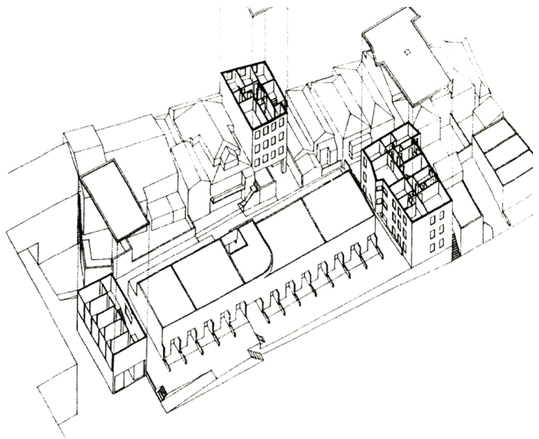
[278] [108] Memória descritiva do projeto.



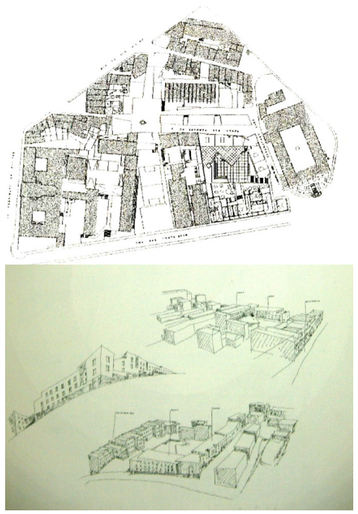
(181) Fontainhas I
Arq. Hélder Casal Ribeiro e Ana Sousa da Costa
20 Fogos



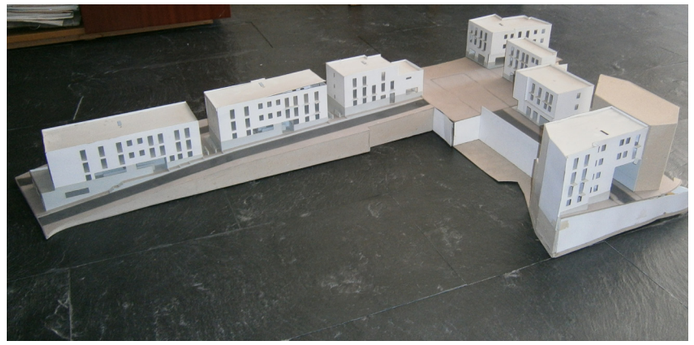
(182) Fontainhas II
Arq. Hélder Casal Ribeiro e Ana Sousa da Costa
18 Fogos



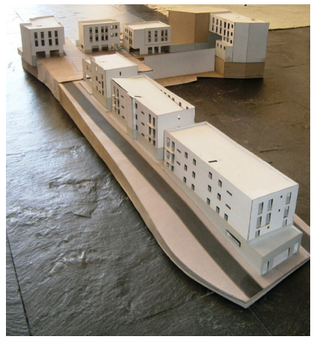
(183) Fontainhas III
Arq. Amândio Cupido
9 Fogos



(184) Fontainhas I V
GPAU_ Gabinete de Esudos e Projetos de Arquitetura e Urbanismo
45 Fogos



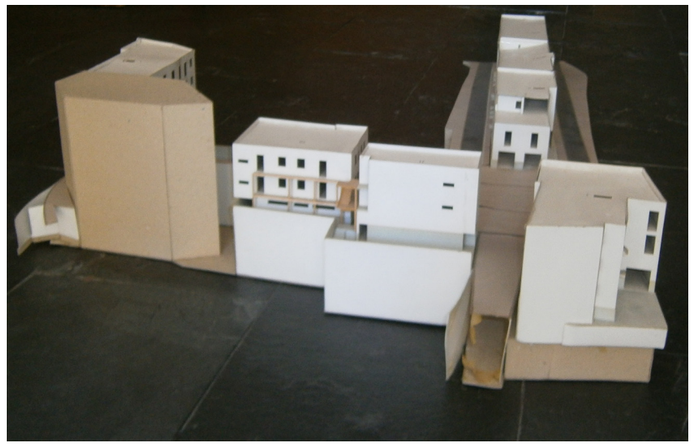
(185) Fontainhas I e Fontainhas II



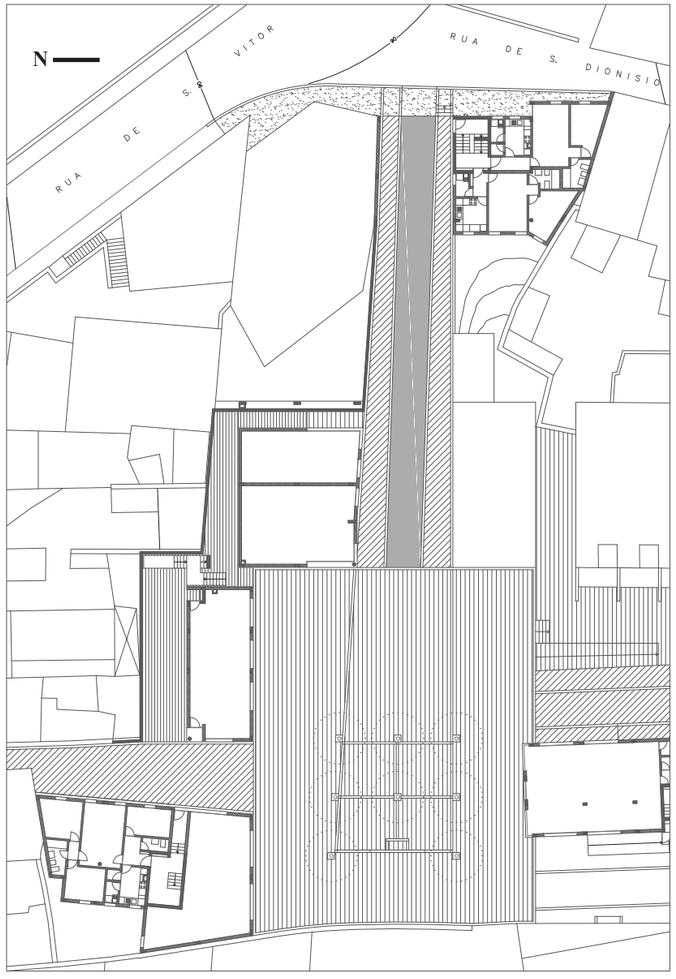
(186)



(187) Fontainhas II: entrada junto à Rua São Dionísio.



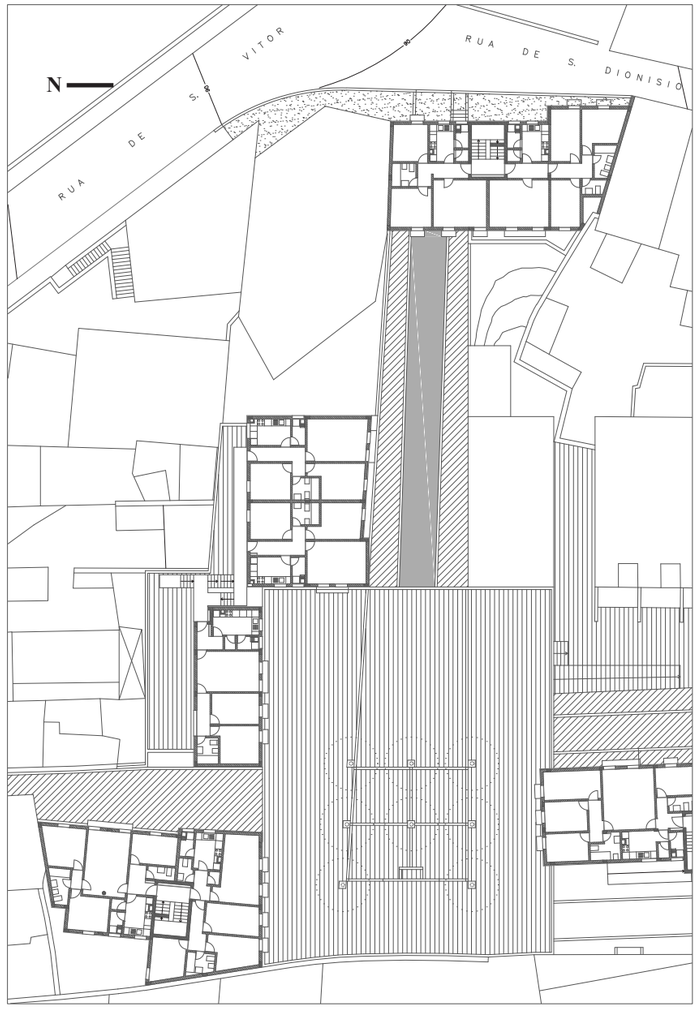
(188) Fontainhas II: vista da galeria.



(189) Planta do rés-do-chão
Esc. 1/500



(190) Alçado Sul: Volume A_B1_B2_C
Esc. 1/500



(191) Planta do piso tipo
Esc. 1/500



(192) Alçado Este: Volume B2_C_/Bairro de São Vítor
Esc. 1/500

Uma referência para a realização do Conjunto das Fontainhas II foi o Conjunto de Habitação Económica, realizado em Massarelos, em 1987, com projeto dos arquitetos Francisco Barata e Manuel Fernandes Sá. Um edifício com 130 m de extensão, 4 pisos (rés-do-chão mais três), acesso vertical múltiplo e em que as tipologias mais comuns são T3 e T4.

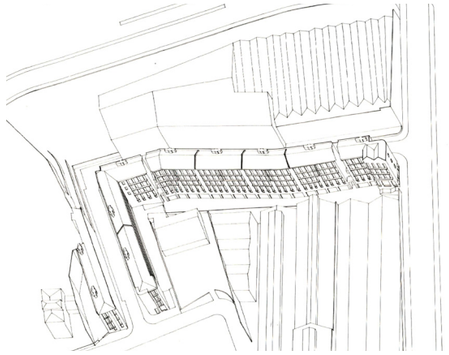
O arquiteto Hélder Casal Ribeiro, autor do Conjunto das Fontainhas, trabalhou como colaborador neste projeto e refere-o como sendo "um projeto que demonstra bem como se consegue discutir os temas todos pertinentes numa obra arquitectónica (remate, transição, quebra, sombreamento, ritmo), consegue-se fazer tudo e dentro de custos perfeitamente controlados"[279]. Mais uma vez, questões como áreas ou custos não são limitadoras das opções arquitetónicas.

No Conjunto de Massarelos observam-se varandas pontuais no primeiro piso e varandas corridas nos pisos superiores.

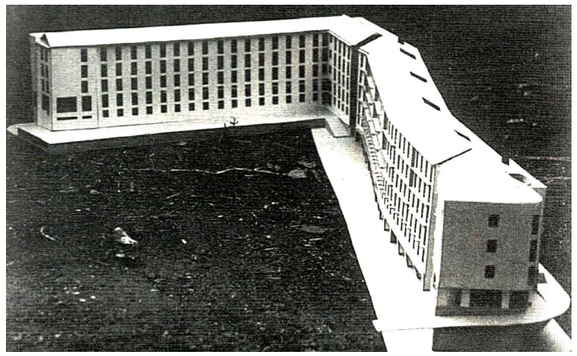
Outro conjunto realizado ao abrigo do PER, de promoção municipal, é o Conjunto Habitacional do Monte de São João (1996/2003), em Paranhos, projetado pelos arquitetos Rui Almeida e Filipe Oliveira Dias. Com um total de 55 fogos, 30 T2 e 25 T3[280], este conjunto desmultiplica-se em vários volumes, que na realidade são "três blocos que parecem oito"[281]. Com um total de cinco pisos, cada um desses três volumes tem um sistema distributivo que conjuga uma escada, um elevador e uma galeria que dá acesso a quatro fogos.

No conjunto das Fontainhas, verifica-se a opção de desfragmentar os volumes devido à localização do conjunto, no interior de um quarteirão e à necessidade de colmatar situações de traseiras, tudo em relação com um espaço exterior de largo. Já no conjunto do Monte de São João, a desfragmentação está relaciona com a opção de o localizar os volumes nos limites da parcela, logo, para se adequar à sua forma, o edifício vai-se articulando, fragmentando e cria também uma praça no seu interior.

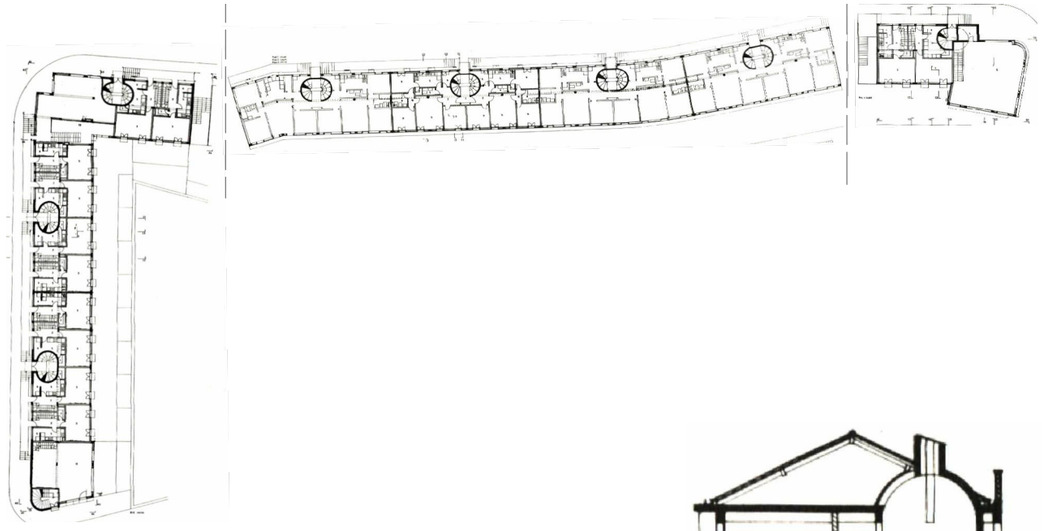
[279] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[280] [110]
[281] [109]



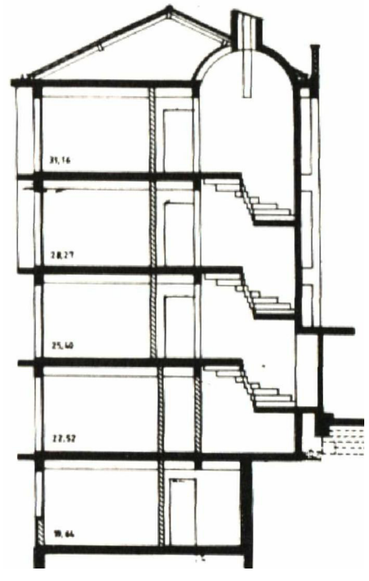
(193) Axonometria do Conjunto de Massarelos.



(194) Maquete do Conjunto de Massarelos.



(195) Planta do Conjunto_ Esc. 1/1000



(196) Corte_ Esc. 1/500



(197) Vista da fachada Norte, sem varandas.



(198) Vista da fachada Sul, com varandas.



(199)



(200)



(201) Vista do volume em L.



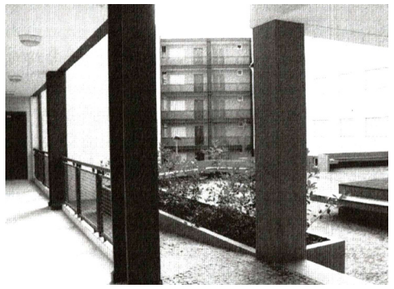
(202) Vista da porta de entrada.



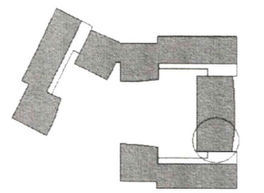
(203) Relação entre os dois volumes.

CONJUNTO HABITACIONAL DO MONTE DE SÃO JOÃO

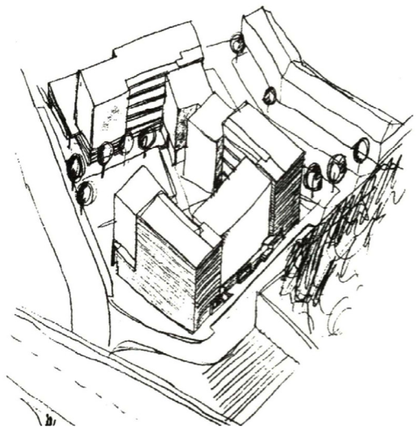




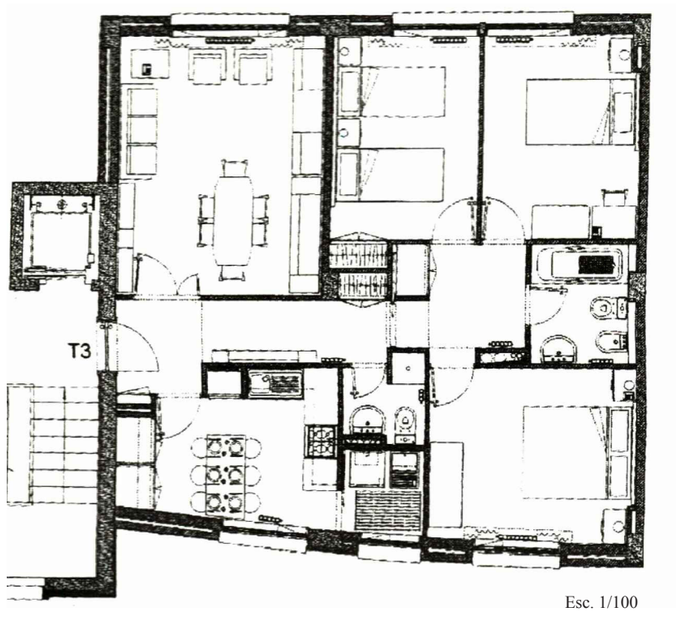
(204) Conjunto do Monte de São João: imagens do conjunto recém construído.



(205) Esquemas do conjunto.



(206) Axonometria do conjunto.



(207) Planta do fogo, junto aos pontos de acesso, escada e elevador.



(208) Vista do conjunto.



(209) Vista da porta de entrada.



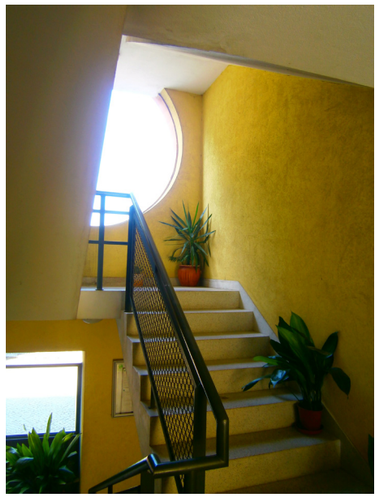
(210) Caixa de escadas: vista exterior



(211) Vista da galeria.



(212) Caixa de escadas: vista interior.



(213)

7.1.1) O contexto urbano:

7.1.1.1) A escala do Conjunto

A localização do conjunto foi decisiva na escolha da escala da intervenção. Segundo o arquiteto, no interior daquele quarteirão "o conjunto tinha de ter uma escala específica, uma escala humana, doméstica, relacionada com sua condição de interstício de quarteirão. Queria que fosse uma arquitetura para se viver, não simplesmente fotogénica para se publicar em revistas. (…) Se fosse fazer um edifício plurifamiliar à face de qualquer rua não utilizaria aquela escala"[282]. Este conjunto deveria ter uma escala reduzida, que se relacionasse com a escala das intervenções já existentes no local e colmatasse uma série de situações de traseiras. A opção passou assim por subdividir o conjunto em três volumes "O edifício tinha de ter uma linguagem arquitectónica contemporânea, mas tinha também de dialogar com a cidade. A minha ideia não era fazer uma coisa que se sobressaísse, mas que se integrasse o mais possível, sem no entanto perder a sua personalidade, individualidade."[283].

Todas as decisões de projeto, desde o tamanho do vão até à dimensão do edifício, procuram criar essa escala doméstica, essa arquitetura vivida. "A forma como eu associo a varanda, seja individual ou dois a dois, a dimensão dos vãos, tudo afirma a intensão de reduzir a escala, uma escala mais humana, que é o que eu sinto quando estou ali, próximo dos edifícios do Siza"[284].

A varanda é assim, em conjugação com a forma e dimensão dos volumes, um fator fundamental para controlar a escala do conjunto. "A varanda o objetivo de ajudar a controlar a escala, tendo em conta a sua dimensão."[285]. Logo, a escolha desta varanda, para além da referência da sacada portuense, tem essa intencionalidade de ajudar a dar uma escala 'mais humana', criando uma arquitetura para se viver e não para se expor.

No Conjunto de Massarelos o edifício está relacionado com uma frente de rua, logo a opção em termos de escala foi diferente. O volume vai-se articulando e moldando à rua, "dobra, faz curva, remata aqui, remata ali, faz vinco e não é por ser habitação económica que se é obrigado a fazer [volumes] paralelos."[286]. Este conjunto, com uma

[282] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[283] Op. Cit.
[284] Idem
[285] Idem
[286] Idem



(214)



(215)





Conjunto das Fontainhas
(216) Vistas das varandas.

(217)





89





Conjunto de Massarelos
(218) Vistas das varandas.

(219)

(220)

escala maior, opta por ter as varandas na fachada interior do quarteirão, que desenham uma fachada mais 'doméstica' em oposição à fachada da rua, com uma imagem mais neutra. As varandas são em grande parte corridas, dando uma leitura mais horizontal, de continuidade, o que se coaduna com a escala, a forma e a dimensão do próprio volume, extenso e contínuo.

A opção das varandas está assim associada à própria escala do conjunto e ao contexto urbano em que este se localiza. As varandas pontuais e de pequena dimensão do Conjunto das Fontainhas estão relacionadas com a sua fragmentação e intenção de se relacionar com a escala humana que se vive naquele quarteirão. Em oposição as varandas corridas do Conjunto de Massarelos, relacionam-se com a sua dimensão mais extensa, que por sua vez cria um quarteirão.

7.1.1.2) A relação particular dos três volumes com a envolvente

Este conjunto é constituído por três volumes, estando o da galeria dividido em dois. Temos assim o volume A, B1, B2 e C, sendo que os três têm pressupostos diferentes.

O volume A em conjugação com o volume B1 são os mais altos do conjunto. "Estes dois volumes sobem por forma a desenhar e marcar a porta e porque também são estes que estão no enfiamento de todo aquele espaço aberto"[287]. Para além de marcar a porta do terreno, marcam também o ponto de chegada que liga o Largo de Camões com largo do interior do quarteirão. O volume A, com um total de três pisos em acesso vertical múltiplo, associado ao ponto principal de chegada ao terreno, procura rematar uma situação de traseiras e ao mesmo tempo encaminhar as pessoas para o interior do quarteirão.

O volume central, acabou por ser fragmentado e desenhado com duas alturas. "O volume central era muito estranho porque a área de construção era exígua e realmente era importante recuar aquela dimensão. Assim, onde o terreno aperta desenhou-se um sistema de acesso direto, em contraponto ao volume contiguo que utiliza a galeria como acesso, isto porque achava que nos dois volumes os fogos deviam estar voltados para a paisagem aberta e não para a pedreira"[288]. Há assim uma divisão do volume, "eu parti o conjunto em dois volumes porque achei mais interessante em vez de ter um corpo todo articulado, ter dois edifícios contudo deviam ser desenhados como se fossem um único, que é como

[287] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[288] Op. Cit.



(221)

A



(222)



(223)

B1/B2



(224)



(225)

C



(226)



(227)

o Siza desenha o dele, como uma peça única mas articulada"[289]. Este volume acaba por rematar mais uma situação de traseiras e ao mesmo tempo, em associação com o volume A, desenhar uma nova frente para o largo.

O volume C, já noutro ponto do terreno, marca um momento de chegada diferente. Esse volume, com um total de quatro pisos em acesso vertical múltiplo, eleva-se dois pisos do chão, permitindo um acesso ao terreno a partir da Rua São Dionísio, (em relação com a Rua de São Vítor). Este volume mais uma vez sobe para marcar a porta e ao mesmo tempo relacionar-se com a altura dos edifícios contíguos.

Há assim um desenho contínuo, o volume A e B1 mais altos, depois o B2 desce e o C sobe novamente. Apesar de serem volumes independentes, são parte integrante do mesmo conjunto e procuram, através da linguagem e relação entre eles, transmitir essa ideia de continuidade, mesmo que em diálogo com contextos diferentes. "Eu achei que se os edifícios aparecessem como sendo cada um de natureza diferente, com um desenho autónomo, não criariam um pano de fundo para o edifício do Siza. [Temos aqui] uma coisa única (…) que tem um desenho que eu tento ser o mais tranquilo, o mais pano de fundo possível, para não perturbar a leitura, apesar de parcial, de São Vítor."[290].

7.1.2) O Largo e o Jardim: ligação entre o Bairro de São Vítor e o Conjunto das Fontainhas

O Conjunto das Fontainhas desde o início teve essa intensão de se relacionar com o Bairro de São Vítor sem perturbar a sua leitura. A relação entre os dois conjuntos foi designada pelo próprio arquiteto como 'um problema enorme'. "[São Vítor] apesar de parcial, permite perceber que o alçado não é um alçado de rua, a escala não é de frente de rua. Aquilo que temos ali é uma ilha, o que Siza tenta fazer é uma nova ilha com uma linguagem de sintaxe moderna/contemporânea, mas a tipologia é da ilha. (…) O conjunto tem realmente uma escala de grande intimidade, grande interioridade"[291]. Logo, quando confrontado com a possibilidade de projetar naquele local, em relação com aquele conjunto, o arquiteto assume "Eu já não podia fazer os edifícios como se fosse ilha. Mais, o pressuposto do Concurso era mesmo abrir aquelas entradas e criar ali um espaço que fosse um largo, uma zona de estar, eu tinha mesmo de fazer cidade, abrir aquele interior

[289] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[290] Op. Cit.
[291] Idem


(228)


(229)


(230)


(231)


(232)


(234)


(235)

Relação entre o **Conjunto das Fontainhas e o Bairro de São Vítor**.
O Jardim e o Largo.


(236)


(237)


(238)

Conjunto do Monte de São João.
Relação do conjunto com o largo.

à cidade, devolve-lo à cidade, mas introduzir uma escala aqueles volumes que dialoga-se com a escala da ilha do Siza."[292].

No Concurso original era previsto um largo, junto ao Conjunto das Fontainhas II e no local do atual jardim deveria localizar-se o Conjunto Fontainhas I. Contudo, devido a uma série de decisões camarárias que não se concretizaram, esse conjunto acabou por não ser construído. "Eu propus à Câmara não construir os outros três volumes centrais. Preferia o interior do quarteirão como espaço amplo, o que será fundamental para deixar respirar o edificado existente e proposto, isto porque o quarteirão ficaria densamente construído. É muito melhor aquele vazio todo"[293].

O jardim que se vê na atualidade, foi um espaço que surgiu em complementaridade com o largo e permite uma relação mais pacífica entre o Bairro de São Vítor e o Conjunto das Fontainhas. O bloco que iria ser construído localizava-se em frente ao Bairro de São Vítor, logo, como o próprio arquiteto afirma, não ter sido construído acabou por ser uma mais-valia. O jardim, como espaço aberto no interior do quarteirão, permite que os dois conjuntos se relacionem sem haver um confronto direto. O quarteirão ganha um espaço de estar, de lazer e ao mesmo tempo de descompressão, que acaba por ser um espaço de encontro e convívio entre os habitantes dos dois conjuntos, sendo contudo mais vivido e valorizado pela população do Bairro de São Vítor.

No Conjunto Habitacional do Monte de São João esse momento de ócio é também feito no interior do quarteirão. A forma articulada do volume permite criar uma praça que enriquece o conjunto e permite uma vivência diária desse interior de quarteirão. A população do conjunto é aquela que mais usa este espaço e o valoriza, a própria relação com as galerias permite que esta seja uma verdadeira 'praça ao domicílio', muito utilizada no dia-a-dia pelas crianças da creche que se localiza no conjunto.

Estes espaços exteriores no interior do quarteirão são sempre muito valorizados pela população, uma vez que conferem uma certa 'paz' aos conjuntos. O facto de não haver uma relação direta com a frente de rua permite uma transição gradual entre a habitação e a cidade. Todos os elementos de prolongamento da casa, seja a varanda ou a galeria, são mais apropriáveis quando localizadas neste contexto. Os próprios habitantes afirmam ter uma maior liberdade de usos nestes espaços, uma vez que 'não se vê diretamente da rua'.

[292] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[293] Op. Cit.

7.1.3) As varandas:

7.1.3.1) A tridimensionalidade do alçado

As varandas, para além de ajudarem a controlar a escala do conjunto, têm também um papel a desempenhar na composição do alçado. “Se imaginar isto só com janelas, eu tenho grande dificuldade em criar [certas tensões] só com a noção de buraco ou negativo inscrito numa parede”[294].

A tridimensionalidade dos volumes, assim como dos alçados, é fundamental para o arquiteto: “Aqui a procura de uma composição tridimensional tem a ver com: 1) o programa da habitação, ou seja, o desenho e organização das tipologias, 2) em termos de custos, considerar que uma reentrância, uma saliência, tem de ser uma coisa operativa e consequente”[295].

O elemento escolhido foi a varanda que acaba por surgir em todos os volumes, com diferentes associações. “As varandas (…) são fundamentais para introduzir uma tridimensionalidade na composição do alçado, sobretudo na modelação do volume, tendo em conta o tema da habitação económica, ou seja, será com este tipo de recursos que se consegue uma composição que responde às necessidades”[296].

O facto de as varandas serem projetadas e a própria materialidade dos vãos, permite criar um jogo de luz e sombra, que associado à cor da madeira, acaba por enriquecer o alçado. “Tu olhas para os edifícios e só tens dois materiais, tudo pintado e betão na varanda e na base. E depois percebes que há uma coisa quente que vem dos buracos, que é a madeira”[297].

[294] Arq. Hélder Casal Ribeiro, em entrevista.
[295] Op. Cit.
[296] Idem
[297] Idem



(239) Volume A_ quatro varandas individuais.



(240) Volume B1_ duas varandas individuais, uma corrida e duas janelas.



(241) Volume B2 (alçado Oeste)_ duas janelas e uma varanda corrida.



(242) Volume B2 (alçado Sul)_ duas varandas individuais e uma varanda corrida.



(243)
Os dois alçados rebatidos.



(244)

7.1.3.2) As suas diferentes associações

Observamos neste conjunto varandas individuais e varandas corridas, associando dois vãos. A sua alternância reflete uma métrica de alçado que cria uma certa continuidade em termos de composição. Nos volumes virados para o largo temos uma sequência em que as varandas são fundamentais para marcar o ritmo: quatro varandas individuais (no volume A); duas individuais, uma corrida e duas janelas (no volume B1); duas janelas e uma corrida (no volume B2_alçado Oeste) e duas individuais e uma corrida (no volume B2_alçado Sul). Há assim, na transição do volume B1 para o B2, um momento em que o alçado rebate e a alternância entre varanda individual/varanda corrida/janela, enriquece o conjunto.

Conclui-se, depois de algumas conversas com os moradores, que as varandas corridas são as mais utilizadas e valorizadas e as varandas dos quartos, quando existem, são menos utilizadas no dia-a-dia, mas mesmo assim valorizadas.

7.1.3.3) Os usos mais frequentes

Ao longo do desenvolvimento do trabalho referimos que estes espaços são utilizados para usos tais como: espaço de estar, para pôr a roupa a secar, vasos, arrumos. No caso particular do Conjunto das Fontainhas, as varandas são maioritariamente usadas para expor alguns elementos e o contacto com o exterior. As suas reduzidas dimensões limitam um pouco a sua utilização como espaço de estar. Já a galeria, de maiores dimensões, permite que sejam feitos alguns arrumos, assim como todos os usos que se fazem na varanda. Como referido, galeria e varanda funcionam aqui em complementaridade.

No Conjunto do Monte de São João, as galerias, na sua relação com o interior do quarteirão, são também espaços de prolongamento da casa. Observamos também a presença de estendais, a roupa a secar no parapeito, os vasos. Contudo, o facto de ter uma zona de praça associada ao conjunto, faz com que esse seja o espaço de estar primordial.



(245)



(246)



(247)

Conjunto do Monte de São João
Usos frequentes das galerias.



(248)



(249)



(250)



(251)

Conjunto das Fontainhas
Usos frequentes das varandas.



(252)



(253)



(254)



(255)



(256)



(257)



(258)



(259)

Bloco de Habitação na Rua do Teatro
Separação das varandas e sistema de sombreamento.



(260)



(261)

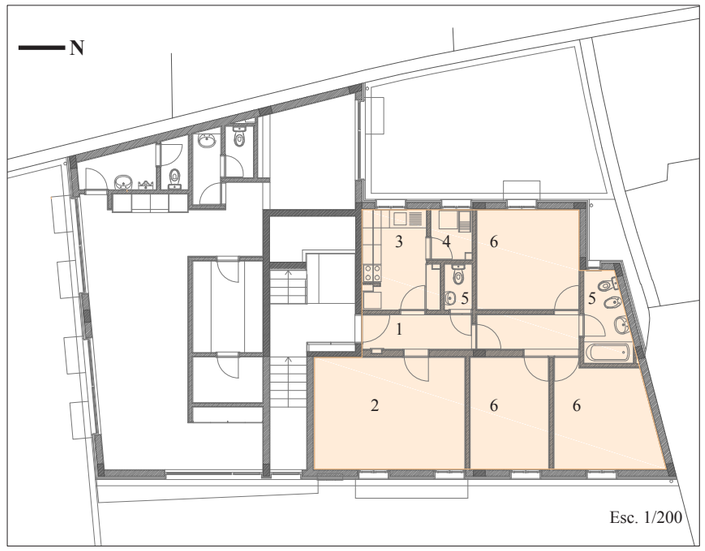
Tendo agora em consideração um edifício de habitação plurifamiliar corrente, referimos o Bloco de Habitação na Rua do Teatro, no Porto, projetado pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura (1992/1995), construído na mesma década que os dois casos de habitação de custos controlados.

Constatamos, neste edifício, que os usos feitos da varanda são em grande parte semelhantes aos observados nos conjuntos de custos controlados. A diferença está no facto de, neste edifício, as varandas serem maiores logo permitem usufruir deste espaço como prolongamento da sala, criando uma zona de estar ao ar livre. Há também uma subdivisão da varanda, com uma zona associada à lavandaria e outra associada à zona de estar, o que permite ter os usos associado à roupa e arrumos em separado daqueles associados ao lazer. Existe também um tipo de sombreamento, com lâminas metálicas, que permite fechar a varanda e 'esconder' aquilo que não se quer deixar ver.

Na realidade, as vivências, os usos, as formas de apropriação deste elemento mantém-se. Há uma forma de se relacionar com a varanda, de a usar, de a viver, que é transcendente a classes, custos, dimensões ou áreas. Este elemento acaba por funcionar invariavelmente como prolongamento da casa, a diferença está na forma como se exteriorizam essas vivências, esses usos, essas apropriações. Aquilo que se deixa ver e a forma como se deixa ver é que pode levar a criar uma imagem positiva ou negativa deste elemento, assim como do conjunto.

7.1.4) CONJUNTO DAS FONTAINHAS: INTERIOR DAS HABITAÇÕES

BLOCO A: Rés-do-chão
T3 (sem varandas)
Nº de Habitantes: 6 pessoas
Origem: Sé do Porto
Tempo a habitar o Conjunto: 4 anos



(262)
1_Entrada 2_Sala comum 3_Cozinha 4_ Lavandaria 5_Quarto de banho 6_Quartos



(263) Sala comum



(264) Cozinha



(265) Lavandaria



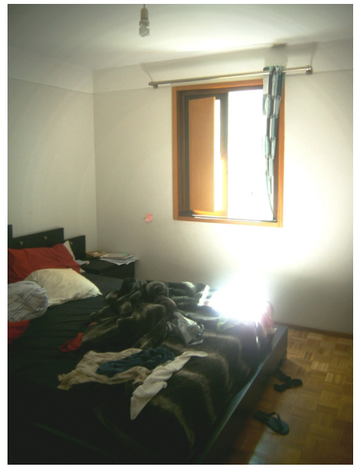
(266) Quarto de Banho



(267) Janela da sala

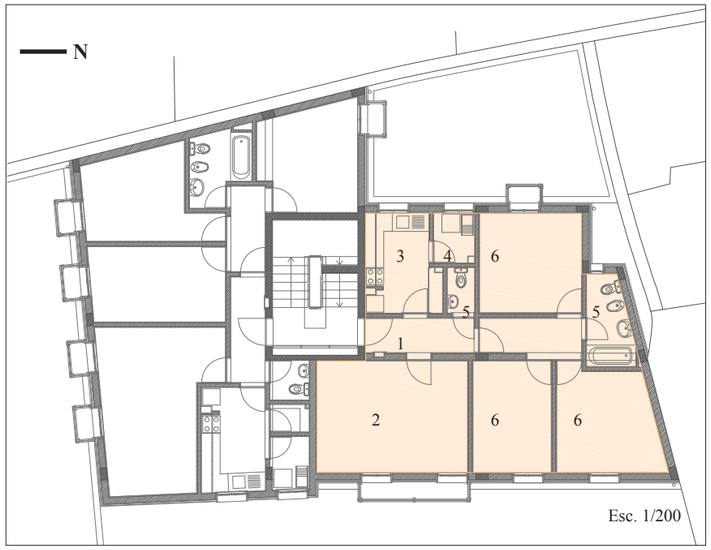


(268) Quarto



(269) Quarto

BLOCO A: 1 Direito
T3 (com varandas)
Nº de Habitantes: 5 pessoas
Origem: Sé do Porto
Tempo a habitar o Conjunto: 1 ano



(270)
1_Entrada 2_Sala comum 3_Cozinha 4_ Lavandaria 5_Quarto de banho 6_Quartos


(271) Entrada


(272)


(273) Sala comum

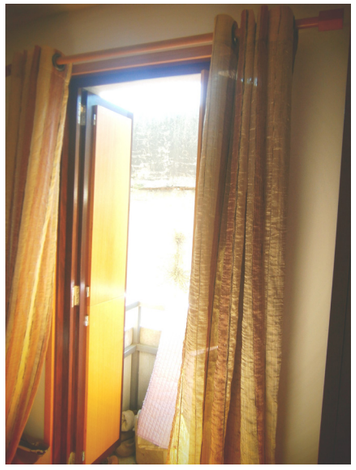

(274) Cozinha


(275) Lavandaria

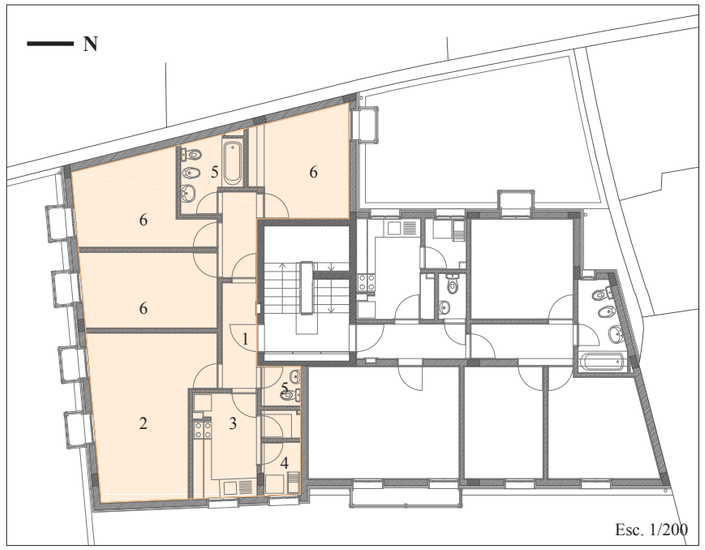

(276) Quarto


(277) Quarto


(278) Quarto


(279) Varanda do quarto

BLOCO A: 2 Esquerdo
T3 (com varandas)
Nº de Habitantes: 4 pessoas
Origem: Zona do Infante
Tempo a habitar o Conjunto: 4 anos



(280)
1_Entrada 2_Sala comum 3_Cozinha 4_ Lavandaria 5_Quarto de banho 6_Quartos


(281) Sala comum


(282) Varanda da sala comum


(283) Vista da varanda


(284) Cozinha


(285) Lavandaria

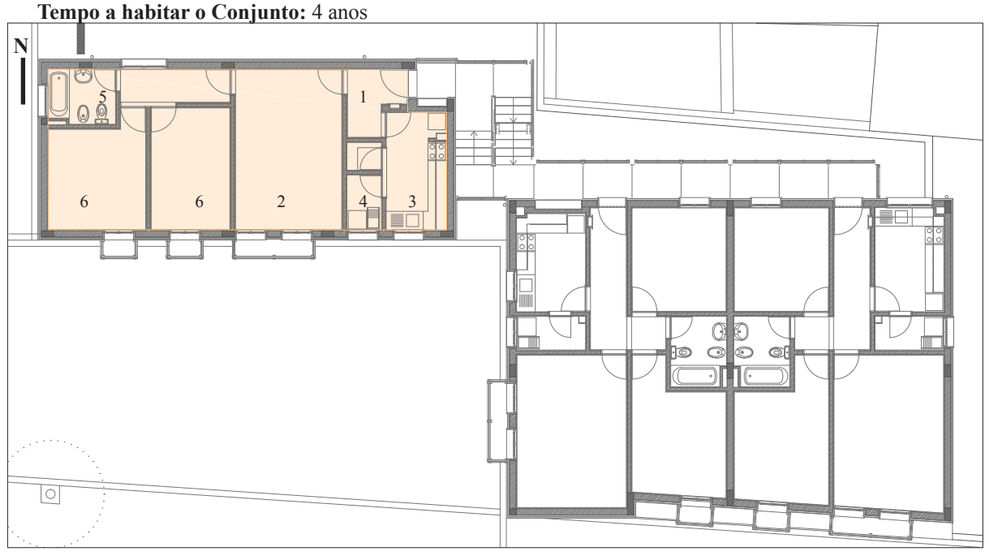

(286) Entrada


(287) Quarto


(288) Varanda do quarto


(289) Vista da varanda

BLOCO B1: 2 Frente
T2 (com varandas)
Nº de Habitantes: 3 pessoas
Origem: Sé do Porto
Tempo a habitar o Conjunto: 4 anos



(290) Esc. 1/200
1_Entrada 2_Sala comum 3_Cozinha 4_ Lavandaria 5_Quarto de banho 6_Quartos


(291) Sala comum


(292) Varandas da sala comum


(293) Cozinha


(295) Entrada

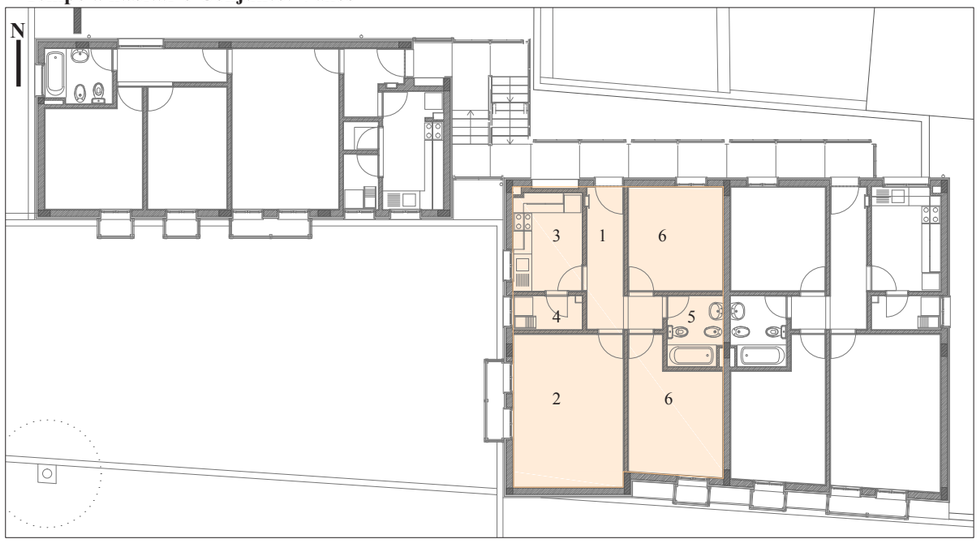

(297) Quarto


(294) Lavandaria


(296) Quarto


(298) Varanda do quarto

BLOCO B2: 2 Centro
T2 (com varandas)
Nº de Habitantes: 3 pessoas
Origem: Bairro do Lagarteiro
Tempo a habitar o Conjunto: 4 anos



(299) Esc. 1/200
1_Entrada 2_Sala comum 3_Cozinha 4_ Lavandaria 5_Quarto de banho 6_Quartos



(300) Entrada



(301) Sala comum



(302) Varanda da sala comum







(303) Cozinha



(304) Lavandaria



(305) Quarto

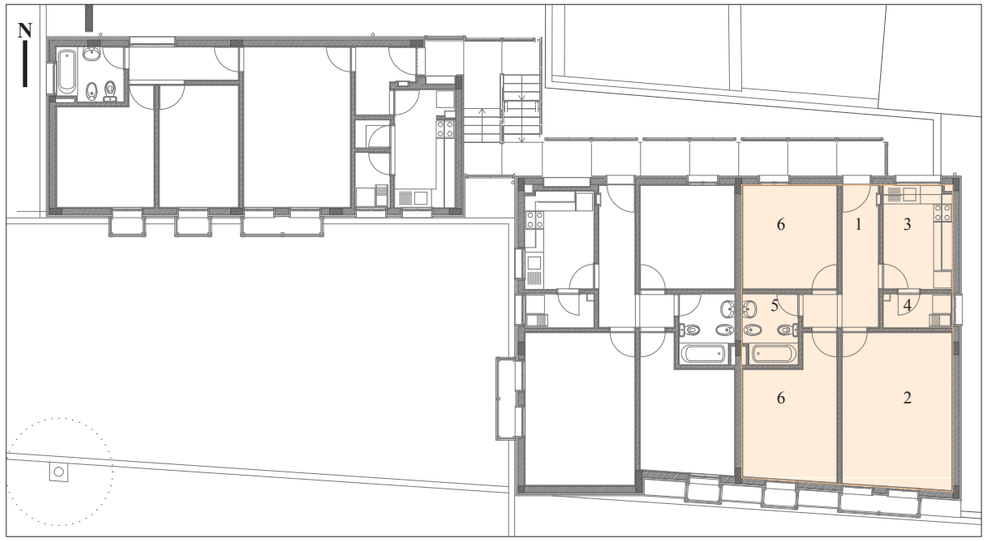


(306) Quarto



(307) Varanda do quarto

BLOCO B2: 2 Direito
T2 (com varandas)
Nº de Habitantes: 3 pessoas
Origem: Bairro Cerco do Porto
Tempo a habitar o Conjunto: 4 anos



(308) Esc. 1/200
1_Entrada 2_Sala comum 3_Cozinha 4_ Lavandaria 5_Quarto de banho 6_Quartos


(309) Entrada


(310)


(311) Sala comum


(312) Varanda da sala comum


(313) Cozinha


(314)

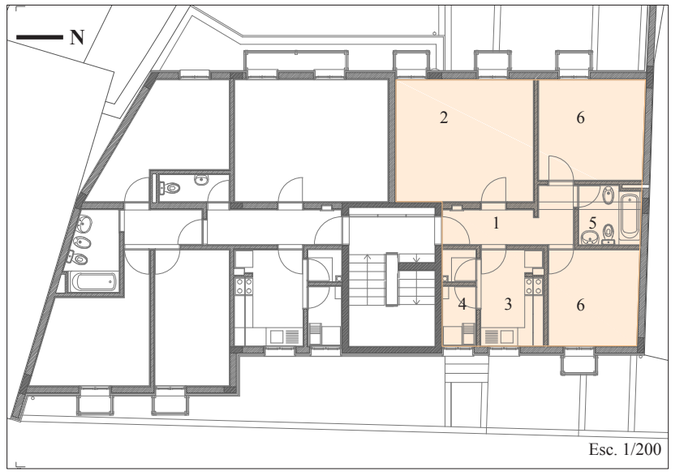

(315) Lavandaria


(316) Quarto de banho


(317) Quarto


(318) Quarto

BLOCO C: 2 Direito
T2 (com varandas)
Nº de Habitantes: 3 pessoas
Origem: Sé do Porto
Tempo a habitar o Conjunto: 4 anos



(319)
1_Entrada 2_Sala comum 3_Cozinha 4_ Lavandaria 5_Quarto de banho 6_Quartos


(320) Entrada

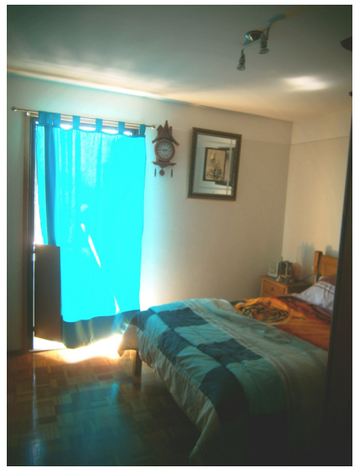

(321)


(322) Sala comum


(323) Varanda da sala comum


(324) Cozinha


(325) Lavandaria

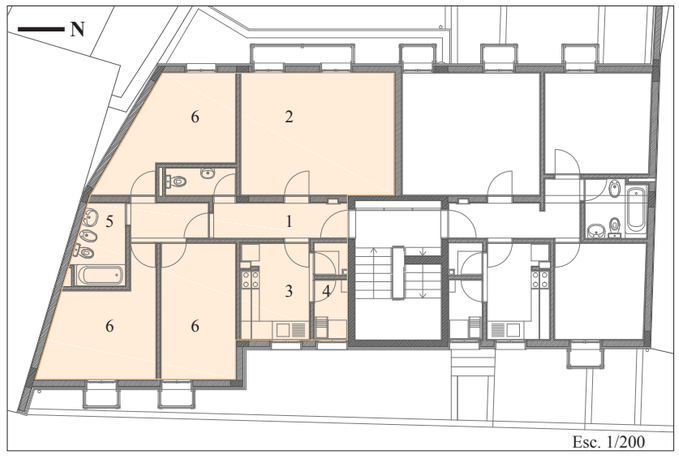

(326) Quarto


(327) Varanda do quarto


(328) Quarto


(329) Varanda do quarto

BLOCO C: 2 Esquerdo
T3 (com varandas)
Nº de Habitantes: 2 pessoas
Origem: Colégio Salazariano_ projeto de incentivo à autonomização de vida de jovens estudantes.
Tempo a habitar o Conjunto: 1 ano



(330)
1_Entrada 2_Sala comum 3_Cozinha 4_ Lavandaria 5_Quarto de banho 6_Quartos


(331) Entrada


(332)


(334) Sala comum


(335) Cozinha


(336) Lavandaria


(337) Quarto


(338) Quarto


(339) Quarto


(340) Varanda do quarto

8_NOTAS FINAIS

8.1) Propostas de reabilitação

Ao longo da última década tem sido desenvolvido, na cidade do Porto, um processo de reabilitação dos seus bairros sociais mais antigos. Os conjuntos, construídos na grande maioria na década de 60, têm sido progressivamente intervencionados no sentido de melhorar as condições de habitabilidade mas também do seu espaço urbano envolvente. Para uma melhor compreensão do que será a varanda neste tipo de habitação, visitaram-se alguns bairros do Plano de Melhoramentos e procurou-se observar como tem sido encarado este elemento e qual a opção de projeto para a sua reabilitação.

Da primeira fase do Plano de Melhoramentos (1956/66) visitou-se o Bairro da Pasteleira, 1967[298]; o Bairro São Roque da Lameira, 1959/1963[299]; e o Bairro Fonte da Moura, 1960/1962[300]. Da segunda fase (1966/73), o Bairro de Aldoar, 1966[301]; o Bairro de Lordelo, 1967[302]; e o Bairro do Lagarteiro, 1973[303]. Na maioria destes bairros a tipologia habitacional é: blocos em barra, com 3,4 ou 5 pisos e acessos do tipo esquerdo/direito ou galeria.

Nestes conjuntos os trabalhos de reabilitação passaram por uma requalificação das fachadas, a substituição e ventilação das coberturas, a aplicação de novas caixilharias, fecho das caixas de escadas e galerias e em alguns casos houve a preocupação com o arranjo dos espaços comuns. No caso das varandas, na maioria dos conjuntos, a opção passou por encerra-las, transformando-as em marquises.

O Bairro da Pasteleira terá sido reabilitado numa fase anterior a todos os outros, ainda na década de 90. É importante referi-lo para destacar que, apesar da diferença temporal, os pressupostos mantêm-se nestas reabilitações mais recentes. Os edifícios tinham, na grande maioria, varandas recuadas, as chamadas *loggias*. A opção de reabilitação passou por encerrar todas as varandas e galerias, mantendo aqui as caixas de escadas ainda exteriores.

[298] Localizado na freguesia de Lordelo, com um total de 608 fogos
[299] Localizado na freguesia de Campanhã, desenvolvido em duas fases, a primeira em 1959, com 451 fogos e a segunda em 1963, com 272 fogos.
[300] Localizado na freguesia de Aldoar, também desenvolvido em duas fases, a primeira em 1960, com 596 fogos e a segunda em 1962, com 42 fogos.
[301]Antigo Bairro Manuel Carlos Agrelos, localizado na freguesia de Aldoar, com um total de 396 fogos.
[302]Antigo Bairro Dr. Nuno Pinheiro Torres, localizado na freguesia de Aldoar, com um total de 430 fogos.
[303] Localizado na freguesia de Campanhã, com um total de 248 fogos.
Fonte [104]

No Bairro São Roque da Lameira observa-se ainda os dois momentos, antes e pós reabilitação, isto porque o processo não está ainda concluído. Os fogos tinham na grande maioria varandas recuadas e em alguns casos varandas projetadas. Verifica-se, nos blocos que ainda não foram recuperados, que algumas das varandas projetadas e grande parte das recuadas foram sendo progressivamente encerradas por parte dos habitantes. A opção de reabilitação passou por encerrar todas varandas recuadas, substituindo-as por janelas de correr. As caixas de escadas e galerias foram também encerradas.

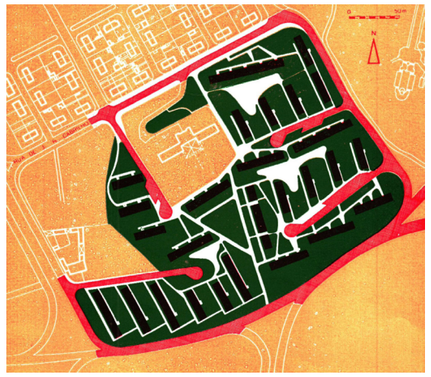
No Bairro Fonte da Moura as opções de reabilitação são semelhantes às que se verificaram no caso anterior. Houve aqui neste conjunto um preocupação em integrar ao longo dos espaços verdes entre os blocos zonas de estendal comum.

No Bairro de Aldoar está presente mais uma vez uma situação em que o processo de reabilitação não está concluído. Houve assim a opção de encerrar as caixas de escadas e integrar os estendais comuns ao longo do conjunto.

No Bairro de Lordelo, assim como no Bairro do Lagarteiro, os edifícios apresentavam varandas recuadas com a guarda ligeiramente projetada, tendo assim uma pequena consola. Nestes dois casos a opção passou, mais uma vez, por encerrar as caixas de escadas e varandas. Contudo, foram criadas umas estruturas metálicas laminadas que se anexam à varanda e permitem ter um espaço de 30/40 centímetros entre a varanda e essa estrutura para pôr a roupa a secar.

Verifica-se, no percurso ao longo dos bairros, que os espaços de estar preferenciais eram as varandas, as galerias e as caixas de escadas. Com o encerramento destas e a falta de investimento em espaços de estar no exterior, constata-se que não há um espaço para a população destes bairros ‘estar ao ar livre’. As formas como esse contacto com o exterior se faz são hoje mais informais.

No Bairro da Pasteleira, o local preferencial para esse ‘estar ao ar livre’ é junto aos dois pontos do bairro em que existe algum comércio e restauração. No Bairro de Lordelo os espaços verdes são utilizados por alguns habitantes com espaço de estar. No Bairro Fonte da Moura encontrou-se pessoas sentadas em cadeiras junto às portas ou mesmo numa zona central, em que existe algum comércio e alguma sombra. Estes espaços tornam-se assim pontos de encontro, de descanso, de espaço de contacto com o exterior e ganham uma vivência e dinâmica própria, sendo estes pontos preferenciais de convívio e sociabilização.



(341) Planta de implantação, Bairro da Pasteleira.



(342) Parque infantil no Bairro da Pasteleira.



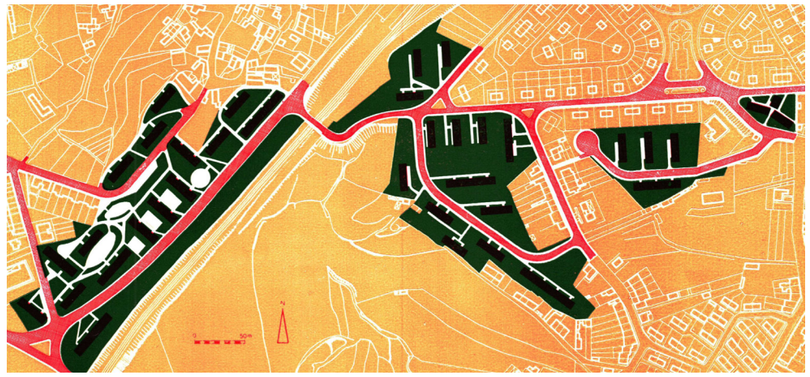
(343) Vista aérea do Bairro da Pasteleira.



(344) O Bairro da Pasteleira na atualidade.



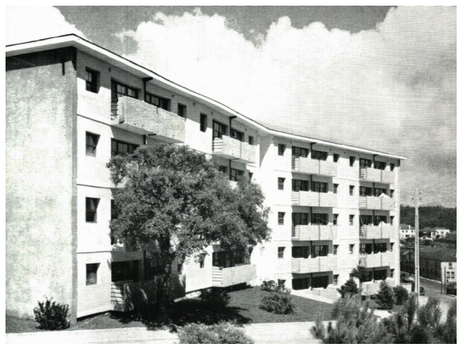
(345)



(346) Planta de implantação, Bairro São Roque da Lameira.



(347)



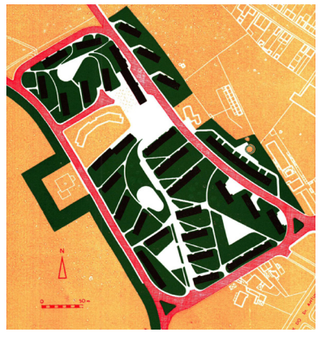
(348) Bloco do Bairro de São Roque da Lameira, recém construido.



(349) São Roque da Lameira, na atualidade. Volumes ainda não reabilitados.



(350) São Roque da Lameira, na atualidade. Volume reabilitado.



(351) Planta de implantação, Bairro Fonte da Moura.



(352) Parque infantil no Bairro Fonte da Moura.



(353) Parque infantil no Bairro Fonte da Moura.



(354) Bloco do Bairro Fonte da Moura.



(355) Vista da rua, Bairro Fonte da Moura.



(356) Bairro Fonte da Moura na atualidade.



(357)



(358) Bairro de Aldoar_ volumes reabilitados.



(359) Bairro de Aldoar_ volumes não reabilitados.



(360) Bairro do Lagarteiro_ volumes não reabilitados.



(361)



(362) Bairro do Lagarteiro_ volumes reabilitados.



(363)



(364) Bairro de Lordelo_ volumes reabilitados.



(365)

Existem também alguns casos em que a população desenvolve certas formas de apropriação dos espaços no piso térreo próximos das suas casas. No Bairro da Pasteleira, algumas famílias apropriaram-se da zona verde junto à sua casa criando pequenos jardins, colocando cadeiras e cuidam desses espaços como se fossem seus. No Bairro de Aldoar verificamos também estas zonas de apropriação do exterior. Nos blocos que ainda não foram reabilitados os habitantes do piso térreo, regra geral, criaram pequenos pátios junto à sua casa, que podem ser arrumos, garagens, sala de estar, jardim, zonas para pôr a roupa a secar. Cada família delimitou esse espaço à sua maneira, apresentam dimensões, materialidades e formas diferentes. Contudo, nos blocos já reabilitados constata-se que estas apropriações foram retiradas e uma vez que este conjunto não apresenta varandas e as caixas de escadas estão a ser progressivamente encerradas, não existe nenhum espaço de contacto com o exterior.

Considerando agora os usos e apropriações das varandas, galerias e caixas de escadas, constatamos que eram, em parte, muito semelhantes. Observa-se, nos blocos que ainda não foram reabilitados, que estes espaços de transição eram utilizados para por a roupa a secar, arrumos, colocar alguns vasos. As varandas e galerias ao serem encerradas, mantêm muitas vezes estes usos, deixando apenas de ser 'visíveis a partir do exterior' e as caixas de escadas acabam por perder todos estes usos.

No caso do Bairro da Pasteleira, verifica-se que, apesar de haver algumas zonas de estendal comum, a população continua a pôr a roupa a secar nas janelas das antigas varandas, galerias e nas caixas de escadas. No Bairro de São Roque, nos blocos que ainda não foram reabilitados, que estes espaços intermédios são ainda muito usados e vividos. Nos blocos reabilitados, observa-se que todos estes usos deixam de ser possíveis nas caixas de escadas e deixam de ser visíveis nas varandas e galerias. Contudo, na ausência de espaços de estendal comum ou outras zonas para por a roupa a secar, as janelas continuam a ser usadas para essa finalidade.

No Bairro Fonte da Moura tanto as varandas, como galerias, como caixas de escadas, foram encerradas e uma vez que existem estendais comuns, é raro ver a roupa a secar nas janelas. No Bairro de Aldoar, nos blocos que ainda não foram reabilitados, observa-se ainda a roupa a secar estendida ao longo da fachada e apesar de já haveram estendais comuns nesses blocos, permanecem inutilizados. Os arrumos e formas de exteriorização são feitos nos pátios e caixas de escadas. Nos blocos já reabilitados é possível constatar que se mantêm o hábito de pôr a roupa a secar nas janelas e nas caixas de escadas, apesar de já se fazer uso dos estendais comuns.

No Bairro de Lordelo e no Bairro do Lagarteiro verifica-se que estes usos continuam a fazer-se nas antigas varandas, contudo, dissimulados pelas estruturas metálicas anexadas. Logo, uma vez que não existem estendais comuns, não se encontra ao longo dos bairros roupa a secar.

Nestes dois casos a introdução da grelha metálica, associada ao facto de não haver estendais comuns entre os edifícios, permite que todo o conjunto tenha uma imagem mais homogénea, sem roupa a secar ou outro tipo de apropriações visíveis para quem percorre o bairro, o que pode resultar numa 'imagem mais positiva' de todo o conjunto.

Nos outros exemplos, em que se aplicam estendais comuns ou simples marquises, existe ainda uma exteriorização desses usos, com a roupa a secar um pouco por todo o lado, as pessoas sentadas na rua, o que continua a marcar a 'imagem' do conjunto.

Conclui-se, ao longo deste percurso, que a opção de encerrar estes espaços de transição retira às habitações a possibilidade de contacto com o exterior. A varanda, que deveria funcionar como espaço de prolongamento da casa para o exterior, torna-se numa divisão extra. De igual modo, todas as formas de apropriação das caixas de escadas e zonas do piso térreo são consideradas negativas e rejeitadas nestes processos de reabilitação.

Na generalidade, estas intervenções procuram homogeneizar ao máximo a imagem do conjunto, isto porque, apesar de haver uma preocupação em intervir nos espaços interiores, estas intervenções procuram acima de tudo requalificar a imagem exterior dos edifícios. Procura-se dissimular, não deixar ver, a partir da rua, estas formas de expressão pessoal dos habitantes. Contudo, essa opção não afeta apenas o exterior do edifício e acaba por ter repercussões no interior da habitação, prejudicando a iluminação e ventilação dos espaços que usufruíram em tempos de uma varanda.



(366)



(367)



Bairro Fonte da Moura
(368) Espaços de estar.



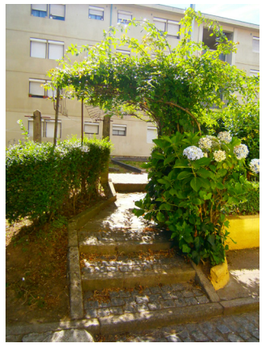
Bairro de Lordelo
(369) Espaços de estar.



(370)



(371)



(372)



Bairro da Pasteleira
(373) Apropriações do piso térreo.





(374)



(375)



Bairro de Aldoar
(376) Apropriações do piso térreo.



(377)



Bairro da Pasteleira
(378) Espaços para por a roupa a secar.



(379)



(380) Apropriações das caixas de escadas.



(381)



(382) Apropriações das galerias.



(383)



(384)



(385)



(386)



(387)



Bairro São Roque da Lameira
(388) Usos e apropriações nos volumes não reabilitados.



(389) Usos e apropriações nos volumes reabilitados.





Bairro Fonte da Moura
(390) Zonas de estendal comum.

(391)





Bairro de Aldoar
(392) Mantém-se o hábito de estender a roupa em cordas. (393) Zonas de estendal comum não utilizadas.





(394)

(395)

Mantém-se também o hábito de estender a roupa nas caixas de escada.





Bairro de Lordelo
(396) Não se vê roupa a secar.

(397) As grelhas permitem 'esconder' esses usos.





(398)

(399) Mantém-se algumas formas de exteriorização no piso térreo.





Bairro do Lagarteiro
(400) Limpeza dos volumes já reabilitados.

(401) Usos mantém-se nos volumes não reabilitados.





(402)

(403)

Em contraposição a esta forma de reabilitar que tem marcado as intervenções da cidade do Porto, salienta-se agora uma intervenção feita em França, num edifício de habitação social dos anos 60.

A transformação feita na Torre Bois-le-Prêtre, em Paris, entre 2005 e 2011 pelos arquitetos Lacaton & Vassal mostra uma forma diferente de encara este processo. Esta torre, construída na década de 60 *pertence a um conjunto de edifícios de habitação de grande altura (50m) edificados junto a um boulevard periférico no norte de Paris*[304]. Este edifício, na sua forma original, possuía varandas recuadas, que numa reabilitação feita na década de 80 haviam sido encerradas e as aberturas reduzidas a pequenas janelas que prejudicaram em grande medida a iluminação e as vistas das habitações. Esta posição em relação às varandas é muito semelhante aquela que tem sido utilizada nas propostas de reabilitação dos bairros do Porto.

Este edifício, duas décadas mais tarde, volta a ser alvo de um projeto de reabilitação. Neste caso a opção quanto aos espaços de transição passou por uma reabertura, prolongando gradualmente a habitação até ao exterior e favorecendo uma iluminação mais eficaz dos fogos. Há uma substituição da fachada existente pelos chamados 'jardins de inverno', o que permite acrescentar dois espaços à habitação, um primeiro, para lá do limite da casa mas ainda interior e um segundo, já de contacto com o exterior[305]. Estes habitantes ganham assim um espaço ainda interior, que muitos acabam por utilizar como espaço de estar, de comer, arrumos, e outro, já exterior, que permite uma relação com o 'ar livre' e com a envolvente[306].

Neste caso há um verdadeiro prolongamento da casa para o exterior, o que acaba por valorizar o conjunto no interior sem o prejudicar a 'imagem' exterior. As varandas não têm um caracter de arrumo ou anexo, uma vez que existe já um espaço contiguo que permite esse tipo de usos, sendo aqui espaços de contacto com o exterior e valorizadas por isso. A reabilitação vai muito além da imagem e qualidade construtiva do conjunto, há uma reabilitação do interior em conjugação com o exterior, que acaba por ser valorizadora de ambos, assim como incentivadora de novos usos e formas de apropriação.

Em jeito de conclusão, destacamos que existem diferentes formas de encarar estes espaços de transição e a sua reabilitação está muito dependente de uma série de fatores, não só arquitetónicos mas também económicos e sociais. O facto de se encerrar uma varanda tem repercussões não só no exterior mas também no interior. Estes elementos são fundamentais para questões como escala, composição de alçado e relação do habitante com o exterior. O seu encerramento pode acrescentar um espaço extra à habitação, mas ao mesmo tempo, prejudica a iluminação, ventilação do fogo e não possibilita um espaço de exteriorização. As formas de habitar um determinado espaço, de se relacionar com o exterior e com a envolvente são diferentes se tivemos uma janela de correr ou uma porta que abre para uma varanda.

De salientar essa necessidade destes espaços de prolongamento da casa para o exterior, espaços muitas vezes considerados pelos habitantes como valorizadores do conjunto. O seu encerramento pode contribuir, em parte, para uma uniformização da 'imagem' do conjunto, mas uma população que sempre teve presente este elemento, cria hábitos, formas de habitar, que podem ser postas em causa com essa opção[307]. Existem usos comuns, vivências diárias, que não se alteram com o encerramento da varanda, são modeladores do dia-a-dia e devem ser tomados em consideração.

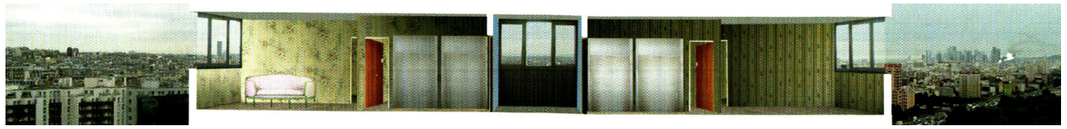
As reabilitações devem ter em igual consideração o interior e o exterior, o exemplo da reabilitação dos arquitetos Lacaton & Vassal demonstra como se pode valorizar os dois domínios, acrescentar novos espaços e ao mesmo tempo, aumentar a satisfação dos habitantes para com a sua casa. É neste aspeto que se questiona a legislação em vigor, uma legislação que limita as às áreas e inclui os espaços de contacto com o exterior nesses valores, impede que soluções como estas sejam postas em prática. Deveriam estes espaços deixar de ser contabilizados? Deveria deixar de haver um limite em termos de áreas, havendo apenas uma restrição em termos de custo?

[304] [84] Pág. 58
(...) pertenece a un conjunto de edificios de vivienda de gran altura (50m) edificados junto al bulevar periférico en el norte de París.

[305] Esta solução só será possível porque em França não existe regulamentação que imponha áreas mínimas e máximas para a habitação social, ao contrário do que acontece em Portugal. Há assim uma maior liberdade que permite soluções deste tipo.

[306] Para além disso, todos estes usos e vivências destes espaços podem ser feitos em contacto com o exterior, uma vez que as portas são de correr a toda a altura do fogo, o que permite uma relação gradual entre o interior e o exterior.

[307] Por exemplo, quem desenvolveu o hábito de pôr a roupa a secar no exterior, vai continuar a faze-lo mesmo sem varanda, as formas de o exteriorizar é que variam, as cordas entre janelas, os entendais comuns, são tudo opções que procuram manter esse hábito.



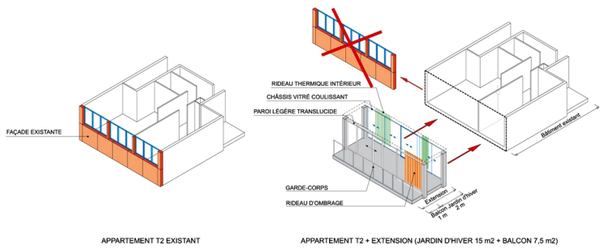
(404) Existente



(405) Trasnsformação



(406) Estado Final



(407) Esquema da alteração das fachadas.



(408) Corte da fachada existente/fachada recuperada.



(409)
Fachada nos anos 60.



(410)
Fachada nos anos 90.



(411)
Fachada no processo de recuperação.



(412)
Fachada na atualidade..



(413) Fachada com as janelas que resultaram do encerramento das *loggias*.



(414) Fachada no processo de recuperação e transformação em jardins de inverno.



(415) Fachada do quarto, antes da intervenção.



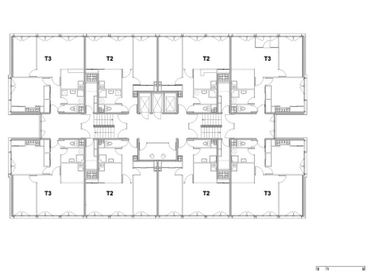
(416) Fachada da sala, antes da intervenção.



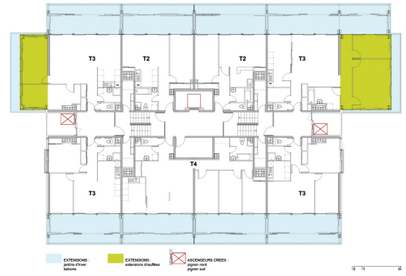
(417) Jardim de Inverno num hotel Francês.
Arq. F. Ollivier



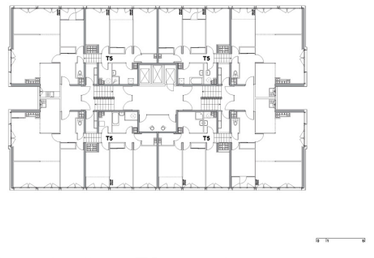
(418) Fachada da sala, em transformação.



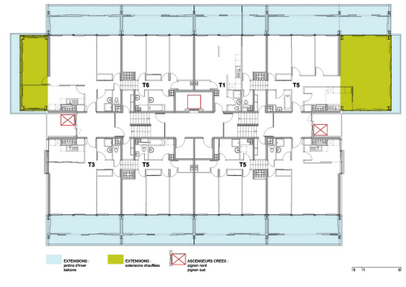
(419) Planta dos fogos T2/T3, antes da intervenção.



(420) Planta dos fogos T2/T3, depois da intervenção.



(421)Planta dos fogos T5, antes da intervenção.



(422) Planta dos fogos T5, depois da intervenção.

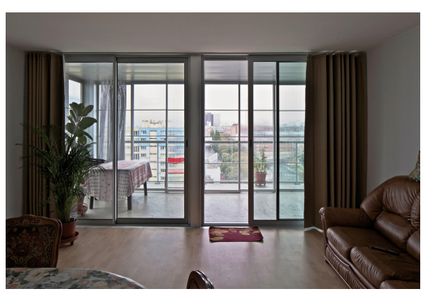


(423) Interior de um compartimento, antes da intervenção.









(424) Interior dos compartimentos, depois da intervenção.





















(425) Usos e vivências dos 'jardins de inverno'.

(426) Relação entre interior e exterior.

9_CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho destaca-se a varanda como espaço de transição entre o interior e exterior, com fortes repercussões na 'imagem' do edifico mas também no interior da habitação. A varanda, para além de ser um espaço de contacto com o exterior, permite valorizar o espaço interior da habitação com o qual se relaciona. Esta posição 'entre' permite também que este seja o elemento primordial para os habitantes se expressarem para lá dos limites da casa e relacionarem com a sua envolvente. Em Portugal, com um clima ameno e tantas horas de sol, deve-se valorizar essa possibilidade de contactar com o exterior, assim como os usos, vivências e dinâmicas, que fomos referindo ao longo do trabalho, que dependem desse contacto.

A história da habitação demonstra como este elemento foi sendo progressivamente valorizado e ganhou novos significados, desde a varanda representativa até à varanda como espaço de estar, este foi sempre um espaço de relação entre o interior privado da casa e o exterior público do contexto urbano.

Tendo em conta a habitação plurifamiliar de interesse social a custos controlados, destaca-se que a imposição dos custos controlados não deve ser limitadora no momento de decisão quanto à presença ou ausência de uma varanda. O custo controlado deriva acima de tudo das opções de projeto, mas não a esse nível. A economia da construção, assim como as limitações do projeto, não podem ser castradoras na opção de ter ou não varanda.

A varanda continua a ser usada, vivida, valorizada, é por isso necessário ter em conta o programa (habitação económica), o contexto urbano e a população para quem se projeta de forma a perceber como se deve integrar este elemento para que seja rentabilizado ao máximo. Ela pode ser uma varanda individual ou corrida, recuada ou projetada, de pequenas ou grandes dimensões, pode variar a sua forma, materialidade, localização, mas acima de tudo, este deverá ser sempre um espaço de prolongamento da casa para o exterior.

As intervenções de reabilitação feitas nos bairros dos anos 60, os conjuntos mais recentes feitos ao abrigo do PER, assim como os próprios edifícios de habitação plurifamiliar correntes, têm posto em causa esse prolongamento natural da casa. Quando se opta por não incluir a varanda deve-se ter em conta todas as questões anteriormente referidas que alertam para a pertinência deste elemento.

As varandas não devem ser uma 'questão de estatuto', as grandes varandas corridas, que percorrem toda a fachada dos edifícios de luxo virados ao mar, ou ao rio, são muitas vezes fatores de publicidade, valorizadoras do empreendimento e do estatuto da população que habita estes conjuntos. Defende-se que na habitação corrente, e até mesmo na habitação de custos controlados, este elemento deverá ser considerado como valorizador do conjunto e não prejudicial para a sua 'imagem'.

Questiona-se a opção cada vez mais frequente de não integrar as varandas em edifícios de habitação plurifamiliar, procurando salientar a importância que este elemento sempre teve ao longo da história, a sua relação com o espaço da casa, do edifício, do contexto urbano e os seus usos e apropriações que refletem os modos de habitar. O contacto com o exterior continua a ser valorizado, pelo que por em causa a varanda pode também por em causa uma série de vivências, práticas, hábitos, que pela sua impossibilidade de expressão podem levar a uma imagem negativa da casa e do próprio edifício por parte dos seus habitantes.

A varanda é um elemento fundamental na história da habitação e na relação do habitante com a sua casa, pelo que se deverá procurar a sua preservação e não exclusão.

10_BIBLIOGRAFIA:

[1] AIRÈS, Philippe, DUBY, Georges, *História da vida privada*, Porto, Edições Afrontamento, 1984

[2] BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 1998

[3] BAPTISTA, Luís V., *Cidade e habitação social*, Oeiras, Celta, 1999

[4] BARBEY, Gilles, *L'evasion domestique: essai sur les relations d'affectivité au logis*, Lausanne, Presses Polytechnique set Universitaires Romandes, 1990

[5] BARROS, Carlos Pestana, *A habitação e a reintegração social em Portugal*, Lisboa, Ed. Vulgata, 1997

[6] BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, *Portugal: arquitectura do século XX*, Munchen, Prestel, 1997

[7] BENEVOLO, Leonardo, *A cidade e o Arquitecto*, Lisboa, Edições 70, 1998

[8] BENOIST, Luc, *Signos, símbolos e mitos*, Lisboa, Edições 70, 1999

[9] CABRITA, António Manuel, *Boa habitação. Do conhecimento à gestão da qualidade*, Lisboa, M.O.P.T.C., 1987

[10] CABRITA, António M. Reis, *O homem e a casa: definição individual e social da qualidade da habitação*, Lisboa, LNEC, 1995

[11] Câmara Municipal do Porto, *Plano de salubrização das "ilhas" do Porto*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1956

[12] Câmara Municipal do Porto, *Plano de Melhoramentos: 1956-1966*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1966

[13] Câmara Municipal de Lisboa, *Habitação Lisboa, 92*, Lisboa, Sociedade Tipográfica, 1992

[14] Câmara Municipal de Oeiras, Instituto Nacional de Habitação, *Bairros sociais: novos rumos, novas realidades*, Oeiras, C.M.I.N.H., 1990

[15] CHOAY, Françoise, *O Urbanismo: utopias e realidades: uma antologia*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2000

[16] COELHO, António Baptista, *Do Bairro e da Vizinhança à Habitação: tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais*, Lisboa, LNEC, 1998

[17] COELHO, António Baptista, Habitação de interesse social em Portugal, 1988-2005, Lisboa, Livros Horizonte, 2009

[18] COELHO, António Baptista, *20 anos a promover a construção de habitação social: 1984-2004*, Lisboa, Instituto Nacional de Habitação, 2006

[19] COLLIGNON, Béatrice, STASZAK, Jean-François, *Espaces Domestiques: construire, habiter, représenter,* Paris, Bréal Éditions, 2002

[20] Congrés International de L'Habitation et de L'Urbanisme, *Le probléme de l'habitation au Portugal/ XXIeme Congrés International de L'Habitation et de L'Urbanisme*, Lisboa, C.I.H.U., 1952

[21] Congresso Nacional de Arquitectura, *1º Congresso Nacional de Arquitectura*, Lisboa, Oredem dos arquitectos, 2008

[22] CURTIS, William, Modern architecture since 1900, New York, 2003

[23] DUMONT, Marie-Jeanne, *Le logement social à Paris: Les Habitations à Bon Marché*, Liege, Pierre Mardaga, 1991

[24] ELEB, Monique, *Architecture de la vie privée: maisons et mentalités: XVIIe-XIX siècles*, Bruxelles, AAM, 1999

[25] ELEB, Monique, *L'invention de l'habitation moderne: Paris, 1880-1914*, Paris, Hazan, 19??

[26] ELEB, Monique, *Penser L'habité: le logement en questions*, Paris, Pierre Mardaga, 1990

[27] ELEB, Monique, *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*, Paris, Ed. De l'Épure, 1997

[28] EKAMBI-SCHMIDT, Jézabelle, *La percepción del hábitat*, Barcelona, GG, 1974

[29] FERNADES, Fátima, CANNATÀ, Michele, *Habitação contemporânea: formas de habitar*, Porto, Edições Asa, 1972

[30] FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura portuguesa: uma síntese*, Lisboa, INCM, 2006

[31] FERREIRA, José António, *As ilhas, as colónias operárias e os bairros de casas económicas*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 2000

[32] FERREIRA, José António, *Habitação Social no Porto*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1999

[33] GIROULT, Eric, *Conferência sobre higiene da habitação*, Lisboa, LNEC, 1989

[34] HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*, Rotterdam, 010 Publishers, 1991

[35] KENT, Susan, *Domestic architecture and the use of space*, Cambridge, University Press, 1990

[36] KLEIN, Alexander, *Vivienda mínima: 1906-1957*, Barcelona, GG, 1980

[37] LAUWE, Paul-Henry Chombart de, *Famille et Habitation*, Paris, C.N.R.S., 1960-1967

[38] LEITÃO, Maria da Conceição, Edifícios de habitação social: condicionamentos impostos e economias possíveis, Lisboa, F.F.H., 1985

[39] LLANO, Pedro de, CASTANHEIRA, Carlos, *Álvaro Siza: obras e projectos*, Madrid, C.G.A.C., 1995

[40] MARTINS, António Carvalho, *Construções e edificações: abertura de janelas, portas, varandas, e obras semelhantes, servidão de vistas, frestas, seteiras ou óculos para luz e ar, janelas gradadas, estilicídio*, Coimbra, Coimbra Editora, 1990

[41] MATTOSO, José, MONTEIRO, Nuno Gonçalves, *História da vida privada em*

Portugal: a idade moderna, Maia, Círculo de leitores, 2011
[42] MATTOSO, José, VAQUINHAS, Irene, *História da vida privada em Portugal: a época contemporânea*, Maia, Círculo de leitores, 2011

[43] Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, *Recomendações técnicas para a habitação social,* despacho do ministro do Equipamento Social, publicado no Diário da República, 2ª série, nº58, ed. 14 de Fevereiro, 1985, Lisboa, M.O.P.T.C., 1986

[44] MOLEY, Christian, *L'immeuble en formation, Genèse de l'habitat collectif et avatars intermédiaires*, Paris, Mardaga, 1991

[45] MONTANER, Josep Maria, *A modernidade superada: arquitectura, arte e pensamento do século XX*, Barcelona, Gustavo Gili, 2001

[46] MONTEYS, Xavier, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, Barcelona, GG, 2001

[47] NORBERG-SCHULZ, Cristian, *Habiter: vers une architecture figurative*, Milan, Electa, 1985

[48] OVERY, Paul, *Light, air and openness: modern architecture between the wars*, Londres, Thames & Hudson, 2007

[49] PEREIRA, Nuno Teotónio, *Escritos: 1947-1996*, Porto, Faup Publicações, 1996

[50] PEREIRA, Paulo, *História da arte portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995

[51] PIMENTA, Manuel, FERREIRA, José António, *As "ilhas" do Porto- Estudo Socioeconómico*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 2001

[52] PIMENTA, Manuel, *Estudo socioeconómico da habitação social: Porto*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 2001

[53] PINSON, Daniel, *Arquitectura e Modernidade*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000

[54] PINSON, Daniel, *Usage et architecture*, Paris, Editions L'Harmattan, 1993

[55] PORTAS, Nuno, *A habitação social: proposta para a metodologia da sua arquitectura*, Porto, Faup Publicações, 2004

[56] PORTAS, Nuno, *Funções e exigências de áreas de habitação*, Lisboa, LNEC, 1969

[57] RODRIGUES, António Jacinto, *Álvaro Siza: obra e método*, Porto, Civilização, 1992

[58] RYBCZYNSKI, Witold, *La casa: história de una idea*, Madrid, Nerea, 1997

[59] SCHOONBRADT, René, *Sociologie de l'habitat social: comportment des habitants et architecture des cités*, Bruxelles, Archives d'Architecture Moderne, 1979

[60] TAVARES, André, *A Arquitectura antituberculose: trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, Porto, Faup Publicações, 2004

[61] TÁVORA, Fernando, *Páginas Brancas II*, Porto, A.E.F.A.U.P., 1991

[62] TEIXIERA, Manuel C., *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*, Lisboa, F.C.G., 1996

[63] TOSTÕES, Ana, *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, Porto, Faup Publicações, 1997

[64] TRIGUEIROS, Luiz, BARATA, Paulo Martins, *Álvaro Siza: 1954-1976*, lisboa, Blau, 1997

[65] VENTURI, Robert, *Complejidad y contradicción en la arquitectura*, Barcelona, Gustavo Gili, 1978

[66] VIGARELLO, Georges, *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*, Lisboa, Fragmentos, 1988

[67] VIEIRA, Álvaro Siza, *Álvaro Siza: obras y proyetos, 1954-1992*, Barcelona, Gustavo Gili, 1993

[68] VILLANOVA, Roselyne, *Casas de sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal*, Lisboa, Salamandra, 1995

[69] ZEVI, Bruno, *Saber ver a arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 1996

PROVAS FINAIS / PROVAS DE DOUTORAMENTO / DISSERTAÇÕES DE MESTRADO:

[70] BESSA, Rita, *O espaço 'entre' o bairro e a cidade*, Docente acompanhante Prof. Luís Viegas, Porto, Faup, 2011

[71] LOPES, Carlos Nuno Lacerda, *Projeto e Modos de Habitar*, Porto, Faup, 2007

[72] GUIMARÃES, Maria Filipa, *Do social edificado: bases para uma proposta de reabilitação do bairro de São Vítor*, Docente acompanhante Prof. Rui Póvoas, Porto, Faup, 2009

[73] MARC, Pierre, *Quel cite, ce balcon. Le balcon et la loggia dans le logement collectif*, Ecole National Supérieure d'Architectura de Montpeller, 2012

[74] MOSCA, Pedro Miguel, *O processo participativo na habitação social: o desfasamento cliente-utente*, Docente acompanhante Prof. Rui Braz Afonso, Porto, Faup, 2003

[75] NETO, Pedro, *Bairro de Lata: inspiração em tempos de crise?*, Docente acompanhante Prof. Álvaro Domingues, Porto, Faup, 2009

[76] REIS, Nuno, *O saguão na habitação urbana: O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*, Docente acompanhante Dr. Carlos Silva Lameiro, Lisboa, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica da Lisboa, 2009

[77] SILVESTRE, Hugo, *Casa para todos: habitação para populações carenciadas*, Docente acompanhante Prof. Rui Póvoas, Porto, Faup, 2009

PUBLICAÇÕES:

[78] Análise Social: *Revista de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, nº 127 (1994)

[79] ANDRADE, Álvaro Fernandes, *Entre a Casa e a Cidade, "résidentialisation": espaços intermédios na habitação social francesa*, In Resdomus, Publicação autónoma do Grupo de Investigação Atlas da Casa (CEAU- FCT), FAUP, Porto, 2013

[80] BRANDÃO, Helena; MOREIRA, Angela, *A varanda como espaço privado e espaço público no ambiente da casa,* In Revista Vitruvius, 9 Novembro (2008)
[81] CABRITA, António Manuel Reis, *1º Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono*, Lisboa, Argumentum (2010)

[82] FERREIRA, António Fonseca, *Sociedade e Território: Revista de Estudos Urbanos e Regionais*, Porto, Edições Afrontamento, nº 20

[83] FERREIRA, António Fonseca, *Sociedade e Território: Revista de Estudos Urbanos e Regionais*, Porto, Edições Afrontamento, nº 25/26, Fevereiro (1998)

[84] GILI, Mónica, *2G: Revista Internacional de Arquitectura*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, (19…)

[85] MAGALHÃES, Maria Madalena, *A indústria do Porto na primeira metade do séc. XIX*, In Revista da Faculdade de Letras- Geografia, Porto, volume IV (1988)

[86] MATOS, Fátima Loureiro, *Algumas reflexões sobre o PER no Grande Porto*, In Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa - Portugal: Territórios e Protagonistas, APG (2006)

[87] PINSON, Daniel, *Usage*, In Les cahiers de la Recherche architecturale et urbaine, L'espace anthropologique, Paris, Monum Editions du Patrimoine, 2007, nº 20/21

[88] PINTO, Jorge Ricardo, *A expansão (sub) urbana no Porto Romântico. O caso da freguesia do Bonfim,* In Percursos e ideias, Revista Científica do ISCET, Porto, 2011/2012, nº 3&4

[89] QUEIRÓS, João, *Ciência, política e habitação social. Alguns contributos da sociologia francesa para uma redefinição da sua relação*, In Resdomus, Publicação autónoma do Grupo de Investigação Atlas da Casa (CEAU- FCT), FAUP, Porto, 2013

[90] WACQUANT, Loïc, *Esclarecer o Habitus*, In Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da universidade do Porto, Porto, 2007, volume 14

[91] TAVARES, Maria, *Leituras da produção [moderna] da casa: as HE nos anos 50 e 60 em Portugal*, In Resdomus, Publicação autónoma do Grupo de Investigação Atlas da Casa (CEAU- FCT), FAUP, Porto, 2013

[92] TOUSSAINT, Michel, *Jornal dos Arquitectos*, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, nº 232, Novembro de 2008

DICIONÁRIOS:

[93] Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Volume I*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001

[94] Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Volume II*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001

[95] SILVA, Jorge Henrique, *Dicionário de termos de arte e arquitectura*, Lisboa, Presença, 2005

[96] MACHADO, José Pedro, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989

LEGISLAÇÃO:

[97] Portaria nº 580/83 de 17 de Maio, Diário da República - I Série – Nº 113 – 17-5-1983

[98] Decreto-Lei 163-73 de 7de Maio, Diário da República - I Série A, Nº 106 – 7-5-1993

[99] Portaria nº 500/97de 21 de Julho, Diário da República - I Série B, Nº 166 – 21-7-1997

[100] Decreto-Lei 271-2003 de 28 outubro 2003, Diário da República - I Série A, Nº 250 – 28 de Outubro de 2003

[101] Portaria nº 1240/2008 de 31 de Outubro, Diário da República - I Série – Nº 212 – 31 de Outubro de 2008

PÁGINAS WEB:

[102] http://plataformaartigo65.org/?p=303 (consultado em 10/07/2012)

[103]http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/habitacao/programasapoio/per.html (consultado em 11/07/2012)

[104]http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/02/os-bairros-sociais-no-porto-iv-parte-2.html (consultado em 11/07/2012)

[105]http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/12/os-bairros-sociais-do-porto-ii.html (consultado em 13/07/2012)

[106]https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/638189/1/dissertacao_tudo_.pdf(consultado em 01/08/2012)

[107]http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00025032 (consultado em 13/08/2013)

[108] http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=370 (consultado em 01/08/2012)

[109]http://infohabitar.blogspot.pt/2007/03/o-conjunto-de-habitaes-sociais-do-monte.html (consultado em 30/08/2012)

[110]http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/1337 (consultado em 30/08/2012)

[111]http://www.lemoniteur.fr/153-profession/article/actualite/20648282-la-transformation-de-la-tour-bois-le-pretre-vue-par-anne-lacaton (consultado em 04/04/2013)

[112] http://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=56 (consultado em 05/04/2013)

[113]http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/02/os-bairros-sociais-no-porto-iv-parte-2.html (consultado em 02/06/2013)

[114] https://www.facebook.com/casanabouca?fref=ts (consultado em 28/08/2)

11_CRÉDITO DE IMAGENS

1) [51] Pág. 11
2) [31] Pág. 3
3) [31] Pág. 8
4) [32]
5) [31] Pág. 17/19/20
6) [51] Pág. 12
7) [32]
8) Google maps
9) Produção própria
10) Produção própria
11) Produção própria
12) Produção própria
13) Produção própria
14) [25] Pág. 266
15) [30] Pág. 197
16) [30] Pág. 123
17) Produção própria
18) Produção própria
19) [25] Pág. 269
20) [46] Pág. 139
21) [46] Pág. 143
22) [25] Pág. 253
23) [1] Pág. 331
24) [34] Pág. 38
25) [30] Pág. 122
26) [30] Pág. 206
27) [26] Pág. 161
28) [46] Pág. 137
29) [48] Pág. 118
30) [29] Pág. 203
31) [27] Pág. 228
32) [41] Pág. 252
33) Produção própria
34) [24] Pág. 86
35) [42] Pág. 384
36) [1] Pág. 59
37) [1] Pág. 492
38) [58] Pág. 220
39) Produção própria
40) Produção própria
41) [1] Pág. 313
42) [1] Pág. 351
43) [41] Pág. 271
44) [42] Pág. 33
45) [41] Pág. 251
46) [42] Pág. 35
47) [68] Pág. 117
48) [68] Pág. 135
49) [68] Pág. 127
50) [68] Pág. 122
51) [68] Pág. 128
52) [68] Pág. 128/129
53) Produção própria
54) Produção própria
55) Produção própria
56) Produção própria
57) Produção própria
58) [49] Pág. 44
59) [23] Pág. 68
60) [48] Pág. 128
61) [46] Pág. 135
62) [60] Pág. 188
63) [1] Pág. 371
64) [4] Pág. 77
65) [24] Pág. 151
66) [24] Pág. 148
67) [4] Pág. 77
68) [24] Pág. 136
69) [4] Pág. 78
70) [23] Pág. 64
71) [37] Pág. 54
72) [37] Pág. 54
73) [1] Pág. 113
74) Google maps
75) [32]
76) [32]
77) [32]
78) Produção própria
79) [25] Pág. 462
80) Produção própria
81) Produção própria
82) Produção própria
83) Produção própria
84) Produção própria
85) Produção própria
86) Produção própria
87) Produção própria
88) [37] Pág. 166
89) [29] Pág. 42
90) Produção própria
91) [63] Pág. 285
92) [63] Pág. 285
93) Produção própria
94) Produção própria
95) Produção própria
96) [22] Pág. 442
97) [4] Pág. 84
98) [4] Pág. 82
99) [4] Pág. 83
100) [22] Pág. 439
101) [22] Pág. 438
102) [23] Pág. 65
103) [16] Pág. 469
104) [16] Pág. 468
105) [16] Pág. 72
106) [25] Pág. 33
107) Produção própria
108) Produção própria
109) Produção própria
110) Produção própria
111) Produção própria
112) Produção própria

113) Produção própria
114) Produção própria
115) Produção própria
116) Produção própria
117) Produção própria
118) Produção própria
119) Produção própria
120) Produção própria
121) Produção própria
122) [25] Pág. 274
123) [23] Pág. 72
124) [25] Pág. 282
125) [22] Pág. 439
126) [35] Pág. 88
127) [25] Pág. 283
128) Produção própria
129) Produção própria
130) Produção própria
131) [60] Pág. 269
132) [37] Pág. 177
133) Produção própria
134) Produção própria
135) [35] Pág. 89
136) [16] Pág. 117
137) [16] Pág. 159
138) [34] Pág. 34
139) [34] Pág. 40
140) Produção própria
141) Google maps
142) Google maps
143) Produção própria
144) Produção própria
145) [28] Pág. 104
146) Produção própria
147) Produção própria
148) Produção própria
149) Produção própria
150) [28] Pág. 109
151) [28] Pág. 112
152) Produção própria
153) Produção própria
154) Produção própria
155) Produção própria
156) [16] Pág. 239
157) [16] Pág. 257
158) [22] Pág. 441
159) Produção própria
160) Produção própria
161) Produção própria
162) Produção própria
163) Produção própria
164) Produção própria
165) Produção própria
166) Produção própria
167) Produção própria
168) Google maps
169)Produção própria
170) Produção própria
171) [16] Pág. 126
172) [16] Pág. 128
173) [25] Pág. 179
174) [56] Pág. 72
175) [16] Pág. 463
176) [22] Pág. 440
177) Produção própria
178) [114]
179) Google maps
180) Desenho do Arq. Hélder Casal Ribeiro.
181) [32]
182) [32]
183) [32]
184) [32]
185) Produção própria
186) Produção própria
187) Produção própria
188) Produção própria
189) Desenho do Arq. Hélder Casal Ribeiro
190) Desenho do Arq. Hélder Casal Ribeiro
191) Desenho do Arq. Hélder Casal Ribeiro
192) [108]
193) [61] Pág. 120
194) [61] Pág. 120
195) [61] Pág. 122
196) [61] Pág. 123
197) [18] Pág. 328
198) [18] Pág. 329
199) Produção própria
200) Produção própria
201) Produção própria
202) Produção própria
203) Produção própria
204) [17] Pág. 241
205) [18] Pág. 212
206) [18] Pág. 212
207) [18] Pág. 213
208) Produção própria
209) Produção própria
210) Produção própria
211) Produção própria
212) Produção própria
213) Produção própria
214) Produção própria
215) Produção própria
216) Produção própria
217) Produção própria
218) Produção própria
219) Produção própria
220) Produção própria
221) [108]
222) Produção própria
223) Produção própria
224) Produção própria
225) Produção própria
226) Produção própria
227) Produção própria
228) Produção própria

229) Produção própria
230) Produção própria
231) Produção própria
232) Produção própria
233) Produção própria
234) Produção própria
235) Produção própria
236) Produção própria
237) Produção própria
238) Produção própria
239) Produção própria
240) Produção própria
241) Produção própria
242) Produção própria
243) Produção própria
244) Produção própria
245) Produção própria
246) Produção própria
247) Produção própria
248) Produção própria
249) Produção própria
250) Produção própria
251) Produção própria
252) Produção própria
253) Produção própria
254) Produção própria
255) Produção própria
256) Produção própria
257) Produção própria
258) Produção própria
259) Produção própria
260) Produção própria
261) Produção própria
262) Desenho do arq. Hélder Casal Ribeiro
263) Produção própria
264) Produção própria
265) Produção própria
266) Produção própria
267) Produção própria
268) Produção própria
269) Produção própria
270) Desenho do arq. Hélder Casal Ribeiro
271) Produção própria
272) Produção própria
273) Produção própria
274) Produção própria
275) Produção própria
276) Produção própria
277) Produção própria
278) Produção própria
279) Produção própria
280) Desenho do arq. Hélder Casal Ribeiro
281) Produção própria
282) Produção própria
283) Produção própria
284) Produção própria
285) Produção própria
286) Produção própria
287) Produção própria
288) Produção própria
289) Produção própria
290) Desenho do arq. Hélder Casal Ribeiro
291) Produção própria
292) Produção própria
293) Produção própria
294) Produção própria
295) Produção própria
296) Produção própria
298) Produção própria
299) Desenho do arq. Hélder Casal Ribeiro
300) Produção própria
301) Produção própria
302) Produção própria
303) Produção própria
304) Produção própria
305) Produção própria
306) Produção própria
307) Produção própria
308) Desenho do arq. Hélder Casal Ribeiro
309) Produção própria
310) Produção própria
311) Produção própria
312) Produção própria
313) Produção própria
314) Produção própria
315) Produção própria
316) Produção própria
317) Produção própria
318) Produção própria
319) Desenho do arq. Hélder Casal Ribeiro
320) Produção própria
321) Produção própria
322) Produção própria
323) Produção própria
324) Produção própria
325) Produção própria
326) Produção própria
327) Produção própria
328) Produção própria
329) Produção própria
330) Desenho do arq. Hélder Casal Ribeiro
331) Produção própria
332) Produção própria
333) Produção própria
334) Produção própria
335) Produção própria
336) Produção própria
337) Produção própria
338) Produção própria
339) Produção própria
340) Produção própria
341) [12] Pág. 34
342) [12] Pág. 42
343) [12] Pág. 45
344) Produção própria
345) Produção própria

346) [12] Pág. 37

347) Produção própria

348) [12] Pág. 45

349) Produção própria

350) Produção própria

351) [12] Pág. 34

352) [12] Pág. 47

353) [12] Pág. 49

354) [12] Pág. 55

355) [12] Pág. 57

356) Produção própria

357) Produção própria

358) Produção própria

359) Produção própria

360) Produção própria

361) Produção própria

362) Produção própria

365) Produção própria

364) Produção própria

365) Produção própria

366) Produção própria

367) Produção própria

368) Produção própria

369) Produção própria

370) Produção própria

371) Produção própria

372) Produção própria

373) Produção própria

374) Produção própria

375) Produção própria

376) Produção própria

377) Produção própria

378) Produção própria

379) Produção própria

380) Produção própria

381) Produção própria

382) Produção própria

383) Produção própria

384) Produção própria

385) Produção própria

386) Produção própria

387) Produção própria

388) Produção própria

389) Produção própria

390) Produção própria

391) Produção própria

392) Produção própria

393) Produção própria

394) Produção própria

395) Produção própria

396) Produção própria

397) Produção própria

398) Produção própria

399) Produção própria

400) Produção própria

401) Produção própria

402) Produção própria

403) Produção própria

404) [84] Pág. 60

405) [84] Pág. 60

406) [84] Pág. 60

407) [112]

408) [112]

409) [112]

410) [112]

411) [112]

412) [112]

413) [112]

414) [112]

415) [112]

416) [112]

417) [25] Pág. 259

418) [112]

419) [112]

420) [112]

422) [112]

423) [112]

424) [112]

425) [112]

426) [112]